

METAFÍSICA
LIVROS IV e VI

ARISTÓTELES

LUCAS ANGIONI

Departamento de Filosofia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

2ª edição

textos Didáticos

nº 45 – SETEMBRO DE 2003

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

SETOR DE PUBLICAÇÕES

ISSN: 1676-7055

Diretor: Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo

Diretor Associado: Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Comissão de Publicações:

Coordenação Geral:

Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Coordenação da Revista Idéias:

Prof. Dr. Marcelo Ridenti

Coordenação da Coleção Idéias:

Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari

Coordenação das Coleções Seriadas:

Prof. Dr. Lucas Angioni

Coordenação da Coleção Trajetória:

Prof. Dr. Armando Boito Jr.

Coordenação da Monografia e Cadernos

da Graduação: Profª Dra. Suely Kofes

Representantes dos Departamentos:

Profª Dra. Suely Kofes – DA, Prof. Dr.

Armando Boito Jr. – DCP, Prof. Dr.

Lucas Angioni – DF, Prof. Dr. Pedro

Paulo A. Funari – DH e Prof. Dr. Marcelo

Ridenti – DS

Representantes dos funcionários do setor:

Marilza A. Silva, Magali Mendes e

Sebastião Rovaris

Representantes discentes: Nádia Cristina

Nogueira (pós-graduação) e Rafael Rodrigues

Testa (graduação)

Setor de Publicações:

Marilza A. da Silva e Magali Mendes.

Gráfica

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcilio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

**SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED**

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão
IFCH/UNICAMP

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal: 6110

CEP: 13083-970 - Campinas - SP

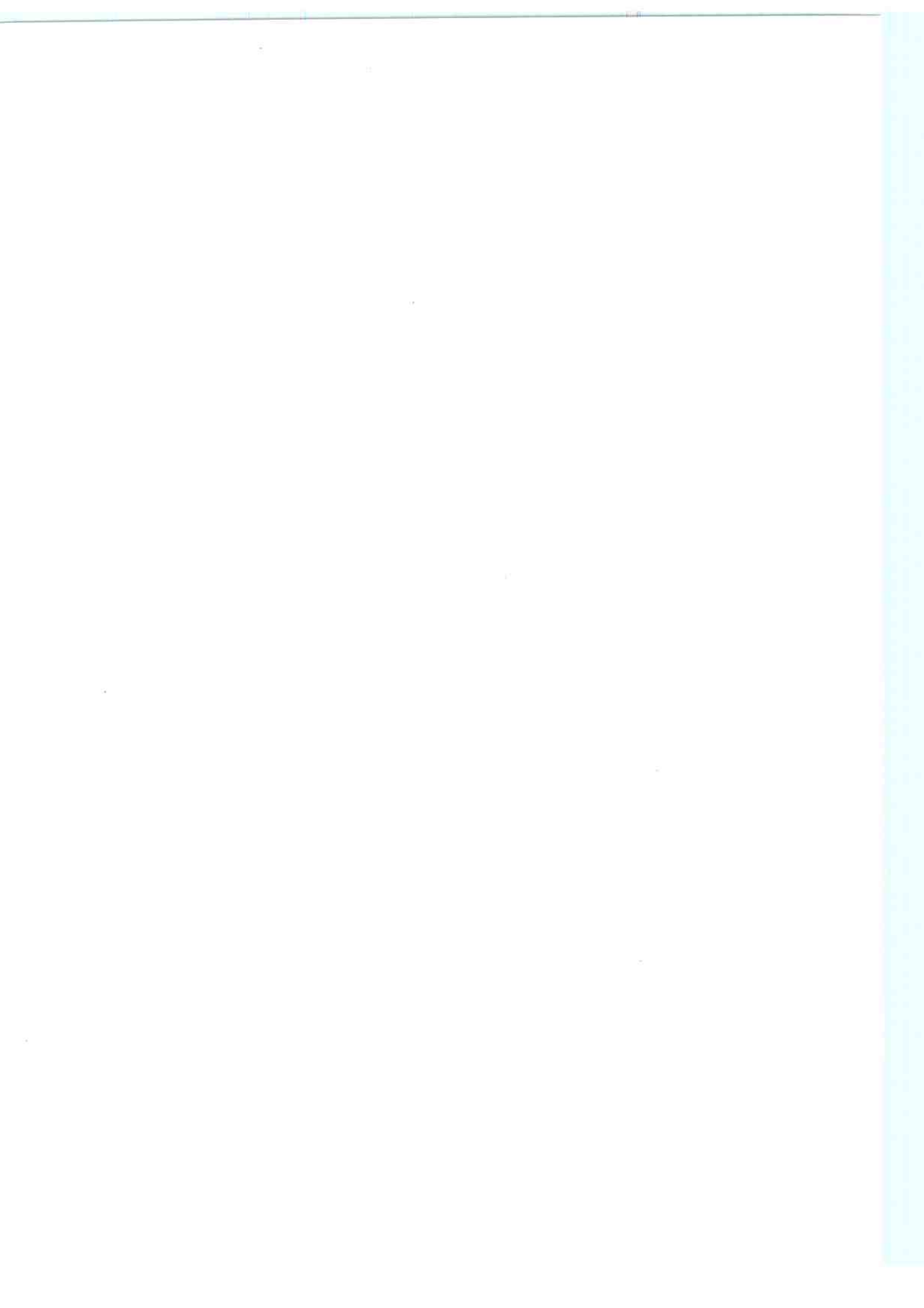
Tel. (019) 3788.1604 / 3788.1603 - Fax: (019) 3788.1589

morewa@unicamp.br – pub_ifch@unicamp.br

<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

SUMÁRIO

Introdução	5
<i>Metafísica</i> , Livro IV	15
<i>Metafísica</i> , Livro VI	93
Notas.....	115
Glossário.....	121
Bibliografia	133



INTRODUÇÃO

No conjunto que constitui a obra hoje conhecida como “Metafísica” de Aristóteles, o livro IV (Gama), juntamente com os livros “centrais” (VII-VIII-IX), ocupa um lugar preponderante. Nele, Aristóteles apresenta e desenvolve o seu projeto de construir uma “ciência do ente enquanto ente”, responsável pelo discernimento dos primeiros princípios e causas, aos quais todos os entes particulares (e, por conseguinte, todas as ciências particulares que deles tratam) estariam igualmente submetidos. A partir da premissa inicial de que “o ente se diz de muitas maneiras” (1003a 33), Aristóteles paulatinamente vai construindo uma “semântica ontológica” preocupada em alinhar, principalmente em defesa do princípio da não-contradição, uma série de distinções e conceitos intrinsecamente conectados entre si. Após essa empreitada – considerando-se o livro V como um “léxico” independente, que não faz parte da progressão argumentativa da *Metafísica* em seu todo –, Aristóteles necessita de uma transição articulada que, a partir do estudo mais geral concernente ao “ente enquanto ente” e seus atributos fundamentais, leve ao estudo mais particular concernente à *ousia* sensível e seus princípios e causas (livros VII-VIII). Essa transição é devidamente efetuada pelo livro VI (Epsilon): nele, após refletir sobre a divisão “arquitetônica” das disciplinas científicas e filosóficas (capítulo 1), Aristóteles assume um outro aspecto da tese de que “o ente se diz de várias maneiras”, a partir do qual retoma alguns resultados apresentados no livro IV, abrindo o caminho para a nova série de investigações que se seguirá.

Assim, com esta tradução preliminar dos livros IV e VI, somada à tradução dos livros VII e VIII (Textos Didáticos nº 42), esperamos deixar à disposição dos alunos de graduação e pós-graduação (bem como outros interessados) parte do “núcleo central” da *Metafísica* aristotélica. Tal como nos volumes que anteriormente publicamos na coleção Textos Didáticos, tivemos por objetivo oferecer um instrumento de trabalho minimamente viável para os cursos de filosofia antiga ministrados na Unicamp. É natural que a presente tradução apresente inúmeras deficiências. No entanto, julgamos de bom arbítrio expor publicamente a nossa *experimentação provisória*, por duas razões: de um lado, estamos convencidos de que a tradução dos textos clássicos da filosofia grega exige uma maturação que necessariamente envolve o aprimoramento sucessivo de tentativas anteriores, devidamente apreciadas e criticadas pelos leitores (tanto os leitores comuns, como os leitores dotados de competência crítica no assunto); de outro lado, temos a convicção de que até mesmo uma tradução preliminar e não-definitiva é extremamente útil para os alunos (sobretudo os da graduação, mas também os da pós-graduação) que queiram se iniciar nos estudos de filosofia antiga, dada a escassez de material disponível em língua portuguesa nessa área.

Não vou me demorar em oferecer uma introdução aos livros aqui traduzidos, pois isso vai além de meus objetivos. Compete-me, no entanto, explicitar os parâmetros e princípios em que me fiei para confeccionar a tradução, assim como prestar contas quanto à seleção do texto grego.

Para quem leu as introduções dos volumes que publiquei anteriormente, corro o risco de me repetir de modo maçante. Mas reitero que tive por objetivo preponderante deixar claro em português, com os recursos próprios de nossa língua, a argumentação que Aristóteles pôde exprimir de maneira muito mais enxuta, com os recursos peculiares da língua grega. É sabido que o tradutor deve almejar “ser fiel” ao texto original, evitando introduzir no

texto traduzido aquilo que não se encontra no primeiro. No entanto, uma crença ingênua nesse ideal de “neutralidade” do tradutor pode nos levar a equívocos igualmente inadequados, ou até mesmo a aberrações, tornando o texto traduzido ininteligível para o leitor comum, que desconheça o texto original.

Quanto a isso, há uma distinção importante a ser considerada. Na tradução, sempre corremos o risco de introduzir no texto traduzido *palavras e expressões lingüísticas* que não encontram correspondentes no original. E igualmente corremos o risco de introduzir no texto traduzido *idéias e argumentos* que não se encontram no original. Esses dois riscos não se encontram automaticamente relacionados. Quero dizer o seguinte: é possível usar no texto traduzido uma palavra que pretensamente não faria violência ao universo de correspondências lexicais tradicionalmente associado ao texto original, mas, mesmo assim, essa palavra poderia deixar escapar o *pensamento* ou a *argumentação* que se nos apresenta. De modo simétrico, é possível utilizar uma palavra muito distante do universo de correspondências lexicais tradicionalmente associado ao texto original, mas, mesmo assim, captar e re-representar de modo claro o pensamento ou a argumentação que o texto original exhibe. E o que foi dito concernente a *palavras* é igualmente (ou ainda mais) válido para toda a sorte de expressões lingüísticas.

Assim, assumi como princípio preponderante tentar não *trair o pensamento e a argumentação* do texto original. É óbvio que o pensamento e a argumentação se constróem mediante palavras e expressões lingüísticas, e não estou aqui advogando uma tese insana que reservasse à expressão lingüística o mero papel de instrumento neutro na transmissão do pensamento. Pelo contrário, muito pelo contrário. Rejeito antes a pretensão de que haja uma correspondência imediata (e biunívoca) entre certos itens lingüísticos e certos pensamentos. O significado de uma palavra (ou de uma expressão lin-

güística qualquer) no texto de Aristóteles não é determinado *a priori* a partir de sua etimologia; pelo contrário, o significado é determinado pelo conjunto de interrelações que a palavra apresenta com diversas outras, na articulação complexa de um texto que pretende *argumentar*, isto é, inferir conclusões a partir de premissas anteriores. Assim, por exemplo, nada garante que a tradução de *eidōs* por “espécie” (adotada por Yebra a partir de razões estritamente etimológicas¹) apreenda melhor o pensamento original de Aristóteles. Ora, o que significa “espécie”, em português? O que tal termo significa, em geral, no léxico filosófico já sedimentado em língua portuguesa? O que ele significa para um leitor que irá se defrontar com o texto aristotélico em português? Ora, o significado de “espécie”, no texto traduzido em português, será o resultado de uma complexa relação entre um certo sentido prévio, que o termo preserva em virtude de razões etimológicas e históricas, e o conjunto de *usos* a que o termo se presta, dentro de uma rede precisa de argumentos. E freqüentemente acontecerá que, se o termo “espécie” for usado unilateralmente para traduzir “*eidōs*”, a tradução deixará escapar o ponto e assim se distanciará do pensamento que o texto original articula.

Mas, na verdade, questões lexicais envolvem apenas uma pequena parte dos problemas de tradução de um texto aristotélico. É muito mais complexa a questão da articulação sintática do texto original. Aristóteles usa e abusa dos recursos que conferem ao grego uma invejável concisão. Não poucas vezes, Aristóteles é obscuro até mesmo para especialistas, familiarizados com seu texto desde longa data. Não obstante, às vezes o texto aristotélico, apesar de enxuto ao extremo, é perfeitamente claro, pois se vale de uma série de recursos que são naturais e mesmo triviais na língua grega: as declinações, os participios, os modos e aspectos verbais, as partículas, etc. Diante

¹ Ver Yebra [1982], p. xxx, xxxi.

desses casos, não tive dúvida: ao invés de levar o leitor ao desespero, na tentativa de compreender uma construção sintática obscura em português, ou no esforço por adivinhar “a palavra que está faltando”, procurei reescrever de modo claro, com os recursos próprios do português, a argumentação que se apresentava claramente articulada no texto original, embora com a consciência que a peculiaridade da língua grega lhe permite.

Buscando parâmetros de comparação para sedimentar os resultados que provisoriamente fui apresentando, utilizei diversas traduções:

- ROSS, David. (1984). *Metaphysics*, in Barnes, J. (ed.), *The Oxford Revised Translation*, Princeton: Princeton Univ. Press.
- KIRWAN, C. (1993). *Metaphysics - Books Γ , Δ and E*, Oxford: Clarendon Press, 2ª ed..
- CASSIN, B. & NARCY, M. (1989). *La décision du sens* (Le livre *Gamma* de la *Métaphysique* d'Aristote), introduction, texte, traduction et commentaire, Paris: Vrin.
- YEBRA, Valentín G. (1982). *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.
- SANTORO, Fernando (coord.). (s/data). *Metafísica, Livro IV*, disponível no endereço eletrônico <http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia>.

As traduções de Kirwan e Cassin/Narcy, mais recentes, apresentam inúmeras vantagens em relação à já clássica tradução de Ross, sobretudo nas opções lexicais. A tradução em português de Santoro foi-me extremamente útil, como amostra de possíveis alternativas de reconstrução sintática do texto aristotélico em nossa língua. Dada a proximidade entre o espanhol e o português, eu poderia dizer o mesmo da tradução de Yebra. No entanto, parece-me que quase todas essas traduções recentes (sobretudo a de Kirwan) deixam transparecer uma aspiração talvez excessiva pela literalidade. É como se a “velha” tradução de Ross lhes parecesse contaminada por defeitos

que deveriam ser evitados a todo custo: um léxico bastante consistente e já “institucionalizado”, mas estranho a Aristóteles; uma onipresente aspiração à clareza, que não hesita em parafrasear o texto e até mesmo inserir na tradução frases inteiras que não se encontram na letra original, desde que isso se afigure propício para oferecer um argumento completo, etc. Assim, no lugar do espírito de “paráfrase”, essas traduções recentes teriam como norma, parece-me, a fidelidade à letra do texto.

No entanto, apesar dos inúmeros méritos dessas traduções mais recentes, sobretudo na renovação lexical, a tradução de Ross preserva ainda a sua importância. Pois, mais do que qualquer outra, ela *sente* o texto de Aristóteles em suas *nervuras vivas*: não apenas na articulação estritamente lógica dos argumentos, mas também na *motivação* de Aristóteles. Mais do que qualquer outro, Ross percebe o *acento* e a *tonalidade* do texto original, pois está devidamente atento à agilidade com que as partículas e modos verbais constroem uma seqüência de pensamento que, em qualquer língua moderna, seria muito mais prolixa. A tradução de Kirwan, por sua vez, oferece soluções lexicais bastante inteligentes, mas às vezes corre o risco de transformar o texto aristotélico em algo que ele não é: um esqueleto sem nervos.

Teço aqui essas apreciações sobre a “velha” tradução de Ross justamente para ressaltar um outro princípio que busquei seguir na tradução. É preciso atinar com o *espírito* do texto aristotélico e reescrevê-lo em português. Hesito falar em “estilo”, pois o modo de confecção do texto aristotélico (“notas de aula”) certamente não reserva nenhum lugar importante para a *estilização*. No entanto, dele resulta um “estilo”, se entendermos por “estilo” um conjunto de idiossincrasias e maneiras recorrentes (não apenas no léxico, mas sobretudo nas formulações sintáticas e na progressão argumentativa), as quais conferem ao texto uma *entonação*, uma *vivacidade* peculiar.

É essa entonação que precisa ser resgatada nas traduções modernas. É preciso que se reencontre, nas traduções, o espírito de pesquisa que motiva o texto aristotélico. Estou longe de ter alcançado resultados satisfatórios nesse terreno, mas espero que essa minha aventura sirva para aprimorar tentativas vindouras.

Em atenção às dificuldades lexicais (terríveis para qualquer tradutor...), ofereço no final deste volume um pequeno glossário, no qual comento algumas alternativas, procuro elucidar alguns problemas e justifico as opções que adotei.

Texto

Para supervisão das variantes de leitura e estabelecimento do texto final a ser traduzido, utilizei as seguintes edições críticas:

- BEKKER, E. (1961). *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter.
- CASSIN, B. & NARCY, M. (1989). *La décision du sens* (Le livre *Gamma* de la *Métaphysique* d'Aristote, introduction, texte, traduction et commentaire), Paris: Vrin.
- JAEGER, Werner. (1957). *Metaphysica*, Oxford: Clarendon Press.
- ROSS, D. (1924). *Aristotle's Metaphysics*, a revised text with introduction and commentary, 2 vols., Oxford: Clarendon Press.

Acrescente-se também:

- YEBRA, Valentín G. (1982). *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.

Para este volume, que não almeja ser mais que uma tradução preliminar, não submeti as variantes do texto grego a um exame tão apurado como fiz com os livros VII e VIII da *Metafísica*. Adotei como base protocolar o texto de David Ross, do qual me distanciei em algumas ocasiões, a partir das indicações contidas em seu próprio aparato crítico e nas demais edições. Na verdade, ao invés de partir de um exame sistemático de todas as variantes, fui verificá-las com mais detalhe apenas quando a dificuldade do próprio texto me ensejou a fazê-lo. Nessa empreitada, foi-me particularmente útil a edição recente de Cassin & Narcy. Gostaria de ter elaborado um modesto aparato crítico (conforme o modelo seguido por algumas edições da Loeb Classical Library) indicando as (poucas) divergências de leitura com relação ao texto base de Ross, mas dificuldades técnicas me impediram de fazê-lo. Além do mais, as divergências de leitura, justificadas nas notas, foram poucas: 1004a 1; 1007b 33; 1010b 2; 1011a 5; 1012b 9 e 1026a 14.

Agradecimentos

O prof. José Cavalcante de Souza merece aqui um agradecimento especial, por ter me acompanhado e me incentivado na leitura dos textos gregos desde a minha graduação e minha pesquisa de iniciação científica.

Marco Zingano e Alberto Alonso Muñoz são responsáveis por boa parte do material bibliográfico que apoiou e mesmo viabilizou a confecção desta tradução. Agradeço-lhes pela generosidade e pelo constante incentivo e encorajamento.

Agradeço também aos alunos de graduação que, desde o primeiro semestre de 2000, sofreram pacientemente ao serem submetidos às primeiríssimas versões, ainda cruas, de algumas partes desta tradução.

Agradeço a Luis Márcio Nogueira Fontes pelo auxílio na revisão final e pela solicitude de inúmeras sugestões.

Agradeço também o permanente apoio de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, Fátima Regina Évora, Francisco Benjamin de Souza Neto, Luiz Roberto Monzani, Fausto Castilho, Luiz Orlandi e Marcos Müller.

Advertência

No corpo da tradução, os asteriscos (*) indicam que, no final do volume, há uma nota a respeito da passagem em questão.

ΤΩΝ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ Γ

1003a 21 1. Ἔστιν ἐπιστήμη τις ἣ θεωρεῖ τὸ ὄν ἢ ὄν καὶ τὰ τούτῳ
 ὑπάρχοντα καθ' αὐτό. αὕτη δ' ἐστὶν οὐδεμίᾳ τῶν ἐν μέρει
 λεγομένων ἢ αὐτῇ· οὐδεμία γὰρ τῶν ἄλλων ἐπισκοπεῖ
 καθόλου περὶ τοῦ ὄντος ἢ ὄν, ἀλλὰ μέρος αὐτοῦ τι ἀποτε-
 μόμεναι περὶ τούτου θεωροῦσι τὸ συμβεβηκός, οἷον αἱ μαθη-
 ματικαὶ τῶν ἐπιστημῶν. ἐπεὶ δὲ τὰς ἀρχὰς καὶ τὰς ἀκρο-
 τάτας αἰτίας ζητοῦμεν, δηλὸν ὡς φύσεώς τινος αὐτὰς
 ἀναγκαῖον εἶναι καθ' αὐτήν. εἰ οὖν καὶ οἱ τὰ στοιχεῖα τῶν
 ὄντων ζητοῦντες ταύτας τὰς ἀρχὰς ἐζήτουν, ἀνάγκη καὶ τὰ
 30 στοιχεῖα τοῦ ὄντος εἶναι μὴ κατὰ συμβεβηκός ἀλλ' ἢ
 ὄν· διὸ καὶ ἡμῖν τοῦ ὄντος ἢ ὄν τὰς πρώτας αἰτίας
 ληπτέον.

2. Τὸ δὲ ὄν λέγεται μὲν πολλαχῶς, ἀλλὰ πρὸς ἓν καὶ
 μίαν τινὰ φύσιν καὶ οὐχ ὁμωνύμως ἀλλ' ὥσπερ καὶ τὸ
 ὑγιεινὸν ἅπαν πρὸς ὑγίειαν, τὸ μὲν τῷ φυλάττειν τὸ δὲ

METAFÍSICA

LIVRO IV

Capítulo 1

[1003a 21] Há uma ciência que estuda o ente enquanto ente e aquilo que lhe pertence em si mesmo. E ela não é idêntica a nenhuma das ciências que se dizem particulares: pois nenhuma das outras examina universalmente a respeito do ente enquanto é ente, mas, tendo recortado uma parte do mesmo, estudam o que decorre a respeito dela, por exemplo, as ciências matemáticas. E uma vez que procuramos as causas e princípios mais elevados, evidentemente é necessário que eles sejam de uma natureza em si mesma. Se, então, também aqueles que procuravam os elementos dos entes procuravam estes princípios, é necessário que também tais elementos sejam do ente não segundo concomitância, mas sim enquanto ele é ente. Por isso, também nós devemos apreender as primeiras causas do ente enquanto ente.

Capítulo 2

[1003a 33] O ente se diz de muitas maneiras, mas com relação a algo uno e a uma natureza única, isto é, não de maneira homônima, mas, pelo contrário, assim como todo e qualquer “saudável” se diz

τῷ ποιεῖν τὸ δὲ τῷ σημεῖον εἶναι τῆς ὑγείας τὸ δ' ὅτι
 1003β I δεκτικὸν αὐτῆς, καὶ τὸ ἱατρικὸν πρὸς ἱατρικὴν (τὸ μὲν
 γὰρ τῷ ἔχειν ἱατρικὴν λέγεται ἱατρικὸν τὸ δὲ τῷ εὐφυὲς
 εἶναι πρὸς αὐτὴν τὸ δὲ τῷ ἔργον εἶναι τῆς ἱατρικῆς),
 ὁμοιοτρόπως δὲ καὶ ἄλλα ληψόμεθα λεγόμενα τούτοις, –
 οὕτω δὲ καὶ τὸ ὃν λέγεται πολλαχῶς μὲν ἀλλ' ἅπαν
 πρὸς μίαν ἀρχήν· τὰ μὲν γὰρ ὅτι οὐσίαι, ὄντα λέγεται,
 τὰ δ' ὅτι πάθη οὐσίας, τὰ δ' ὅτι ὁδὸς εἰς οὐσίαν ἢ
 φθοραὶ ἢ στερήσεις ἢ ποιότητες ἢ ποιητικὰ ἢ γεννητικὰ
 οὐσίας ἢ τῶν πρὸς τὴν οὐσίαν λεγομένων, ἢ τούτων τινὸς
 10 ἀποφάσεις ἢ οὐσίας· διὸ καὶ τὸ μὴ ὄν εἶναι μὴ ὄν φαμεν.
 καθάπερ οὖν καὶ τῶν ὑγιεινῶν ἀπάντων μία ἐπιστήμη ἔστιν,
 ὁμοίως τοῦτο καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων. οὐ γὰρ μόνον τῶν καθ'
 ἐν λεγομένων ἐπιστήμης ἔστι θεωρῆσαι μιᾶς ἀλλὰ καὶ τῶν
 πρὸς μίαν λεγομένων φύσιν· καὶ γὰρ ταῦτα τρόπον τινὰ
 λέγονται καθ' ἓν. δῆλον οὖν ὅτι καὶ τὰ ὄντα μιᾶς θεωρῆσαι

com relação à saúde – um, por preservá-la, outro, por produzi-la, outro, por ser sinal da saúde, outro, por ser capaz de recebê-la –, e também o “medicinal” com relação à medicina (pois um se diz “medicinal” por possuir a medicina, outro, por ser naturalmente bem dotado para ela, outro, por ser operação dela), e poderíamos tomar inclusive outros que se dizem de maneira semelhante a esses casos – assim, do mesmo modo, também o ente se diz de várias maneiras, mas todo ele com relação a um único princípio. Pois uns se dizem entes porque são essências, outros, porque são afecções da essência, outros, porque são processos em direção à essência, ou corrupções, ou privações, ou qualidades, ou fatores que produzem ou geram essência ou algum dos [itens] que se enunciam com relação à essência, ou negações de algum desses ou da essência. Por isso, também dizemos que o não ente é não ente.

[1003b 11] Ora, tal como até mesmo de todos os itens saudáveis há uma ciência única, do mesmo modo também nos outros casos. Pois não apenas dos itens que se dizem segundo algo uno, mas também dos itens que se dizem com relação a uma natureza única há uma ciência única; pois também estes últimos de certo modo se dizem segundo algo uno. Assim, é evidente que compete também a uma ciência única estudar os entes enquanto são entes.

ἢ ὄντα. πανταχοῦ δὲ κυρίως τοῦ πρώτου ἢ ἐπιστήμη, καὶ ἐξ
οὗ τὰ ἄλλα ἤρτηται, καὶ δι' ὃ λέγονται. εἰ οὖν τοῦτ' ἐστὶν ἡ
οὐσία, τῶν οὐσιῶν ἂν δέοι τὰς ἀρχὰς καὶ τὰς αἰτίας ἔχειν
τὸν φιλόσοφον. – ἅπαντος δὲ γένους καὶ αἰσθησις μία ἐνὸς
20 καὶ ἐπιστήμη, οἷον γραμματικὴ μία οὔσα πάσας θεωρεῖ
τὰς φωνάς· διὸ καὶ τοῦ ὄντος ἢ ὃν ὅσα εἶδη θεωρῆσαι μιᾶς
ἐστὶν ἐπιστήμης τῷ γένει, τὰ τε εἶδη τῶν εἰδῶν. εἰ δὴ τὸ
ὄν καὶ τὸ ἐν ταύτῳ καὶ μία φύσις τῷ ἀκολουθεῖν ἀλλή-
λοις ὥσπερ ἀρχὴ καὶ αἷτιον, ἀλλ' οὐχ ὡς ἐνὶ λόγῳ δηλού-
μενα (διαφέρει δὲ οὐθὲν οὐδ' ἂν ὁμοίως ὑπολάβωμεν, ἀλλὰ
καὶ πρὸ ἔργου μᾶλλον)· ταὐτὸ γὰρ εἰς ἄνθρωπος καὶ ἄνθρωπος,
καὶ ὢν ἄνθρωπος καὶ ἄνθρωπος, καὶ οὐχ ἕτερόν τι δηλοῖ κατὰ
τὴν λέξιν ἐπαναδιπλούμενον τὸ εἰς ἄνθρωπος καὶ εἰς ὢν
ἄνθρωπος (δῆλον δ' ὅτι οὐ χωρίζεται οὐτ' ἐπὶ γενέσεως οὐτ'
30 ἐπὶ φθορᾶς), ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τοῦ ἐνός, ὥστε φανερόν ὅτι
ἡ πρόσθεσις ἐν τούτοις ταὐτὸ δηλοῖ, καὶ οὐδὲν ἕτερον τὸ ἐν
παρὰ τὸ ὄν, ἔτι δ' ἢ ἐκάστου οὐσία ἐν ἐστὶν οὐ κατὰ συμβε-
βηκός, ὁμοίως δὲ καὶ ὅπερ ὄν τι· – ὥσθ' ὅσα περ τοῦ ἐνός

[1003b 16] Em todos os casos, a ciência é preponderantemente do primeiro, isto é, daquilo de que os demais dependem, e daquilo através de que se denominam. Ora, se isso é a essência, é preciso que o filósofo detenha os princípios e causas das essências.

[1003b 19] De todo e qualquer gênero único, há uma ciência única (bem como uma percepção única); por exemplo: a gramática*, sendo uma só, estuda todas as vozes. Por isso, também pertence a uma ciência única em gênero estudar todas as formas do ente enquanto ente, e as espécies dessas formas. Assim, se o ente e o um são o mesmo e uma única natureza, porque se acompanham um ao outro – tal como princípio e causa, mas não como se fossem elucidados por um mesmo enunciado definitório – (e não faz nenhuma diferença até mesmo se concebemos semelhantemente deste modo; pelo contrário, seria ainda mais propício) – pois são o mesmo “um homem” e “homem”, assim como “homem que é” e “homem”, e não denunciam respectivamente algo distinto “um homem” e “um homem que é”, duplicados na maneira de enunciar (é evidente que não se separam [sc. o ente e o um] nem na geração, nem na corrupção), e semelhantemente também no caso do um, de modo que é manifesto que o acréscimo, nestes casos, denuncia o mesmo item, e que o um não é nada distinto à parte do ente, e que, além do mais, a essência de cada item é algo uno não segundo concomitância e, semelhantemente, é aquilo que precisamente

εἶδη, τοσαῦτα καὶ τοῦ ὄντος· περὶ ὧν τὸ τί ἐστὶ τῆς αὐτῆς ἐπιστήμης τῷ γένει θεωρῆσαι, λέγω δ' οἶον περὶ ταῦτοῦ καὶ ὁμοίου καὶ τῶν ἄλλων τῶν τοιούτων. σχεδὸν δὲ

1004a 1 πάντα ἀνάγεται τάναντία εἰς τὴν ἀρχὴν ταύτην· τεθεώρηται δ' ἡμῖν ταῦτα ἐν τῇ ἐκλογῇ τῶν ἐναντίων. καὶ τοσαῦτα μέρη φιλοσοφίας ἔστιν ὅσαι περ αἱ οὐσίαι· ὥστε ἀναγκαῖον εἶναί τινα πρώτην καὶ ἐχομένην αὐτῶν. ὑπάρχει γὰρ εὐθύς γέννη ἔχον τὸ ὄν (καὶ τὸ ἔν)· διὸ καὶ αἱ ἐπιστῆμαι ἀκολουθήσουσι τούτοις. ἔστι γὰρ ὁ φιλόσοφος ὥσπερ ὁ μαθηματικὸς λεγόμενος· καὶ γὰρ αὕτη ἔχει μέρη, καὶ πρώτη τις καὶ δευτέρα ἔστιν ἐπιστήμη καὶ ἄλλαι ἐφεξῆς ἐν τοῖς μαθήμασιν. – ἐπεὶ δὲ μιᾶς τάντικείμενα

10 θεωρῆσαι, τῷ δὲ ἐνὶ ἀντίκειται πλῆθος–ἀπόφασιν δὲ καὶ στέρησιν μιᾶς ἐστὶ θεωρῆσαι διὰ τὸ ἀμφοτέρως θεωρεῖσθαι τὸ ἐν οὐ ἢ ἀπόφασιν ἢ ἢ στέρησιν (ἢ <γὰρ> ἀπλῶς λέγομεν ὅτι οὐχ ὑπάρχει ἐκεῖνο, ἢ τινι γένει· ἔνθα μὲν οὖν † τῷ ἐνὶ ἢ διαφορὰ πρόσσεστι παρὰ τὸ ἐν τῇ ἀποφάσει †, ἀπουσία γὰρ ἢ ἀπόφασιν ἐκείνου ἐστίν, ἐν δὲ τῇ στερήσει καὶ ὑποκείμενη τις φύσις γίγνεται καθ' ἣς λέγεται ἢ στέρησις) (τῷ

um certo ente é – por conseguinte*, as formas do ente serão tantas quantas são precisamente as formas do um, a respeito das quais compete a uma ciência genericamente idêntica estudar o *quê é* – quero dizer, a respeito do *mesmo*, do *semelhante* e outros desse tipo. E por assim dizer todos os contrários reduzem-se a este princípio. E isso já foi contemplado* por nós na *Seleção dos Contrários*.

[1004a 2] E as partes da filosofia são tantas quantas são precisamente as essências. Conseqüentemente, é necessário que, entre elas, uma seja primeira, outra, segunda; pois o ente (bem como o um) imediatamente apresenta-se dotado de gêneros e, por isso, também as ciências hão de acompanhá-los. Pois o filósofo é tal como o assim chamado matemático: pois também esta ciência comporta partes e, nas matemáticas, há uma primeira, outra segunda e outras em seguida.

[1004a 9] E uma vez que compete a uma ciência única estudar os opostos, e que ao um se opõe o múltiplo – e compete a uma ciência única estudar a negação e a privação porque, de ambos os modos, estuda-se uma só coisa, da qual é a negação ou a privação (pois ou dizemos simplesmente sem mais que *isso* não se dá, ou que não se dá em algum gênero; neste caso, a diferença encontra-se em acréscimo junto ao um, além daquele que se encontra na negação, pois a negação dele é ausência, ao passo que na privação sucede haver também uma natureza subjacente a respeito da qual se afirma a privação) e uma vez

- δ' ἐνὶ πλῆθος ἀντίκειται) – ὥστε καὶ τὰντικείμενα τοῖς εἰρη-
 μένοις, τό τε ἕτερον καὶ ἀνόμοιον καὶ ἄνισον καὶ ὅσα
 ἄλλα λέγεται ἢ κατὰ ταῦτα ἢ κατὰ πλῆθος καὶ τὸ ἐν,
 20 τῆς εἰρημένης γνωρίζειν ἐπιστήμης· ὦν ἐστὶ καὶ ἡ ἐναντιό-
 τῆς· διαφορὰ γὰρ τις ἡ ἐναντιότης, ἡ δὲ διαφορὰ ἑτερό-
 τῆς. ὥστ' ἐπειδὴ πολλαχῶς τὸ ἐν λέγεται, καὶ ταῦτα πολ-
 λαχῶς μὲν λεχθήσεται, ὅμως δὲ μιᾶς ἅπαντά ἐστι γνωρί-
 ζειν· οὐ γὰρ εἰ πολλαχῶς, ἑτέρας, ἀλλ' εἰ μήτε καθ' ἐν μήτε
 πρὸς ἐν οἱ λόγοι ἀναφέρονται. ἐπεὶ δὲ πάντα πρὸς τὸ πρῶ-
 τον ἀναφέρεται, οἷον ὅσα ἐν λέγεται πρὸς τὸ πρῶτον ἐν,
 ὡσαύτως φατέον καὶ περὶ ταῦτοῦ καὶ ἑτέρου καὶ τῶν ἐναντίων
 ἔχειν· ὥστε διελόμενον ποσαχῶς λέγεται ἕκαστον, οὕτως ἀπο-
 δοτέον πρὸς τὸ πρῶτον ἐν ἐκάστη κατηγορίᾳ πῶς πρὸς ἐκεῖνο
 30 λέγεται· τὰ μὲν γὰρ τῷ ἔχειν ἐκεῖνο τὰ δὲ τῷ ποιεῖν τὰ
 δὲ κατ' ἄλλους λεχθήσεται τοιούτους τρόπους. – φανερόν
 οὖν (ὅπερ ἐν ταῖς ἀπορίαις ἐλέχθη) ὅτι μιᾶς περὶ τού-

que ao um se opõe o múltiplo – conseqüentemente*, compete à mencionada ciência conhecer também os opostos dos itens que foram mencionados, o *outro*, o *dessemelhante*, o *desigual* e todos os demais que se dizem ou conforme estes, ou conforme o múltiplo e o um; entre os quais está também a contrariedade; pois a contrariedade é uma diferença, e a diferença é uma alteridade.

[1004a 22] Conseqüentemente, visto que o um se diz de diversas maneiras, também esses itens serão ditos de diversas maneiras; no entanto, compete a uma ciência única conhecer todos eles. Pois não é por serem ditos de diversas maneiras que caberia a ciências diversas conhecê-los, mas sim se suas definições não se reportassem entre si nem segundo algo uno, nem em relação a algo uno. E visto que todos reportam-se ao que é primeiro – por exemplo: todos os itens que se dizem “um” reportam-se ao primeiro um – deve-se considerar que se dá do mesmo modo com respeito ao *mesmo*, o *outro* e os *contrários*; conseqüentemente, tendo distinguido de quantas maneiras cada um se diz, deve-se assim explicar, com respeito ao primeiro em cada modo de designação*, de que maneira cada um se diz em relação a ele. Pois uns serão assim designados por possuírem-no, outros, por produzi-lo, outros, enfim, conforme outros modos desse tipo.

[1004a 31] Assim, é manifesto <tal como foi precisamente dito nas Aporias*> que compete a uma ciência única dispor de explicação a

των καὶ τῆς οὐσίας ἐστὶ λόγον ἔχειν (τοῦτο δ' ἦν ἐν
 τῶν ἐν τοῖς ἀπορήμασιν), καὶ ἔστι τοῦ φιλοσόφου περὶ πάν-
 1004β ι των δύνασθαι θεωρεῖν. εἰ γὰρ μὴ τοῦ φιλοσόφου, τίς ἔσται
 ὁ ἐπισκεψόμενος εἰ ταῦτ' Ὁσφράτης καὶ Σωκράτης καθή-
 μενος, ἢ εἰ ἐν ἐνὶ ἐναντίον, ἢ τί ἐστὶ τὸ ἐναντίον ἢ ποσα-
 χῶς λέγεται; ὁμοίως δὲ καὶ περὶ τῶν ἄλλων τῶν τοιούτων.
 ἐπεὶ οὖν τοῦ ἐνὸς ἢ ἐν καὶ τοῦ ὄντος ἢ ὄν ταῦτα καθ' αὐτά
 ἐστὶ πάθη, ἀλλ' οὐχ ἢ ἀριθμοὶ ἢ γραμμαὶ ἢ πῦρ, δῆλον
 ὡς ἐκείνης τῆς ἐπιστήμης καὶ τί ἐστὶ γνωρίσαι καὶ τὰ συμ-
 βεβηκότ' αὐτοῖς. καὶ οὐ ταύτῃ ἀμαρτάνουσιν οἱ περὶ αὐτῶν
 σκοπούμενοι ὡς οὐ φιλοσοφούντες, ἀλλ' ὅτι πρότερον ἢ οὐσία,
 10 περὶ ἧς οὐθὲν ἐπαῖουσιν, ἐπεὶ ὥσπερ ἔστι καὶ ἀριθμοῦ ἢ ἀρι-
 θμὸς ἴδια πάθη (οἷον περιττότης ἀρτιότης, συμμετρία ἰσό-
 τῆς, ὑπεροχὴ ἑλλειψις, καὶ ταῦτα καὶ καθ' αὐτοὺς καὶ
 πρὸς ἀλλήλους ὑπάρχει τοῖς ἀριθμοῖς, ὁμοίως δὲ καὶ
 στερεῶ καὶ ἀκινήτῳ καὶ κινουμένῳ ἀβαρεῖ τε καὶ βάρος
 ἔχοντι ἔστιν ἕτερα ἴδια), οὕτω καὶ τῷ ὄντι ἢ ὄν ἔστι τινὰ
 ἴδια, καὶ ταῦτ' ἐστὶ περὶ ὧν τοῦ φιλοσόφου ἐπισκέψασθαι

respeito desses itens e da essência (e isso era um dos problemas nas Aporias), e que é próprio do filósofo ser capaz de estudar tudo. Pois, se não fosse próprio do filósofo, quem haveria de investigar se Sócrates e Sócrates sentado são o mesmo, ou se há um único contrário para cada contrário, ou o que é o contrário e de quantos modos se diz? E semelhantemente também nos demais casos desse tipo.

[1004b 5] Ora, visto que esses itens são afecções por si mesmas do um enquanto ele é um e do ente enquanto ele é ente, mas não enquanto eles são números, ou linhas, ou fogo, é evidente que compete a esta ciência conhecer o que eles são, bem como os seus concomitantes. E não é por isso que se enganam aqueles que os inspecionam, isto é, como se não filosofassem, mas sim porque é anterior a essência, a respeito da qual nada sabem – visto que, tal como há afecções próprias do número enquanto número (por exemplo, ímpar, par, comensurabilidade, igualdade, excedência, falta – e elas pertencem aos números tanto em si mesmos como em suas relações recíprocas – e semelhantemente, há outras afecções próprias para o sólido imóvel, para o movido, para o que não comporta peso e para o que comporta peso), assim também há algumas afecções próprias do ente enquanto ele é ente, e elas são aquilo a respeito de que compete ao filósofo inspecionar o verdadeiro.

τὸ ἀληθές. σημεῖον δέ· οἱ γὰρ διαλεκτικοὶ καὶ σοφισταὶ
 τὸ αὐτὸ μὲν ὑποδύονται σχῆμα τῷ φιλοσόφῳ· ἡ γὰρ σο-
 φιστικὴ φαινομένη μόνον σοφία ἐστί, καὶ οἱ διαλεκτικοὶ
 20 διαλέγονται περὶ ἀπάντων, κοινὸν δὲ πᾶσι τὸ ὄν ἐστίν,
 διαλέγονται δὲ περὶ τούτων δῆλον ὅτι διὰ τὸ τῆς φιλοσο-
 φίας ταῦτα εἶναι οἰκεῖα. περὶ μὲν γὰρ τὸ αὐτὸ γένος στρέ-
 φεται ἡ σοφιστικὴ καὶ ἡ διαλεκτικὴ τῇ φιλοσοφίᾳ, ἀλλὰ
 διαφέρει τῆς μὲν τῷ τρόπῳ τῆς δυνάμεως, τῆς δὲ τοῦ βίου
 τῇ προαιρέσει· ἔστι δὲ ἡ διαλεκτικὴ πειραστικὴ περὶ ὧν ἡ
 φιλοσοφία γνωριστικὴ, ἡ δὲ σοφιστικὴ φαινομένη, οὔσα δ' οὔ.

Ἔτι τῶν ἐναντίων ἡ ἑτέρα συστοιχία στέρησις, καὶ πάντα
 ἀνάγεται εἰς τὸ ὄν καὶ τὸ μὴ ὄν, καὶ εἰς ἐν καὶ πλῆθος, οἶον
 στάσις τοῦ ἐνὸς κίνησις δὲ τοῦ πλῆθους· τὰ δ' ὄντα καὶ τὴν
 30 οὐσίαν ὁμολογοῦσιν ἐξ ἐναντίων σχεδὸν ἅπαντες συγκεῖσθαι·
 πάντες γοῦν τὰς ἀρχὰς ἐναντίας λέγουσιν· οἱ μὲν γὰρ πε-
 ριττὸν καὶ ἄρτιον, οἱ δὲ θερμὸν καὶ ψυχρόν, οἱ δὲ πέρας
 καὶ ἄπειρον, οἱ δὲ φιλίαν καὶ νεῖκος. πάντα δὲ καὶ τᾶλλα
 ἀναγόμενα φαίνεται εἰς τὸ ἐν καὶ πλῆθος (εἰλήφθω γὰρ
 1005a 1 ἡ ἀναγωγὴ ἡμῖν), αἱ δ' ἀρχαὶ καὶ παντελῶς αἱ παρὰ τῶν
 ἄλλων ὥς εἰς γένη ταῦτα πίπτουσιν. φανερόν οὖν καὶ ἐκ

[1004b 17] Eis um sinal disso: os dialéticos e sofistas revestem a mesma figura que o filósofo; pois a sofística é uma sabedoria apenas aparente, e os dialéticos discutem a respeito de tudo, e a todos é comum o ente, e é evidente que discutem a respeito desses assuntos por serem eles próprios à filosofia. Pois a sofística e a dialética encontram-se voltadas para o mesmo gênero que a filosofia: mas a filosofia difere de uma pelo modo da sua capacidade*, e da outra, pela escolha de vida. E a dialética consiste em fazer testes a respeito daquilo que a filosofia conhece, ao passo que a sofística parece ser filosofia, mas não é.

[1004b 27] Além disso, entre os contrários, uma das colunas é privação, e todos eles reduzem-se ao ente e ao não-ente, e ao um e ao múltiplo – por exemplo: o repouso pertence ao um, ao passo que o movimento pertence ao múltiplo –; e por assim dizer quase todos concordam que os entes e a essência* se constituem de contrários; em todo caso, ao menos, todos enunciam contrários como princípios: pois uns enunciam o ímpar e o par, outros, o quente e o frio, outros, o limite e o ilimitado, outros, amizade e ódio. E afigura-se que todos os outros contrários reduzem-se ao um e ao múltiplo (esteja por nós compreendida a redução), e os princípios – em geral, inclusive os defendidos por outros – caem como que nestes gêneros.

τούτων ὅτι μιᾶς ἐπιστήμης τὸ ὄν ἢ ὄν θεωρήσαι. πάντα γὰρ
 ἢ ἐναντία ἢ ἐξ ἐναντίων, ἀρχαὶ δὲ τῶν ἐναντίων τὸ ἐν
 καὶ πλῆθος. ταῦτα δὲ μιᾶς ἐπιστήμης, εἴτε καθ' ἐν λέγε-
 ται εἴτε μή, ὥσπερ ἴσως ἔχει καὶ τάληθές. ἀλλ' ὅμως εἰ
 καὶ πολλαχῶς λέγεται τὸ ἐν, πρὸς τὸ πρῶτον τᾶλλα
 λεχθήσεται καὶ τὰ ἐναντία ὁμοίως, (καὶ διὰ τοῦτο) καὶ εἰ
 μὴ ἔστι τὸ ὄν ἢ τὸ ἐν καθόλου καὶ ταῦτο ἐπὶ πάντων ἢ
 10 χωριστόν, ὥσπερ ἴσως οὐκ ἔστιν ἀλλὰ τὰ μὲν πρὸς ἐν τὰ
 δὲ τῷ ἐφεξῆς. καὶ διὰ τοῦτο οὐ τοῦ γεωμέτρου θεωρήσαι τί
 τὸ ἐναντίον ἢ τέλειον ἢ ἐν ἢ ὄν ἢ ταῦτόν ἢ ἕτερον, ἀλλ'
 ἢ ἐξ ὑποθέσεως. ὅτι μὲν οὖν μιᾶς ἐπιστήμης τὸ ὄν ἢ ὄν
 θεωρήσαι καὶ τὰ ὑπάρχοντα αὐτῷ ἢ ὄν, δῆλον, καὶ ὅτι
 οὐ μόνον τῶν οὐσιῶν ἀλλὰ καὶ τῶν ὑπαρχόντων ἢ αὐτὴ
 θεωρητική, τῶν τε εἰρημένων καὶ περὶ προτέρου καὶ ὑστέρου,
 καὶ γένους καὶ εἶδους, καὶ ὅλου καὶ μέρους καὶ τῶν ἄλλων
 τῶν τοιούτων.

3. Λεκτέον δὲ πότερον μιᾶς ἢ ἐτέρας ἐπιστήμης περὶ τε
 20 τῶν ἐν τοῖς μαθήμασι καλουμένων ἀξιωμαμάτων καὶ περὶ

[1005a 2] Assim, também a partir disso é manifesto que compete a uma ciência única estudar o ente enquanto ele é ente. Pois todos os entes são ou contrários, ou constituídos de contrários, e são princípios dos contrários o um e o múltiplo. E compete a uma ciência única estudá-los, quer sejam ditos segundo algo uno, quer não o sejam (como talvez seja de fato verdade). Não obstante, mesmo se o um se diz de vários modos, os outros se dizem em relação ao primeiro (e semelhantemente com os contrários), mesmo que o ente e o um não sejam universais, isto é, idênticos sobre todos e algo separado – tal como certamente não são, mas, antes, uns são com relação a algo uno, outros, por uma série seqüencial. E por isso não compete ao geômetra estudar o que é o contrário, ou o perfeito, o um, o ente, o mesmo, o distinto, a não ser [assumindo-os] como hipótese.

[1005a 13] Portanto, é evidente que compete a uma ciência única estudar o ente enquanto ente e aquilo que lhe pertence enquanto é ente, e que essa mesma ciência estuda não apenas as essências, mas também os atributos: os mencionados, e também *anterior* e *posterior*, *gênero* e *espécie*, *todo* e *parte*, bem como os outros desse tipo.

Capítulo 3

[1005a 19] Deve-se decidir se pertence a uma única ciência, ou a ciências distintas, estudar a respeito dos assim chamados (nas mate-

τῆς οὐσίας. φανερόν δὴ ὅτι μιᾶς τε καὶ τῆς τοῦ φιλοσόφου
καὶ ἡ περὶ τούτων ἐστὶ σκέψις· ἅπασι γὰρ ὑπάρχει τοῖς
οὖσιν ἀλλ' οὐ γένει τινὶ χωρὶς ἰδίᾳ τῶν ἄλλων. καὶ χρῶν-
ται μὲν πάντες, ὅτι τοῦ ὄντος ἐστὶν ἡ ὄν, ἕκαστον δὲ τὸ γένος
ὄν· ἐπὶ τοσοῦτον δὲ χρῶνται ἐφ' ὅσον αὐτοῖς ἰκανόν, τοῦτο
δ' ἐστὶν ὅσον ἐπέχει τὸ γένος περὶ οὗ φέρουσι τὰς ἀποδεί-
ξεις· ὥστ' ἐπεὶ δῆλον ὅτι ἡ ὄντα ὑπάρχει πᾶσι (τοῦτο γὰρ
αὐτοῖς τὸ κοινόν), τοῦ περὶ τὸ ὄν ἡ ὄν γνωρίζοντος καὶ περὶ
τούτων ἐστὶν ἡ θεωρία. διόπερ οὐθεὶς τῶν κατὰ μέρος ἐπισκο-
30 πούντων ἐγχειρεῖ λέγειν τι περὶ αὐτῶν, εἰ ἀληθὴ ἢ μὴ,
οὔτε γεωμέτρης οὔτ' ἀριθμητικός, ἀλλὰ τῶν φυσικῶν ἔνιοι,
εἰκότως τοῦτο δρῶντες· μόνοι γὰρ ὦντο περὶ τε τῆς ὅλης
φύσεως σκοπεῖν καὶ περὶ τοῦ ὄντος. ἐπεὶ δ' ἐστὶν ἔτι τοῦ
φυσικοῦ τις ἀνωτέρω (ἐν γάρ τι γένος τοῦ ὄντος ἢ φύσις),
τοῦ καθόλου καὶ τοῦ περὶ τὴν πρώτην οὐσίαν θεωρητικοῦ καὶ ἡ
1005β 1 περὶ τούτων ἂν εἴη σκέψις· ἐστὶ δὲ σοφία τις καὶ ἡ φυ-
σική, ἀλλ' οὐ πρώτη. ὅσα δ' ἐγχειροῦσι τῶν λεγόντων τινὲς
περὶ τῆς ἀληθείας ὃν τρόπον δεῖ ἀποδέχεσθαι, δι' ἀπαι-

máticas) axiomas e a respeito da essência. Ora, é manifesto que o exame deles pertence a uma única ciência: à do filósofo; pois eles pertencem a todos os entes, e não peculiarmente a um algum gênero, à parte dos outros. E todos deles se utilizam, porque pertencem ao ente enquanto ente, e todo gênero é ente. No entanto, utilizam-se deles na exata medida em que lhes é suficiente, isto é, até onde se estende o gênero a respeito do qual apresentam as demonstrações. Por conseguinte, uma vez que é evidente que esses axiomas pertencem a todos enquanto são entes (pois é isso que lhes é comum), competirá àquele que conhece o ente enquanto ente também o estudo a respeito deles.

[1005a 29] Por isso, nenhum dos que investigam em particular põe-se a enunciar algo a respeito deles – se são verdadeiros ou não –, nem geômetra nem aritmético, mas apenas alguns dos estudiosos da natureza, e é plausível que assim o façam: pois apenas eles julgavam examinar a respeito da natureza inteira e a respeito do ente. No entanto, visto que há alguém superior até mesmo ao estudioso da natureza (pois a natureza é um gênero particular do ente), a investigação a respeito deles também pertence àquele que estuda universalmente e estuda a essência primeira. E é uma sabedoria também a ciência da natureza, mas não primeira.

[1005b 2] E quanto à tudo aquilo que alguns dos que se pronunciam tentam estabelecer a respeito da verdade, concernente ao modo

δευσίαν τῶν ἀναλυτικῶν τοῦτο δρῶσιν· δεῖ γὰρ περὶ τούτων
ἥκειν προεπισταμένους ἀλλὰ μὴ ἀκούοντας ζητεῖν. – ὅτι μὲν
οὖν τοῦ φιλοσόφου, καὶ τοῦ περὶ πάσης τῆς οὐσίας θεωροῦντος
ἡ πέφυκεν, καὶ περὶ τῶν συλλογιστικῶν ἀρχῶν ἐστὶν ἐπι-
σκέψασθαι, δῆλον· προσήκει δὲ τὸν μάλιστα γνωρίζοντα
περὶ ἕκαστον γένος ἔχειν λέγειν τὰς βεβαιοτάτας ἀρχὰς
10 τοῦ πράγματος, ὥστε καὶ τὸν περὶ τῶν ὄντων ἢ ὄντα τὰς
πάντων βεβαιοτάτας. ἔστι δ' οὗτος ὁ φιλόσοφος. βεβαιο-
τάτη δ' ἀρχὴ πασῶν περὶ ἣν διαψευσθῆναι ἀδύνατον·
γνωριμωτάτην τε γὰρ ἀναγκαῖον εἶναι τὴν τοιαύτην (περὶ
γὰρ ἃ μὴ γνωρίζουσιν ἀπατῶνται πάντες) καὶ ἀνυπόθετον.
ἣν γὰρ ἀναγκαῖον ἔχειν τὸν ὅτιοῦν ξυνιέντα τῶν ὄντων, τοῦτο
οὐχ ὑπόθεσις· ὃ δὲ γνωρίζειν ἀναγκαῖον τῷ ὅτιοῦν γνωρί-
ζοντι, καὶ ἥκειν ἔχοντα ἀναγκαῖον. ὅτι μὲν οὖν βεβαιοτάτη
ἡ τοιαύτη πασῶν ἀρχή, δῆλον· τίς δ' ἐστὶν αὕτη, μετὰ
ταῦτα λέγωμεν. τὸ γὰρ αὐτὸ ἅμα ὑπάρχειν τε καὶ μὴ
20 ὑπάρχειν ἀδύνατον τῷ αὐτῷ καὶ κατὰ τὸ αὐτό (καὶ ὅσα

pelo qual é preciso aceitá-la, fazem-no devido à falta de formação nos Analíticos; pois é preciso chegar já sabendo previamente esses assuntos [*sc.* dos Analíticos], mas não buscá-los enquanto se ouve [*sc.* o presente curso].

[1005b 5] Assim, é evidente que pertence ao filósofo, isto é, àquele que estuda como naturalmente se apresenta toda e qualquer essência, investigar também a respeito dos princípios silogísticos. E convém que aquele que mais conhece a respeito de cada gênero seja capaz de enunciar os princípios mais firmes do assunto, de modo que também aquele que conhece a respeito dos entes enquanto são entes é capaz de enunciar os princípios mais firmes de todas as coisas. E este é o filósofo. E o princípio mais firme de todos é aquele a respeito do qual é impossível enganar-se: pois é necessário que um tal princípio seja o mais conhecido (pois todos enganam-se a respeito daquilo que não conhecem) e que seja não-hipotético. Pois não é uma hipótese aquele princípio que é necessário que detenha quem conhece qualquer um dos entes. E aquilo que é necessário que conheça quem conhece qualquer coisa que seja, é necessário que já se detenha ao chegar.

[1005b 17] Assim, que um tal princípio é o mais firme de todos, é evidente; mas qual ele é, digamo-lo depois disso: é impossível que o mesmo seja atribuído e não seja atribuído ao mesmo tempo a um mesmo [subjacente] e conforme o mesmo aspecto (e esteja delimitado

ἄλλα προσδιορισαίμεθ' ἂν, ἔστω προσδιωρισμένα πρὸς τὰς
 λογικὰς δυσχερείας· αὕτη δὴ πασῶν ἐστὶ βεβαιοτάτη τῶν
 ἀρχῶν· ἔχει γὰρ τὸν εἰρημένον διορισμόν. ἀδύνατον γὰρ
 ὄντινοῦν ταῦτόν ὑπολαμβάνειν εἶναι καὶ μὴ εἶναι, καθάπερ
 τινὲς οἴονται λέγειν Ἡράκλειτον. οὐκ ἔστι γὰρ ἀναγκαῖον,
 ἃ τις λέγει, ταῦτα καὶ ὑπολαμβάνειν· εἰ δὲ μὴ ἐνδέχε-
 ται ἅμα ὑπάρχειν τῷ αὐτῷ τὰναντία (προσδιωρίσθω δ'
 ἡμῖν καὶ ταύτῃ τῇ προτάσει τὰ εἰωθότα), ἐναντία δ' ἐστὶ
 δόξα δόξῃ ἢ τῆς ἀντιφάσεως, φανερόν ὅτι ἀδύνατον ἅμα
 30 ὑπολαμβάνειν τὸν αὐτὸν εἶναι καὶ μὴ εἶναι τὸ αὐτό· ἅμα
 γὰρ ἂν ἔχοι τὰς ἐναντίας δόξας ὁ διεψευσμένος περὶ τού-
 του. διὸ πάντες οἱ ἀποδεικνύντες εἰς ταύτην ἀνάγουσιν
 ἐσχάτην δόξαν· φύσει γὰρ ἀρχὴ καὶ τῶν ἄλλων ἀξιω-
 μάτων αὕτη πάντων.

4. Εἰσὶ δέ τινες οἵ, καθάπερ εἵπομεν, αὐτοὶ τε ἐνδέχε-
 1006a 1 σθαί φασι τὸ αὐτὸ εἶναι καὶ μὴ εἶναι, καὶ ὑπολαμβάνειν
 οὕτως. χροῶνται δὲ τῷ λόγῳ τούτῳ πολλοὶ καὶ τῶν
 περὶ φύσεως. ἡμεῖς δὲ νῦν εἰλήφαμεν ὡς ἀδυνάτου ὄντος
 ἅμα εἶναι καὶ μὴ εἶναι, καὶ διὰ τούτου ἐδείξαμεν ὅτι βε-

em acréscimo tudo aquilo que acrescentaríamos contra as dificuldades dialéticas); ora, este é o mais firme de todos os princípios; pois ele comporta a definição mencionada. Pois é impossível que quem quer que seja considere que um mesmo [fato] é e não é – tal como alguns julgam que Heráclito afirmava. Pois não é necessário que alguém também conceba aquilo que diz. E se não é possível que os contrários ao mesmo tempo pertençam ao mesmo (considerem-se acrescentados por nós nesta premissa todos os acréscimos de costume), e se são contrárias entre si as opiniões das contraditórias [se uma opinião contrária a outra opinião é a da contraditória], é manifesto que é impossível que um mesmo homem ao mesmo tempo conceba que o mesmo [fato] é e não é. Pois aquele que erra a respeito disso teria ao mesmo tempo as opiniões contrárias. Por isso, todos os que demonstram reportam-se a esta opinião última. Pois por natureza este é também o princípio de todos os demais axiomas.

Capítulo 4

[1005b 35] Há alguns que, conforme dissemos, afirmam ser cabível um mesmo item ser e não ser, e afirmam que eles mesmos assim concebem. E utilizam-se deste argumento inclusive muitos dos que investigam a natureza. Mas nós, de nossa parte, presentemente acabamos de admitir que é impossível ao mesmo tempo ser e não ser, e

βαιοτάτη αὕτη τῶν ἀρχῶν πασῶν. ἀξιούσι δὴ καὶ τοῦτο ἀποδεικνύναι τινὲς δι' ἀπαιδευσίαν· ἔστι γὰρ ἀπαιδευσία τὸ μὴ γινώσκειν τίνων δεῖ ζητεῖν ἀπόδειξιν καὶ τίνων οὐ δεῖ· ὅλως μὲν γὰρ ἀπάντων ἀδύνατον ἀπόδειξιν εἶναι (εἰς ἄπειρον γὰρ ἂν βαδίζοι, ὥστε μὴδ' οὕτως εἶναι ἀπόδειξιν),

- ΙΟ εἰ δέ τινων μὴ δεῖ ζητεῖν ἀπόδειξιν, τίνα ἀξιούσιν εἶναι μᾶλλον τοιαύτην ἀρχὴν οὐκ ἂν ἔχοιεν εἰπεῖν. ἔστι δ' ἀποδείξαι ἐλεγκτικῶς καὶ περὶ τούτου ὅτι ἀδύνατον, ἂν μόνον τι λέγη ὁ ἀμφισβητῶν· ἂν δὲ μὴθέν, γελοῖον τὸ ζητεῖν λόγον πρὸς τὸν μὴθενὸς ἔχοντα λόγον, ἢ μὴ ἔχει· ὁμοίος γὰρ φυτῷ ὁ τοιοῦτος ἢ τοιοῦτος ἤδη. τὸ δ' ἐλεγκτικῶς ἀποδείξαι λέγω διαφέρειν καὶ τὸ ἀποδείξαι, ὅτι ἀποδεικνύων μὲν ἂν δόξειεν αἰτεῖσθαι τὸ ἐν ἀρχῇ, ἄλλου δὲ τοῦ τοιούτου αἰτίου ὄντος ἔλεγχος ἂν εἴη καὶ οὐκ ἀπόδειξις. ἀρχὴ δὲ πρὸς ἅπαντα τὰ τοιαῦτα οὐ τὸ ἀξιοῦν ἢ εἶναί τι λέγειν

mediante isso mostramos que este é o mais firme de todos os princípios.

[1006a 5] Mas, por falta de formação, alguns exigem que se demonstre também isso; pois é falta de formação não reconhecer de que itens é preciso procurar demonstração e de que itens não é preciso; pois, em geral, é impossível haver demonstração de absolutamente tudo (pois ir-se-ia ao infinito, de modo que nem assim haveria demonstração); e se não é preciso procurar demonstração de alguns itens, qual princípio reputam ser sobretudo de tal qualidade, eis algo que não conseguem enunciar.

[1006a 11] Mas é possível demonstrar refutativamente até mesmo que isso é impossível, se o disputante apenas pronunciar algo com sentido; mas, se ele não pronunciasse nada, seria ridículo buscar argumentação contra quem não sustenta nenhum argumento, na exata medida em que não sustenta. Pois alguém de tal tipo, enquanto é de tal tipo, é já semelhante a uma planta.

[1006a 15] E digo que demonstrar refutativamente é diferente de demonstrar, porque, ao demonstrar, pareceria estar sendo postulado aquilo que está no princípio; entretanto, um outro sendo responsável pela postulação, haveria refutação e não demonstração.

[1006a 18] E o princípio contra todos os argumentos desse tipo não é exigir que [*sc.* o adversário] afirme que algo é ou não é o caso

- 20 ἢ μὴ εἶναι (τοῦτο μὲν γὰρ τάχ' ἂν τις ὑπολάβοι τὸ ἐξ ἀρχῆς αἰτεῖν), ἀλλὰ σημαίνειν γέ τι καὶ αὐτῷ καὶ ἄλλω· τοῦτο γὰρ ἀνάγκη, εἴπερ λέγοι τι. εἰ γὰρ μή, οὐκ ἂν εἴη τῷ τοιοῦτῳ λόγος, οὔτ' αὐτῷ πρὸς αὐτὸν οὔτε πρὸς ἄλλον. ἂν δέ τις τοῦτο διδῷ, ἔσται ἀποδείξις· ἥδη γάρ τι ἔσται ὠρισμένον. ἀλλ' αἴτιος οὐχ ὁ ἀποδεικνὺς ἀλλ' ὁ ὑπομένων· ἀναιρῶν γὰρ λόγον ὑπομένει λόγον. ἔτι δὲ ὁ τοῦτο συγχωρήσας συγκεχώρηκέ τι ἀληθὲς εἶναι χωρὶς ἀποδείξεως (ὥστε οὐκ ἂν πᾶν οὕτως καὶ οὐχ οὕτως ἔχοι). – πρῶτον μὲν οὖν δηλὸν ὡς τοῦτό γ' αὐτὸ ἀληθές, ὅτι σημαίνει τὸ
- 30 ὄνομα τὸ εἶναι ἢ μὴ εἶναι τοδί, ὥστ' οὐκ ἂν πᾶν οὕτως καὶ οὐχ οὕτως ἔχοι· ἔτι εἰ τὸ ἄνθρωπος σημαίνει ἓν, ἔστω τοῦτο τὸ ζῶον δίπουν. λέγω δὲ τὸ ἐν σημαίνειν τοῦτο· εἰ τοῦτ' ἔστιν ἄνθρωπος, ἂν ᾗ τι ἄνθρωπος, τοῦτ' ἔσται τὸ ἀνθρώπῳ εἶναι (διαφέρει δ' οὐθὲν οὐδ' εἰ πλείω τις φαίη σημαίνειν
- 1006β 1 μόνον δὲ ὠρισμένα, τεθείη γὰρ ἂν ἐφ' ἐκάστῳ λόγῳ ἕτερον ὄνομα· λέγω δ' οἶον, εἰ μὴ φαίη τὸ ἄνθρωπος ἐν

(pois alguém poderia julgar que isso já é postular o que estava no princípio), mas sim exigir que [sc. o adversário] ao menos signifique algo para si mesmo e para outro; e isso é necessário, se ele pretende dizer algo com sentido; pois se ele não o pretendesse, não haveria argumentação com um tal tipo, nem dele mesmo consigo mesmo, nem com outro. E se alguém concedê-lo, poderá haver demonstração: pois já haverá algo definido. Mas o responsável pela postulação não será quem demonstra, mas sim quem se submete [sc. ao argumento]. Pois, ao pretender destruir o argumento, ele se submete ao argumento.

[1006a 26] Além do mais, quem concorda com isto já concorda que há algo verdadeiro à parte de demonstração, de modo que não é possível que tudo se comporte assim e não assim.

[1006a 28] Primeiramente então, é evidente que isto, ao menos, é por si mesmo verdadeiro: que a denominação significa *ser* (ou *não ser*) *isto aqui*, de modo que não é possível que tudo se comporte assim e não assim.

[1006a 31] Além do mais, se o “homem” significa algo uno, seja isso o animal bípede. E entendo por “significar algo uno” isto: se homem é *tal coisa*, e se algo é homem, este algo será o *ser para homem* (e não faz nenhuma diferença se se disser que significa mais itens, contanto que sejam em número limitado; pois, neste caso, poderia se estabelecer para cada definição uma denominação distinta. Quero di-

σημαίνειν, πολλὰ δέ, ὧν ἑνὸς μὲν εἷς λόγος τὸ ζῶον δι-
 πουν, εἶεν δὲ καὶ ἕτεροι πλείους, ὠρισμένοι δὲ τὸν ἀριθμὸν·
 τεθείη γὰρ ἂν ἴδιον ὄνομα καθ' ἕκαστον τὸν λόγον· εἰ δὲ
 μὴ (τεθείη), ἀλλ' ἄπειρα σημαίνειν φαίη, φανερόν ὅτι οὐκ ἂν
 εἴη λόγος· τὸ γὰρ μὴ ἐν σημαίνειν οὐθὲν σημαίνειν ἐστίν,
 μὴ σημαινόντων δὲ τῶν ὀνομάτων ἀνήρηται τὸ διαλέγεσθαι
 πρὸς ἀλλήλους, κατὰ δὲ τὴν ἀλήθειαν καὶ πρὸς αὐτόν·

- ΙΟ οὐθὲν γὰρ ἐνδέχεται νοεῖν μὴ νοοῦντα ἓν, εἰ δ' ἐνδέχεται,
 τεθείη ἂν ὄνομα τούτῳ τῷ πράγματι ἓν). – ἔστω δὴ, ὥσπερ
 ἐλέχθη κατ' ἀρχάς, σημαῖνόν τι τὸ ὄνομα καὶ σημαῖνον
 ἓν· οὐ δὴ ἐνδέχεται τὸ ἀνθρώπῳ εἶναι σημαίνειν ὅπερ ἀνθρώπῳ
 μὴ εἶναι, εἰ τὸ ἄνθρωπος σημαίνει μὴ μόνον καθ' ἑνὸς
 ἀλλὰ καὶ ἓν (οὐ γὰρ τοῦτο ἀξιούμεν τὸ ἐν σημαίνειν,
 τὸ καθ' ἑνός, ἐπεὶ οὕτω γε καὶ τὸ μουσικὸν καὶ τὸ λευκὸν
 καὶ τὸ ἄνθρωπος ἐν ἐσήμαινεν, ὥστε ἐν ἅπαντα ἔσται·

zer, por exemplo: se alguém dissesse que o “homem” não significa um só item, mas vários, dentre os quais um teria por definição animal bípede, mas houvesse diversas outras definições, embora em número limitado; pois, neste caso, poderia se estabelecer uma denominação peculiar conforme cada definição. Mas se alguém não estabelecesse tais denominações, mas antes afirmasse que a denominação significa itens ilimitados, é manifesto que não haveria discurso; pois não significar um só item consiste em nada significar, e se as denominações não significassem, suprimir-se-ia o conversar uns com os outros e, na verdade, também consigo mesmo: pois nada é possível pensar sem que se pense algo uno; mas se é possível pensar algo, há de se estabelecer para esta coisa uma denominação única).

[1006b 11] Assim, conforme foi dito no começo, admita-se que a denominação significa algo e significa algo uno; ora, então, não é possível que o *ser para homem* signifique aquilo que precisamente o *não ser para homem* é, uma vez que “homem” significa não apenas *a respeito de algo uno*, mas também *algo uno* (pois não julgamos que o *significar algo uno* seja isto – *significar a respeito de algo uno* –, visto que, se assim fosse, significariam algo uno tanto “culto”, como “branco” e “homem, de modo que todas as coisas seriam uma única, pois todas seriam *sinônimas*).

συνώνυμα γάρ). καὶ οὐκ ἔσται εἶναι καὶ μὴ εἶναι τὸ αὐτὸ
 ἀλλ' ἢ καθ' ὁμωνυμίαν, ὥσπερ ἂν εἰ ὃν ἡμεῖς ἄνθρωπον
 20 καλοῦμεν, ἄλλοι μὴ ἄνθρωπον καλοῖεν· τὸ δ' ἀπορούμενον
 οὐ τοῦτό ἐστιν, εἰ ἐνδέχεται τὸ αὐτὸ ἅμα εἶναι καὶ μὴ εἶναι
 ἄνθρωπον τὸ ὄνομα, ἀλλὰ τὸ πρᾶγμα. εἰ δὲ μὴ σημαί-
 νει ἕτερον τὸ ἄνθρωπος καὶ τὸ μὴ ἄνθρωπος, δῆλον ὅτι καὶ
 τὸ μὴ εἶναι ἀνθρώπῳ τοῦ εἶναι ἀνθρώπῳ, ὥστ' ἔσται τὸ ἀν-
 θρώπῳ εἶναι μὴ ἀνθρώπῳ εἶναι· ἐν γὰρ ἔσται. τοῦτο γὰρ
 σημαίνει τὸ εἶναι ἓν, τὸ ὡς λώπιον καὶ ἱμάτιον, εἰ ὁ λόγος
 εἷς· εἰ δὲ ἔσται ἓν, ἐν σημανεῖ τὸ ἀνθρώπῳ εἶναι καὶ μὴ
 ἀνθρώπῳ. ἀλλ' ἐδέδεικτο ὅτι ἕτερον σημαίνει. ἀνάγκη τοί-
 νυν, εἴ τί ἐστιν ἀληθὲς εἰπεῖν ὅτι ἄνθρωπος, ζῶον εἶναι δί-
 30 πουν (τοῦτο γὰρ ἦν ὃ ἐσήμαινε τὸ ἄνθρωπος)· εἰ δ' ἀνάγκη
 τοῦτο, οὐκ ἐνδέχεται μὴ εἶναι <τότε> τὸ αὐτὸ ζῶον δίπουν (τοῦτο
 γὰρ σημαίνει τὸ ἀνάγκη εἶναι, τὸ ἀδύνατον εἶναι μὴ εἶναι
 [ἄνθρωπον])· οὐκ ἄρα ἐνδέχεται ἅμα ἀληθὲς εἶναι εἰπεῖν τὸ
 αὐτὸ ἄνθρωπον εἶναι καὶ μὴ εἶναι ἄνθρωπον. ὁ δ' αὐτὸς
 1007a i λόγος καὶ ἐπὶ τοῦ μὴ εἶναι ἄνθρωπον· τὸ γὰρ ἀνθρώπῳ
 εἶναι καὶ τὸ μὴ ἀνθρώπῳ εἶναι ἕτερον σημαίνει, εἴπερ καὶ

[1006b 18] E não há de ser possível uma mesma coisa ente ser e não ser, exceto por homonímia, tal como se aquilo que nós chamamos “homem”, outros o chamassem de “não homem”; mas a dificuldade não é esta – saber se cabe que uma mesma coisa ao mesmo tempo seja quanto à denominação, mas sim saber se cabe que o seja de fato.

[1006b 22] Mas se “homem” e “não homem” não significam itens distintos, é evidente que tampouco o “não ser para homem” significa algo distinto do “ser para homem”; conseqüentemente, o ser para homem seria o ser para não homem: pois ambos seriam um só (pois “ser um só” significa isto: tal como veste e roupa, se a definição é única). E, se houvessem de ser um só, o ser para homem e o ser para não homem haveriam de significar um só item. Entretanto, foi demonstrado que significam itens distintos. Ora, então, se é verdadeiro dizer que algo é homem, é necessário que ele seja animal bípede (pois era isso que “homem” significava); e se isso é necessário, não é possível que ele mesmo não seja animal bípede (pois “ser necessário” significa isto: ser impossível não ser); portanto, não é possível que seja simultaneamente verdadeiro dizer que uma mesma coisa é homem e não é homem.

[1006b 34] E é o mesmo argumento também a respeito do não ser homem: pois o ser para homem e o ser para não homem significam itens distintos, visto que também o ser branco e o ser homem signifi-

τὸ λευκὸν εἶναι καὶ τὸ ἄνθρωπον εἶναι ἕτερον· πολὺ γὰρ ἀντίκειται ἐκείνο μᾶλλον, ὥστε σημαίνειν ἕτερον. εἰ δὲ καὶ τὸ λευκὸν φήσει τὸ αὐτὸ καὶ ἐν σημαίνειν, πάλιν τὸ αὐτὸ ἐροῦμεν ὅπερ καὶ πρότερον ἐλέχθη, ὅτι ἐν πάντα ἔσται καὶ οὐ μόνον τὰ ἀντικείμενα. εἰ δὲ μὴ ἐνδέχεται τοῦτο, συμβαίνει τὸ λεχθέν, ἂν ἀποκρίνηται τὸ ἐρωτώμενον. ἐὰν δὲ προστιθῇ ἐρωτῶντος ἀπλῶς καὶ τὰς ἀποφάσεις, οὐκ ἀποκρί-
 10 νεται τὸ ἐρωτώμενον. οὐθὲν γὰρ κωλύει εἶναι τὸ αὐτὸ καὶ ἄνθρωπον καὶ λευκὸν καὶ ἄλλα μυρία τὸ πλῆθος· ἀλλ' ὅμως ἐρομένου εἰ ἀληθὲς εἰπεῖν ἄνθρωπον τοῦτο εἶναι ἢ οὐ, ἀποκριτέον τὸ ἐν σημαῖνον καὶ οὐ προσθετέον ὅτι καὶ λευκὸν καὶ μέγα. καὶ γὰρ ἀδύνατον ἅπειρά γ' ὄντα τὰ συμβεβηκότα διελθεῖν· ἢ οὖν ἅπαντα διελθέτω ἢ μηθέν. ὁμοίως τοίνυν εἰ καὶ μυριάκις ἐστὶ τὸ αὐτὸ ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἄνθρωπος, οὐ προσαποκριτέον τῷ ἐρομένῳ εἰ ἔστιν ἄνθρωπος, ὅτι ἐστὶν ἅμα καὶ οὐκ ἄνθρωπος, εἰ μὴ καὶ τὰλλα ὅσα συμβέβηκε προσαποκριτέον, ὅσα ἐστὶν ἢ μὴ ἔστιν· ἐὰν

cam itens distintos; pois aquele [*sc.* o ser para não homem] é muito mais oposto, de modo que significa algo distinto.

[1007a 4] E se [*sc.* o adversário] afirmar que também o branco significa algo uno e o mesmo item, novamente diremos o mesmo que precisamente foi dito antes: que todos os itens, e não apenas os opostos, seriam um único.

[1007a 7] Mas se isto não é cabível, decorre o que foi dito, se o adversário responde aquilo que foi perguntado. Mas se, quando alguém lhe dirige uma pergunta simples, ele acrescenta também as negações, não responde aquilo que foi perguntado. Pois nada impede que o mesmo item seja tanto homem como branco e também milhares de outras coisas; não obstante, quando alguém pergunta se é verdadeiro ou não afirmar que *isto* é homem, deve-se oferecer em resposta aquilo que significa algo uno, e não se deve acrescentar que *isto* é também branco e grande. Pois inclusive é impossível percorrer os concomitantes, que são ilimitados: ora, então, ou se percorram todos eles, ou nenhum. Semelhantemente, ainda que o mesmo item seja milhares de vezes homem e não-homem, não se deve acrescentar em resposta, àquele que pergunta se esse item é homem, que é ao mesmo tempo também não-homem – a não ser que se deva acrescentar em resposta todos os outros concomitantes que lhe sucedem, todos os que

- 20 δὲ τοῦτο ποιῇ, οὐ διαλέγεται. – ὅλως δ' ἀναιρουσιν οἱ τοῦτο λέγοντες οὐσίαν καὶ τὸ τί ἦν εἶναι. πάντα γὰρ ἀνάγκη συμβεβηκέναι φάσκειν αὐτοῖς, καὶ τὸ ὅπερ ἀνθρώπων εἶναι ἢ ζῶν εἶναι μὴ εἶναι. εἰ γὰρ ἔσται τι ὅπερ ἀνθρώπων εἶναι, τοῦτο οὐκ ἔσται μὴ ἀνθρώπων εἶναι ἢ μὴ εἶναι ἀνθρώπων (καίτοι αὗται ἀποφάσεις τούτου)· ἐν γὰρ ἦν ὃ ἐσήμαινε, καὶ ἦν τοῦτό τινος οὐσία. τὸ δ' οὐσίαν σημαίνειν ἐστὶν ὅτι οὐκ ἄλλο τι τὸ εἶναι αὐτῷ. εἰ δ' ἔσται αὐτῷ τὸ ὅπερ ἀνθρώπων εἶναι ἢ ὅπερ μὴ ἀνθρώπων εἶναι ἢ ὅπερ μὴ εἶναι ἀνθρώπων, ἄλλο ἔσται, ὥστ' ἀναγκαῖον αὐτοῖς
- 30 λέγειν ὅτι οὐθενὸς ἔσται τοιοῦτος λόγος, ἀλλὰ πάντα κατὰ συμβεβηκός· τούτῳ γὰρ διώρισται οὐσία καὶ τὸ συμβεβηκός· τὸ γὰρ λευκὸν τῷ ἀνθρώπῳ συμβέβηκεν ὅτι ἔστι μὲν λευκὸς ἀλλ' οὐχ ὅπερ λευκόν. εἰ δὲ πάντα κατὰ συμβεβηκὸς λέγεται, οὐθέν ἔσται πρῶτον τὸ καθ' οὗ, εἰ ἀεὶ τὸ συμβεβηκὸς καθ' ὑποκειμένου τινὸς σημαίνει τὴν κατη-

ele é e todos os que ele não é. Mas, se o adversário faz isto, não está dialogando.

[1007a 20] Em geral, os que afirmam isso suprimem a essência e o *quê era ser*. Pois lhes é necessário afirmar que tudo sucede segundo concomitância, e que não há aquilo que precisamente o *ser para homem* (ou o *ser para animal*) é. Pois, se há de ser algo aquilo que precisamente *ser para homem* é, ele não será o *ser para não-homem* ou o *não ser para homem* (e são estas as suas negações); pois era algo uno aquilo que *ser para homem* significava, e isso era essência de algo. E significar essência é significar que o *ser da própria coisa* não é nenhum outro. Mas o *ser da coisa* seria outro, se aquilo que precisamente o *ser para homem* é fosse para ela ou aquilo que precisamente o *ser para não homem* é, ou aquilo que precisamente o *não ser para homem* é; conseqüentemente, ser-lhes-ia necessário afirmar que de nada há definição desse tipo, mas que tudo sucede segundo concomitância;

[1007a 31] pois a essência e o concomitante se distinguem entre si nisto: o branco sucede concomitantemente ao homem porque este é, de fato, branco, mas não é aquilo que precisamente o branco é.

[1007a 33] Mas se tudo fosse afirmado segundo concomitância, nada poderia ser primeiramente aquilo *a respeito de que*, visto que o concomitante sempre significa a designação a respeito de algum sub-

- 1007β 1 γορίαν. ἀνάγκη ἄρα εἰς ἄπειρον ἵεναι. ἀλλ' ἀδύνατον· οὐδὲ γὰρ πλείω συμπλέκεται δυοῖν· τὸ γὰρ συμβεβηκὸς οὐ συμβεβηκότι συμβεβηκός, εἰ μὴ ὅτι ἄμφω συμβέβηκε ταύτῳ, λέγω δ' οἷον τὸ λευκὸν μουσικὸν καὶ τοῦτο λευκὸν ὅτι ἄμφω τῷ ἀνθρώπῳ συμβέβηκεν. ἀλλ' οὐχ ὁ Σωκράτης μουσικὸς οὕτως, ὅτι ἄμφω συμβέβηκεν ἐτέρῳ τινί. ἐπεὶ τοίνυν τὰ μὲν οὕτως τὰ δ' ἐκείνως λέγεται συμβεβηκότα, ὅσα οὕτως λέγεται ὡς τὸ λευκὸν τῷ Σωκράτει, οὐκ ἐνδέχεται ἄπειρα εἶναι ἐπὶ τὸ ἄνω, οἷον τῷ Σωκράτει τῷ λευκῷ
- 10 ἕτερόν τι συμβεβηκός· οὐ γὰρ γίγνεται τι ἐν ἑξ ἀπάντων. οὐδὲ δὴ τῷ λευκῷ ἕτερόν τι ἔσται συμβεβηκός, οἷον τὸ μουσικόν· οὐθέν τε γὰρ μᾶλλον τοῦτο ἐκείνῳ ἢ ἐκείνῳ τούτῳ συμβέβηκεν, καὶ ἅμα διώρισται ὅτι τὰ μὲν οὕτω συμβέβηκε τὰ δ' ὡς τὸ μουσικὸν Σωκράτει· ὅσα δ' οὕτως, οὐ συμβεβηκότι συμβέβηκε συμβεβηκός, ἀλλ' ὅσα ἐκείνως, ὥστ' οὐ πάντα κατὰ συμβεβηκὸς λεχθήσεται. ἔσται

jacente. Seria necessário então proceder ao infinito. Mas isso é impossível. Pois [sc. numa proposição] não se conectam mais do que dois itens: pois o concomitante não é concomitante de concomitante, a não ser porque ambos sucedem concomitantemente a um mesmo item – digo, por exemplo: o branco é culto e o culto é branco porque ambos sucedem concomitantemente ao homem. No entanto, não é desta maneira que Sócrates é culto, isto é, porque ambos sucedessem concomitantemente a algum outro item distinto.

[1007b 6] Assim, então, uma vez que certos concomitantes se afirmam assim, ao passo que outros se afirmam daquele modo, não cabe que sejam ilimitados na direção para cima aqueles que se afirmam tal como o branco de Sócrates – como se houvesse outro item que sucedesse concomitantemente a *Sócrates branco*. Pois, a partir de todos esses itens, não surge algo uno.

[1007b 11] Nem sequer ao branco algum outro item sucederia concomitantemente, por exemplo, o culto: pois este sucede àquele não mais do que aquele sucede a este; e ao mesmo tempo encontra-se delimitado que alguns itens sucedem concomitantemente assim, ao passo que outros sucedem como o culto a Sócrates; e os que sucedem assim não são concomitantes que sucedem concomitantemente a concomitantes – mas sim o são aqueles que sucedem daquele outro modo. Conseqüentemente, não é tudo que poderia ser afirmado segundo con-

- ἄρα τι καὶ ὥς οὐσίαν σημαῖνον. εἰ δὲ τοῦτο, δέδεικται ὅτι
 ἀδύνατον ἅμα κατηγορεῖσθαι τὰς ἀντιφάσεις. – ἔτι εἰ ἀλη-
 θεῖς αἱ ἀντιφάσεις ἅμα κατὰ τοῦ αὐτοῦ πᾶσαι, δῆλον ὡς
 20 ἅπαντα ἔσται ἓν. ἔσται γὰρ τὸ αὐτὸ καὶ τριήρης καὶ τοῖ-
 χος καὶ ἄνθρωπος, εἰ κατὰ παντός τι ἢ καταφῆσαι ἢ
 ἀποφῆσαι ἐνδέχεται, καθάπερ ἀνάγκη τοῖς τὸν Πρωτα-
 γόρου λέγουσι λόγον. εἰ γὰρ τῷ δοκεῖ μὴ εἶναι τριήρης ὁ
 ἄνθρωπος, δῆλον ὡς οὐκ ἔστι τριήρης· ὥστε καὶ ἔστιν, εἴπερ
 ἡ ἀντίφασις ἀληθής. καὶ γίγνεται δὴ τὸ τοῦ Ἀναξαγόρου,
 ὁμοῦ πάντα χρήματα· ὥστε μὴθὲν ἀληθῶς ὑπάρχειν. τὸ
 ἀόριστον οὖν εἰκότα λέγειν, καὶ οἰόμενοι τὸ ὄν λέγειν περὶ
 τοῦ μὴ ὄντος λέγουσιν· τὸ γὰρ δυνάμει ὄν καὶ μὴ ἐντελε-
 χεία τὸ ἀόριστόν ἐστιν. ἀλλὰ μὴν λεκτέον γ' αὐτοῖς κατὰ
 30 παντὸς <παντὸς> τὴν κατάφασιν ἢ τὴν ἀπόφασιν· ἄτοπον γὰρ
 εἰ ἐκάστῳ ἡ μὲν αὐτοῦ ἀπόφασις ὑπάρξει, ἡ δ' ἐτέρου ὃ μὴ
 ὑπάρχει αὐτῷ οὐχ ὑπάρξει· λέγω δ' οἷον εἰ ἀληθὲς εἰπεῖν τὸν
 ἄνθρωπον ὅτι οὐκ ἄνθρωπος, δῆλον ὅτι καὶ οὐ
 τριήρης. εἰ μὲν οὖν ἡ κατάφασις, ἀνάγκη καὶ τὴν ἀπόφασιν·

comitância. Portanto, também assim, há de haver algo que significa essência. E se isso é assim, está provado que é impossível que as contradições sejam predicadas ao mesmo tempo.

[1007b 18] Além do mais, se todas as contraditórias fossem ao mesmo tempo verdadeiras a respeito do mesmo item, é evidente que todas as coisas seriam uma só. Pois uma mesma coisa seria trirreme, muro e homem, se fosse cabível a respeito de tudo ou afirmar ou negar algo – conforme é necessário que admitam os que sustentam o argumento de Protágoras. Pois se a alguém lhe parece não ser trirreme o homem, é evidente que não será trirreme; por conseguinte, também o será, se precisamente a contraditória é verdadeira.

[1007b 25] Com efeito, sucede o dito de Anaxágoras: “todas as coisas juntas”; por conseguinte, nada seria verdadeiramente o caso. Assim, afigura-se que se pronunciam sobre o indefinido e, presumindo se pronunciar sobre aquilo que é, pronunciam-se a respeito do que não é; pois o indefinido é aquilo que é em potência e não em efetividade.

[1007b 29] Pois bem: eles devem enunciar uma afirmação, ou uma negação, a respeito de tudo; pois seria absurdo se a cada um fosse atribuída a sua própria negação, mas não lhe fosse atribuída a negação do outro que não lhe é atribuído; quero dizer, por exemplo: se é verdade dizer que o homem não é homem, é evidente que também é verdade dizer que ele* não é trirreme. Assim sendo, se a afirmação [sc.

εἰ δὲ μὴ ὑπάρχει ἡ κατάφασις, ἢ γε ἀπόφασις ὑπάρξει
 1008α ι μᾶλλον ἢ ἡ αὐτοῦ. εἰ οὖν κἀκείνη ὑπάρχει, ὑπάρξει καὶ ἡ
 τῆς τριήρους· εἰ δ' αὕτη, καὶ ἡ κατάφασις. – ταυτὰ τε οὖν
 συμβαίνει τοῖς λέγουσι τὸν λόγον τοῦτον, καὶ ὅτι οὐκ ἀνάγκη
 ἢ φάναι ἢ ἀποφάναι. εἰ γὰρ ἀληθὲς ὅτι ἄνθρωπος καὶ
 οὐκ ἄνθρωπος, δῆλον ὅτι καὶ οὔτ' ἄνθρωπος οὔτ' οὐκ ἄν-
 θρωπος ἔσται· τοῖν γὰρ δυοῖν δύο ἀποφάσεις, εἰ δὲ μία
 ἐξ ἀμφοῖν ἐκείνη, καὶ αὕτη μία ἂν εἴη ἀντικειμένη. – ἔτι
 ἦτοι περὶ ἅπαντα οὕτως ἔχει, καὶ ἔστι καὶ λευκὸν καὶ οὐ
 λευκὸν καὶ ὄν καὶ οὐκ ὄν, καὶ περὶ τὰς ἄλλας φάσεις καὶ
 10 ἀποφάσεις ὁμοιοτρόπως, ἢ οὐ ἀλλὰ περὶ μὲν τινας, περὶ
 τινας δ' οὔ. καὶ εἰ μὲν μὴ περὶ πάσας, αὐταὶ ἂν εἶεν
 ὁμολογούμεναι· εἰ δὲ περὶ πάσας, πάλιν ἦτοι καθ' ὅσων τὸ
 φῆσαι καὶ ἀποφῆσαι καὶ καθ' ὅσων ἀποφῆσαι καὶ φῆσαι,
 ἢ κατὰ μὲν ὧν φῆσαι καὶ ἀποφῆσαι, καθ' ὅσων δὲ ἀπο-
 φῆσαι οὐ πάντων φῆσαι. καὶ εἰ μὲν οὕτως, εἴη ἄν τι πα-
 γίως οὐκ ὄν, καὶ αὕτη βεβαία δόξα, καὶ εἰ τὸ μὴ εἶναι
 βέβαιόν τι καὶ γνώριμον, γνωριμωτέρα ἂν εἴη ἢ φά-
 σις ἢ ἀντικειμένη· εἰ δὲ ὁμοίως καὶ ὅσα ἀποφῆσαι φά-

do outro] lhe é atribuída, é necessário que também a negação seja-lhe atribuída. Mas se não lhe for atribuída a afirmação [*sc.* do outro], ao menos a negação [do outro] há de ser-lhe atribuída, de preferência à sua própria negação. E se também esta lhe for atribuída, também há de ser-lhe atribuída a negação da trirreme; mas se esta lhe for atribuída, também o há de ser a afirmação [*sc.* da trirreme].

[1008a 2] Assim, é isso que decorre para os que sustentam esse argumento, e que não é necessário ou afirmar ou negar. Pois, se fosse verdade que “é homem” e que “não é homem”, é evidente que também seria verdade que “nem é homem”, “nem não homem”. Pois estas duas são negações das duas, e se aquela for uma só a partir de ambas, também esta, a oposta, será uma só.

[1008a 7] Além do mais, ou é assim a respeito de tudo, isto é, é branco e não branco e ente e não ente, e do mesmo modo com respeito às demais afirmações e negações, ou não, mas sim a respeito de algumas e não a respeito de outras. Se não for a respeito de todas, estas seriam admitidas consensualmente; mas se for a respeito de todas, de novo ou será possível negar tudo o que se afirma e afirmar tudo o que se nega, ou então negar tudo o que se afirma, mas não afirmar tudo o que se nega. E se for assim, haverá algo que solidamente não é, e esta opinião será firme e, se o *não ser* for firme e conhecido, será mais cognoscível a afirmação oposta. Mas se for possível semelhantemente

- ναι, ἀνάγκη ἥτοι ἀληθὲς διαιροῦντα λέγειν, οἶον ὅτι
- 20 λευκὸν καὶ πάλιν ὅτι οὐ λευκόν, ἢ οὐ. καὶ εἰ μὲν
μὴ ἀληθὲς διαιροῦντα λέγειν, οὐ λέγει τε ταῦτα καὶ
οὐκ ἔστιν οὐθέν (τὰ δὲ μὴ ὄντα πῶς ἂν φθέγγαιτο ἢ
βαδίσκειν;), καὶ πάντα δ' ἂν εἴη ἓν, ὥσπερ καὶ πρότερον
εἴρηται, καὶ ταῦτόν ἐσται καὶ ἄνθρωπος καὶ θεὸς καὶ τριή-
ρης καὶ αἱ ἀντιφάσεις αὐτῶν (εἰ γὰρ ὁμοίως καθ' ἑκάστου,
οὐδὲν διοίσει ἕτερον ἑτέρου· εἰ γὰρ διοίσει, τοῦτ' ἐσται ἀληθὲς
καὶ ἴδιον)· ὁμοίως δὲ καὶ εἰ διαιροῦντα ἐνδέχεται ἀληθεύειν,
συμβαίνει τὸ λεχθέν, πρὸς δὲ τούτῳ ὅτι πάντες ἂν ἀλη-
θεύοιεν καὶ πάντες ἂν ψεύδοιντο, καὶ αὐτὸς αὐτὸν ὁμο-
- 30 λογεῖ ψεύδεσθαι. ἅμα δὲ φανερόν ὅτι περὶ οὐθενός ἐστι
πρὸς τοῦτον ἡ σκέψις· οὐθὲν γὰρ λέγει. οὔτε γὰρ οὔτως οὔτ'
οὐχ οὔτως λέγει, ἀλλ' οὔτως τε καὶ οὐχ οὔτως· καὶ πάλιν
γε ταῦτα ἀπόφησιν ἄμφω, ὅτι οὔθ' οὔτως οὔτε οὐχ οὔτως· εἰ
γὰρ μή, ἥδη ἂν τι εἴη ὠρισμένον. – ἔτι εἰ ὅταν ἡ φάσις
ἀληθὲς ᾖ, ἡ ἀπόφασις ψευδής, καὶ αὕτη ἀληθὲς ᾖ, ἡ
κατάφασις ψευδής, οὐκ ἂν εἴη τὸ αὐτὸ ἅμα φάναι καὶ
- 1008β 1 ἀποφάναι ἀληθῶς. ἀλλ' ἴσως φαῖεν ἂν τοῦτ' εἶναι τὸ ἐξ
ἀρχῆς κείμενον. – ἔτι ἄρα ὁ μὲν ἢ ἔχειν πως ὑπολαμβάνει

afirmar tudo que se nega, será necessário ou que seja verdadeiro afirmar separadamente* (por exemplo, que é branco e, em contrapartida, que não é branco), ou não. E se não for verdadeiro afirmar separadamente, o adversário não diz tais coisas e não é nada (e de que modo aquilo que não é poderia se pronunciar ou caminhar?), e tudo seria uma só coisa (tal como inclusive antes foi dito), e seriam o mesmo homem, deus, trirreme e suas contradições (pois se semelhantemente [for possível afirmar e negar] a respeito de cada um, em nada diferirá um do outro; pois, se houver diferença, ela há de ser verdadeira e própria).

[1008a 27] Semelhantemente, ainda que seja possível dizer o verdadeiro separadamente, decorrerá aquilo que foi dito e, além disso, que todos diriam o verdadeiro e todos diriam o falso, e o próprio adversário admite que ele mesmo diz o falso. Ao mesmo tempo, é manifesto que a discussão contra ele não é a respeito de nada: pois ele nada diz. Pois ele nem diz “assim” nem “não assim”, mas “assim e não assim” e, de novo nega ambos: “nem assim, nem não assim”. Caso contrário, já haveria algo definido.

[1008a 34] Além disso, se, quando a afirmação é verdadeira, a negação é falsa e se, quando esta é verdadeira, a afirmação é falsa, não é possível afirmar e negar o mesmo verdadeiramente ao mesmo tempo. Mas certamente diriam que isso é o que estava proposto no princípio.

νων ἢ μὴ ἔχειν διέψευσται, ὁ δὲ ἄμφω ἀληθεύει; εἰ γὰρ ἀληθεύει, τί ἂν εἴη τὸ λεγόμενον ὅτι τοιαύτη τῶν ὄντων ἢ φύσις; εἰ δὲ μὴ ἀληθεύει, ἀλλὰ μᾶλλον ἀληθεύει ἢ ὁ ἐκείνως ὑπολαμβάνων, ἥδη πως ἔχοι ἂν τὰ ὄντα, καὶ τοῦτ' ἀληθὲς ἂν εἴη, καὶ οὐχ ἅμα καὶ οὐκ ἀληθές. εἰ δὲ ὁμοίως ἅπαντες καὶ ψεύδονται καὶ ἀληθῆ λέγουσιν, οὔτε φθέγγασθαι οὔτ' εἰπεῖν τῷ τοιούτῳ ἔσται· ἅμα γὰρ ταῦτά τε καὶ
10 οὐ ταῦτα λέγει. εἰ δὲ μὴθὲν ὑπολαμβάνει ἀλλ' ὁμοίως οἶεται καὶ οὐκ οἶεται, τί ἂν διαφερόντως ἔχοι τῶν γε φυτῶν; ὅθεν καὶ μάλιστα φανερόν ἐστιν ὅτι οὐδεὶς οὕτω διάκειται οὔτε τῶν ἄλλων οὔτε τῶν λεγόντων τὸν λόγον τοῦτον. διὰ τί γὰρ βαδίζει Μέγαράδῃ ἀλλ' οὐχ ἡσυχάζει, οἴμενος βαδίζειν δεῖν; οὐδ' εὐθέως ἔωθεν πορεύεται εἰς φρέαρ ἢ εἰς φάραγγα, εἰς τύχη, ἀλλὰ φαίνεται εὐλαβούμενος, ὥς οὐχ ὁμοίως οἴόμενος μὴ ἀγαθὸν εἶναι τὸ ἐμπεσεῖν καὶ ἀγαθόν; δηλὸν ἄρα ὅτι τὸ μὲν βέλτιον ὑπολαμβάνει τὸ δ' οὐ βέλτιον. εἰ δὲ τοῦτο, καὶ τὸ μὲν ἄνθρωπον τὸ δ' οὐκ ἄνθρωπον
20 καὶ τὸ μὲν γλυκὺ τὸ δ' οὐ γλυκὺ ἀνάγκη ὑπολαμβάνειν. οὐ γὰρ ἐξ ἴσου ἅπαντα ζητεῖ καὶ ὑπολαμβάνει, ὅταν οἴη-

[1008b 2] Além disso, será que diz o falso quem concebe que é de tal modo ou que não é, ao passo que diz o verdadeiro quem concebe que é de ambos os modos? Pois, se este diz o verdadeiro, o que seria o dito de que a natureza dos entes é de tal tipo*? E se ele não diz o verdadeiro, mas o diz mais do que quem concebe daquele outro modo, os entes já se comportariam de um modo determinado, e isso seria verdadeiro e não ao mesmo tempo também não verdadeiro.

[1008b 7] E se todos, sem exceção, dissessem indiferentemente o falso e o verdadeiro, não seria possível a um tal tipo nem se pronunciar nem falar: pois ele diria ao mesmo tempo “isso” e “não isso”. No entanto, se ele nada concebe, mas indiferentemente julga e não julga, no que se comportará diferentemente de uma planta? Eis de onde é sobretudo manifesto que não se encontra assim disposto nenhum dos outros, tampouco nenhum dos que sustentam esse argumento. Pois por que ele caminha para Megara e não fica parado, quando julga ser preciso caminhar? Nem pela manhã se atira diretamente num poço ou precipício, se o encontra, mas se manifesta com precauções, como que não julgando ser indiferentemente bom e não bom cair. É evidente, portanto, que ele considera que uma coisa é melhor e outra não é melhor. Se isso é assim, é necessário que ele também considere que uma coisa é homem, outra não é homem, e que uma coisa é doce, outra não é doce. Pois ele não procura e considera tudo indiferentemente, quan-

θεὶς βέλτιον εἶναι τὸ πιεῖν ὕδωρ καὶ ἰδεῖν ἄνθρωπον εἶτα
 ζητῇ αὐτά· καίτοι ἔδει γε, εἰ ταυτὸν ἦν ὁμοίως καὶ ἄν-
 θρωπος καὶ οὐκ ἄνθρωπος. ἀλλ' ὅπερ ἐλέχθη, οὐθεὶς ὃς οὐ
 φαίνεται τὰ μὲν εὐλαβούμενος τὰ δ' οὐ· ὥστε, ὡς ἔοικε,
 πάντες ὑπολαμβάνουσιν ἔχειν ἀπλῶς, εἰ μὴ περὶ ἅπαντα,
 ἀλλὰ περὶ τὸ ἄμεινον καὶ χεῖρον. εἰ δὲ μὴ ἐπιστάμενοι
 ἀλλὰ δοξάζοντες, πολὺ μᾶλλον ἐπιμελητέον ἂν εἴη τῆς
 ἀληθείας, ὥσπερ καὶ νοσῶδει ὄντι ἢ ὑγιεινῷ τῆς ὑγιείας·
 30 καὶ γὰρ ὁ δοξάζων πρὸς τὸν ἐπιστάμενον οὐχ ὑγιεινῶς διά-
 κεῖται πρὸς τὴν ἀλήθειαν. – ἔτι εἰ ὅτι μάλιστα πάντα οὕτως
 ἔχει καὶ οὐχ οὕτως, ἀλλὰ τό γε μᾶλλον καὶ ἥττον ἔνεστιν
 ἐν τῇ φύσει τῶν ὄντων· οὐ γὰρ ἂν ὁμοίως φήσαιμεν εἶναι
 τὰ δύο ἄρτια καὶ τὰ τρία, οὐδ' ὁμοίως διέψευσται ὁ τὰ
 τέτταρα πέντε οἰόμενος καὶ ὁ χίλια. εἰ οὖν μὴ ὁμοίως,
 δηλὸν ὅτι ἄτερος ἥττον, ὥστε μᾶλλον ἀληθεύει. εἰ οὖν τὸ
 1009a 1 μᾶλλον ἐγγύτερον, εἴη γε ἂν τι ἀληθές οὐ ἐγγύτερον τὸ
 μᾶλλον ἀληθές. καὶ εἰ μὴ ἔστιν, ἀλλ' ἤδη γέ τι ἔστι βε-
 βαιότερον καὶ ἀληθινώτερον, καὶ τοῦ λόγου ἀπηλλαγμέ-
 νοι ἂν εἴημεν τοῦ ἀκράτου καὶ κωλύοντός τι τῇ διανοίᾳ
 ὁρίσαι.

do, após julgar ser melhor beber água, ou ver algum homem, em seguida procura fazer isso. Mas isso seria necessário, com efeito, se o mesmo fosse semelhantemente homem e não homem.

[1008b 24] Mas, tal como foi dito, não há ninguém que não se manifeste precavido contra certas coisas e não contra outras. Por conseguinte, como se afigura, todos concebem, se não a respeito de tudo, ao menos a respeito do melhor e do pior, que [os entes] se comportam de modo simples. E se o fazem não com conhecimento, mas por opinião, muito mais devem cuidar da verdade, tal como quem está doente deve cuidar da saúde mais do que o saudável; pois quem opina não se dispõe saudavelmente para com a verdade, em comparação com quem conhece.

[1008b 31] Além do mais, mesmo se tudo for assim e não assim, certamente o mais e o menos estão presentes na natureza dos entes; pois não diríamos semelhantemente que o dois é par e que o três é par, nem errariam semelhantemente aquele que julga que quatro é cinco e aquele que julga que é mil. E se não erram semelhantemente, é evidente que um deles erra menos, de modo que mais dirá a verdade. Assim, se o “mais” é “mais próximo”, haverá algo verdadeiro, do qual estará mais próximo o mais verdadeiro. Mesmo se não houver, ao menos já haverá algo mais firme e verossímil, e estaremos livres desse argumento desmesurado, que impede ao pensamento definir algo.

5. Ἔστι δ' ἀπὸ τῆς αὐτῆς δόξης καὶ ὁ Πρωταγόρου λόγος,
καὶ ἀνάγκη ὁμοίως αὐτοὺς ἄμφω ἢ εἶναι ἢ μὴ εἶναι· εἴτε
γὰρ τὰ δοκοῦντα πάντα ἐστὶν ἀληθῆ καὶ τὰ φαινόμενα,
ἀνάγκη εἶναι πάντα ἅμα ἀληθῆ καὶ ψευδῆ (πολλοὶ γὰρ
10 τὰναντία ὑπολαμβάνουσιν ἀλλήλοις, καὶ τοὺς μὴ ταῦτα
δοξάζοντας ἑαυτοῖς διεψεῦσθαι νομίζουσιν· ὥστ' ἀνάγκη τὸ
αὐτὸ εἶναί τε καὶ μὴ εἶναι), καὶ εἰ τοῦτ' ἐστίν, ἀνάγκη τὰ
δοκοῦντα εἶναι πάντ' ἀληθῆ (τὰ ἀντικείμενα γὰρ δοξάζουσιν
ἀλλήλοις οἱ διεψευσμένοι καὶ ἀληθεύοντες· εἰ οὖν ἔχει τὰ
ὄντα οὕτως, ἀληθεύσουσι πάντες). ὅτι μὲν οὖν ἀπὸ τῆς αὐτῆς
εἰσὶ διανοίας ἀμφοτέρωι οἱ λόγοι, δῆλον· ἔστι δ' οὐχ ὁ
αὐτὸς τρόπος πρὸς ἅπαντας τῆς ἐντεύξεως· οἱ μὲν γὰρ πει-
θοῦς δέονται οἱ δὲ βίας. ὅσοι μὲν γὰρ ἐκ τοῦ ἀπορῆσαι
ὑπέλαβον οὕτως, τούτων εὐΐατος ἢ ἄγνοια (οὐ γὰρ πρὸς τὸν
20 λόγον ἀλλὰ πρὸς τὴν διάνοιαν ἢ ἀπάντησις αὐτῶν)· ὅσοι
δὲ λόγου χάριν λέγουσι, τούτων δ' ἔλεγχος ἴασις τοῦ ἐν τῇ
φωνῇ λόγου καὶ τοῦ ἐν τοῖς ὀνόμασιν. ἐλήλυθε δὲ τοῖς δια-

Capítulo 5

[1009a 6] Provém da mesma opinião também o argumento de Protágoras, e é necessário que ambos semelhantemente ou sejam ou não sejam verdadeiros. Pois se tudo aquilo que se reputa e aparece ser o caso é verdadeiro, é necessário que tudo seja ao mesmo tempo verdadeiro e falso (pois muitos têm concepções contrárias entre si e consideram estar errados os que não têm as mesmas opiniões que eles próprios; por conseguinte, é necessário que o mesmo seja e não seja o caso) e, se isso é assim, é necessário que seja verdadeiro tudo aquilo que se reputa ser o caso (pois os que erram e os que dizem a verdade têm opiniões opostas entre si; ora, se os entes são assim, todos hão de dizer a verdade).

[1009a 15] Assim, que ambos os argumentos provêm do mesmo modo de pensar, é evidente; no entanto, não é o mesmo o modo de enfrentamento contra cada um; pois uns carecem de persuasão, outros, de força. Pois é facilmente curável a ignorância de todos os que assim vieram a conceber a partir de dificuldades (pois a confrontação dos mesmos não é relativa às palavras, mas sim ao pensamento); por outro lado, para aqueles que se pronunciavam em vista do palavreado, a cura é a refutação do argumento expresso na voz e nas palavras.

ποροῦσιν αὕτη ἢ δόξα ἐκ τῶν αἰσθητῶν, ἢ μὲν τοῦ ἅμα
 τὰς ἀντιφάσεις καὶ τὰναντία ὑπάρχειν ὁρῶσιν ἐκ ταύτου
 γιγνόμενα τὰναντία· εἰ οὖν μὴ ἐνδέχεται γίγνεσθαι τὸ μὴ
 ὄν, προϋπῆρχεν ὁμοίως τὸ πρᾶγμα ἄμφω ὄν, ὥσπερ καὶ
 Ἀναξαγόρας μεμιῆχθαι πᾶν ἐν παντί φησι καὶ Δημόκρι-
 τος· καὶ γὰρ οὗτος τὸ κενὸν καὶ τὸ πλήρες ὁμοίως καθ'
 ὅτι οὖν ὑπάρχειν μέρος, καίτοι τὸ μὲν ὃν τούτων εἶναι τὸ δὲ
 30 μὴ ὄν. πρὸς μὲν οὖν τοὺς ἐκ τούτων ὑπολαμβάνοντας ἐροῦμεν
 ὅτι τρόπον μὲν τινα ὀρθῶς λέγουσι τρόπον δὲ τινα ἀγνοοῦσιν·
 τὸ γὰρ ὃν λέγεται διχῶς, ὥστ' ἔστιν ὃν τρόπον ἐνδέχεται
 γίγνεσθαι τι ἐκ τοῦ μὴ ὄντος, ἔστι δ' ὃν οὐ, καὶ ἅμα τὸ
 αὐτὸ εἶναι καὶ ὃν καὶ μὴ ὄν, ἀλλ' οὐ κατὰ ταῦτ' (ὄν)· δυ-
 νάμει μὲν γὰρ ἐνδέχεται ἅμα ταῦτ' εἶναι τὰ ἐναντία,
 ἐντελεχείᾳ δ' οὐ. ἔτι δ' ἀξιόσομεν αὐτοὺς ὑπολαμβάνειν
 καὶ ἄλλην τινα οὐσίαν εἶναι τῶν ὄντων ἢ οὔτε κίνησις ὑπάρ-
 χει οὔτε φθορὰ οὔτε γένεσις τὸ παράπαν. — ὁμοίως δὲ καὶ
 1009β 1 ἢ περὶ τὰ φαινόμενα ἀλήθεια ἐνίοις ἐκ τῶν αἰσθητῶν ἐλή-

[1009a 22] Aos que percorrem dificuldades, foi a partir dos sensíveis que proveio essa opinião, a de que as contraditórias e os contrários são o caso ao mesmo tempo, por verem os contrários vindo a ser a partir do mesmo. Assim, se não é possível que venha a ser aquilo que não é, a coisa estava previamente disposta sendo indiferentemente ambos os contrários – tal como Anaxágoras disse tudo estar misturado em tudo, e também Demócrito: pois este disse que o vazio e o cheio estão presentes semelhantemente em cada parte, embora um deles seja ente e o outro, não ente.

[1009a 30] Assim, contra os que concebem a partir disso, diremos que de certo modo se pronunciam corretamente, mas de certo modo se enganam. Pois o ente se diz de dois modos e, conseqüentemente, há um modo no qual é admissível vir a ser algo a partir do que não é (mas há outro no qual não é admissível), e ao mesmo tempo a mesma coisa ser ente e não ente (embora não conforme o mesmo); pois em potência é admissível que a mesma coisa seja ao mesmo tempo os contrários, mas, em efetividade, não.

[1009a 36] Além do mais, pedir-lhe-emos que concebam haver também uma outra essência entre os entes, à qual não pertence, de modo algum, nem movimento, nem corrupção, nem geração.

[1009a 38] De maneira semelhante, também a verdade a respeito das aparências a alguns proveio a partir dos sensíveis. Pois crêem não

- λυθεν. τὸ μὲν γὰρ ἀληθὲς οὐ πλήθει κρίνεσθαι οἴονται
προσῆκειν οὐδὲ ὀλιγότῃτι, τὸ δ' αὐτὸ τοῖς μὲν γλυκὺ γευσ-
μένοις δοκεῖν εἶναι τοῖς δὲ πικρόν, ὥστ' εἰ πάντες ἔκαμνον
ἢ πάντες παρεφρόνουν, δύο δ' ἢ τρεῖς ὑγίαινον ἢ νοῦν εἶχον,
δοκεῖν ἂν τούτους κάμνειν καὶ παραφρονεῖν τοὺς δ' ἄλλους οὐ·
ἔτι δὲ καὶ πολλοῖς τῶν ἄλλων ζώων τάναντία (περὶ τῶν αὐτῶν)
φαίνεσθαι καὶ ἡμῖν, καὶ αὐτῷ δὲ ἐκάστῳ πρὸς αὐτὸν οὐ
ταῦτά κατὰ τὴν αἴσθησιν αἰεὶ δοκεῖν. ποῖα οὖν τούτων ἀληθῆ
10 ἢ ψευδῆ, ἄδηλον· οὐθὲν γὰρ μάλλον τάδε ἢ τάδε ἀληθῆ,
ἀλλ' ὁμοίως. διὸ Δημόκριτός γέ φησιν ἥτοι οὐθὲν εἶναι
ἀληθὲς ἢ ἡμῖν γ' ἄδηλον. ὅλως δὲ διὰ τὸ ὑπολαμβάνειν
φρόνησιν μὲν τὴν αἴσθησιν, ταύτην δ' εἶναι ἀλλοίωσιν, τὸ
φαινόμενον κατὰ τὴν αἴσθησιν ἐξ ἀνάγκης ἀληθὲς εἶναί
φασιν· ἐκ τούτων γὰρ καὶ Ἐμπεδοκλῆς καὶ Δημόκριτος
καὶ τῶν ἄλλων ὡς ἔπος εἰπεῖν ἕκαστος τοιαύταις δόξαις
γεγέννηται ἔνοχοι. καὶ γὰρ Ἐμπεδοκλῆς μεταβάλλοντας
τὴν ἑξίν μεταβάλλειν φησὶ τὴν φρόνησιν· "πρὸς παρεὸν
γὰρ μῆτις ἐναύξεται ἀνθρώποισιν." καὶ ἐν ἑτέροις δὲ λέγει

convir que o verdadeiro seja decidido por multidão ou minoria*, e crêem que o mesmo parece ser a alguns (que o degustaram) doce, mas a outros, azedo, de modo que, se todos estivessem doentes ou ensandecidos, ao passo que dois ou três se mantivessem sãos e sensatos, plausivelmente se reputaria que estes estariam doentes e ensandecidos, mas não os demais.

[1009b 6] Além disso, crêem que muitas coisas manifestam-se contrárias a muitos dos animais e a nós, e que, para cada um consigo mesmo, não é sempre que parecem as mesmas coisas conforme a sensação. Assim, não seria evidente qual dessas seria verdadeira ou falsa; pois estas em nada seriam mais verdadeiras que aquelas, mas sim semelhantemente. Por isso, Demócrito, de sua parte, afirmou que ou nada é verdadeiro, ou ao menos não é evidente para nós.

[1009b 13] Em geral, por terem concebido como pensamento a sensação, e porque esta é uma alteração*, afirmam ser necessariamente verdadeiro aquilo que se manifesta à sensação. Pois foi a partir disso que Empédocles e Demócrito e por assim dizer cada um dos demais tornaram-se suscetíveis a tais opiniões. Pois Empédocles inclusive disse que aqueles que mudam a disposição mudam o pensamento: “pois a inteligência cresce nos homens em relação ao que lhes está presente”. Em outro lugar, afirma que: “na medida em que se tor-

- 20 ὅτι "ὅσον <δ'> ἄλλοιοι μετέφυν, τόσον ἄρ σφισιν αἰεὶ | καὶ τὸ
φρονεῖν ἄλλοῖα παρίστατο". καὶ Παρμενίδης δὲ ἀποφαίνε-
ται τὸν αὐτὸν τρόπον· "ὥς γὰρ ἐκάστοτ' ἔχει κρᾶσιν με-
λέων πολυκάμπτων, | τὼς νόος ἀνθρώποισι παρίσταται· τὸ
γὰρ αὐτὸ | ἔστιν ὅπερ φρονέει, μελέων φύσις ἀνθρώποισιν |
καὶ πᾶσιν καὶ παντί· τὸ γὰρ πλεόν ἐστὶ νόημα." Ἀνα-
ξαγόρου δὲ καὶ ἀπόφθεγμα μνημονεύεται πρὸς τῶν ἐταί-
ρων τινάς, ὅτι τοιαῦτ' αὐτοῖς ἔσται τὰ ὄντα οἷα ἂν ὑπολά-
βωσιν. φασὶ δὲ καὶ τὸν Ὅμηρον ταύτην ἔχοντα φαίνε-
σθαι τὴν δόξαν, ὅτι ἐποίησε τὸν Ἑκτορα, ὡς ἐξέστη ὑπὸ
30 τῆς πληγῆς, κεῖσθαι ἄλλοφρονέοντα, ὡς φρονοῦντας μὲν
καὶ τοὺς παραφρονοῦντας ἀλλ' οὐ ταυτά. δῆλον οὖν ὅτι, εἰ
ἀμφοτέραι φρονήσεις, καὶ τὰ ὄντα ἅμα οὕτω τε καὶ οὐχ
οὕτως ἔχει. ἥ καὶ χαλεπώτατον τὸ συμβαῖνόν ἐστιν· εἰ
γὰρ οἱ μάλιστα τὸ ἐνδεχόμενον ἀληθὲς ἐωρακότες—οὔτοι
δ' εἰσὶν οἱ μάλιστα ζητοῦντες αὐτὸ καὶ φιλοῦντες—οὔτοι τοι-
αύτας ἔχουσι τὰς δόξας καὶ ταῦτα ἀποφαίνονται περὶ
τῆς ἀληθείας, πῶς οὐκ ἄξιον ἀθυμῆσαι τοὺς φιλοσοφεῖν
ἐγχειροῦντας; τὸ γὰρ τὰ πετόμενα διώκειν τὸ ζητεῖν ἂν

nam diversos, neste tanto também o pensar sempre lhes propicia [coisas] diversas”.

[1009b 21] Também Parmênides se pronuncia da mesma maneira: “assim como cada vez está a mistura dos membros de muitas dobras, do mesmo modo o pensar se institui para os homens; pois é o mesmo aquilo que pensa: a natureza dos membros, para todos e para cada um; pois é pensamento aquilo que predomina”.

[1009b 25] Menciona-se também declaração de Anaxágoras para alguns de seus companheiros, a de que, para eles, os entes serão tais quais conceberem.

[1009b 28] Afirmam que também Homero se manifestava dotado dessa opinião, porque fez Heitor, quando saiu de si devido ao golpe, jazer delirando, como se também pensassem aqueles que deliram*, embora não as mesmas coisas. Assim, seria evidente que, se ambos são pensamentos, também os entes se comportariam ao mesmo tempo assim e não assim.

[1009b 33] É de fato duríssimo o que decorre disso: pois se aqueles que mais têm observado o verdadeiro possível (e estes são os que mais o procuram e mais o estimam) possuem tais opiniões e declaram isso a respeito da verdade, como não seria justo que desanimassem aqueles que tentam filosofar? Pois buscar a verdade seria perseguir pássaros que voam.

1010α 1 εἴη τὴν ἀλήθειαν. – αἴτιον δὲ τῆς δόξης τούτοις ὅτι περὶ τῶν
 ὄντων μὲν τὴν ἀλήθειαν ἐσκόπουν, τὰ δ' ὄντα ὑπέλαβον
 εἶναι τὰ αἰσθητὰ μόνον· ἐν δὲ τούτοις πολλὴ ἡ τοῦ ἀορίστου
 φύσις ἐνυπάρχει καὶ ἡ τοῦ ὄντος οὕτως ὥσπερ εἴπομεν·
 διὸ εἰκότως μὲν λέγουσιν, οὐκ ἀληθὴ δὲ λέγουσιν (οὕτω γὰρ
 ἀρμόττει μᾶλλον εἰπεῖν ἢ ὥσπερ Ἐπίχαρμος εἰς Ξενοφά-
 νην). ἔτι δὲ πᾶσαν ὁρῶντες ταύτην κινουμένην τὴν φύσιν,
 κατὰ δὲ τοῦ μεταβάλλοντος οὐθὲν ἀληθεύμενον, περί γε
 τὸ πάντῃ πάντως μεταβάλλον οὐκ ἐνδέχασθαι ἀληθεύειν.
 10 ἐκ γὰρ ταύτης τῆς ὑπολήψεως ἐξήνθησεν ἡ ἀκροτάτη δόξα
 τῶν εἰρημένων, ἡ τῶν φασκόντων ἡρακλειτίζειν καὶ οἷαν
 Κρατύλος εἶχεν, ὃς τὸ τελευταῖον οὐθὲν ᾤετο δεῖν λέγειν
 ἀλλὰ τὸν δάκτυλον ἐκίνει μόνον, καὶ Ἡρακλείτῳ ἐπετίμα
 εἰπόντι ὅτι δις τῷ αὐτῷ ποταμῷ οὐκ ἔστιν ἐμβῆναι· αὐτὸς
 γὰρ ᾤετο οὐδ' ἅπαξ. ἡμεῖς δὲ καὶ πρὸς τοῦτον τὸν λόγον
 ἐροῦμεν ὅτι τὸ μὲν μεταβάλλον ὅτε μεταβάλλει ἔχει τινὰ
 αὐτοῖς λόγον μὴ οἶεσθαι εἶναι, καίτοι ἔστι γε ἀμφισ-
 βητήσιμον· τό τε γὰρ ἀποβάλλον ἔχει τι τοῦ ἀποβαλ-
 λομένου, καὶ τοῦ γιγνομένου ἤδη ἀνάγκη τι εἶναι, ὅλως
 20 τε εἰ φθείρεται, ὑπάρξει τι ὄν, καὶ εἰ γίγνεται, ἐξ οὗ

[1010a 1] A causa dessa opinião deles é que investigavam a verdade a respeito dos entes, mas julgaram ser entes apenas os sensíveis; e nestes encontra-se bastante presente a natureza do indefinido, isto é, a do ente assim como dissemos; por isso, pronunciavam-se de modo plausível, mas não dizem a verdade (pois mais convém pronunciar-se assim do que como Epicarmo contra Xenófanes).

[1010a 7] Além disso, vendo que esta natureza encontra-se inteira em movimento, e que nada verdadeiro se diz daquilo que está sofrendo mudança, disseram que não é possível dizer nada verdadeiro ao menos a respeito daquilo que sofre mudança em toda parte e de todo modo. Pois desta concepção floresceu a opinião mais extrema entre as mencionadas, a daqueles que afirmam “heraclitizar” e tal qual Crátilo sustentou, o qual, em última instância, julgava que não se deveria dizer nada, mas apenas movia o dedo e repreendia Heráclito por ter dito que não era possível entrar duas vezes no mesmo rio: pois ele julgava que nem sequer uma vez.

[1010a 15] Mas nós, contra tal argumento também, diremos que há alguma razão para eles crerem que aquilo que sofre mudança, quando sofre mudança, não seja – embora isso seja disputável. Pois aquilo que está perdendo possui algo do que está sendo perdido, e é necessário que já exista algo daquilo que está vindo a ser e, em geral, se algo está se corrompendo, algo haverá de resultar e, se algo está vindo a ser, é

γίγνεται καὶ ὑφ' οὗ γεννᾶται ἀναγκαῖον εἶναι, καὶ τοῦτο
 μὴ ἰέναι εἰς ἄπειρον. ἀλλὰ ταῦτα παρέντες ἐκεῖνα λέγω-
 μεν, ὅτι οὐ ταῦτό ἐστι τὸ μεταβάλλειν κατὰ τὸ ποσὸν
 καὶ κατὰ τὸ ποιόν· κατὰ μὲν οὖν τὸ ποσὸν ἔστω μὴ μένον,
 ἀλλὰ κατὰ τὸ εἶδος ἅπαντα γιγνώσκουμεν. ἔτι δ' ἄξιον
 ἐπιτιμῆσαι τοῖς οὕτως ὑπολαμβάνουσιν, ὅτι καὶ αὐτῶν τῶν
 αἰσθητῶν ἐπὶ τῶν ἐλαττόνων τὸν ἀριθμὸν ἰδόντες οὕτως
 ἔχοντα περὶ ὅλου τοῦ οὐρανοῦ ὁμοίως ἀπεφάνησαντο· ὁ γὰρ
 περὶ ἡμᾶς τοῦ αἰσθητοῦ τόπος ἐν φθορᾷ καὶ γενέσει διατε-
 30 λεῖ μόνος ὢν, ἀλλ' οὗτος οὐθὲν ὥς εἰπεῖν μόνιον τοῦ παντός
 ἐστίν, ὥστε δικαιότερον ἂν δι' ἐκεῖνα τούτων ἀπεψηφίσαντο
 ἢ διὰ ταῦτα ἐκείνων κατεψηφίσαντο. ἔτι δὲ δῆλον ὅτι
 καὶ πρὸς τούτους ταῦτα τοῖς πάλαι λεχθεῖσιν ἐροῦμεν· ὅτι
 γὰρ ἔστιν ἀκίνητός τις φύσις δεικτέον αὐτοῖς καὶ πειστέον
 αὐτούς. καίτοι γε συμβαίνει τοῖς ἅμα φάσκουσιν εἶναι
 καὶ μὴ εἶναι ἡρεμεῖν μᾶλλον φάναι πάντα ἢ κινεῖσθαι·
 οὐ γὰρ ἔστιν εἰς ὃ τι μεταβαλεῖ ἅπαντα γὰρ ὑπάρχει
 1010Β Ι πᾶσιν. — περὶ δὲ τῆς ἀληθείας, ὥς οὐ πᾶν τὸ φαινόμενον
 ἀληθές, πρῶτον μὲν ὅτι οὐδ' ἡ αἴσθησις ψευδῆς τοῦ

necessário haver aquilo a partir de que está vindo a ser e aquilo por obra de que está sendo gerado, e que isso não vá ao infinito.

[1010a 22] No entanto, deixando isso de lado, afirmemos que não é o mesmo mudar conforme o quanto e conforme o qual; admita-se que não permanece conforme o quanto; não obstante, é pela forma que conhecemos tudo.

[1010a 25] Além do mais, é justo repreender aos que assim concebem, porque, vendo que assim é no caso de um número menor, até mesmo entre os sensíveis, declararam de maneira semelhante a respeito do mundo inteiro; pois apenas o lugar do sensível em volta de nós está incessantemente em corrupção e geração, mas ele por assim dizer nem sequer é uma parte do todo, de modo que seria mais justo absolvê-los devido àqueles do que condenar aqueles devido a estes*.

[1010a 32] Além do mais, é evidente que também contra estes diremos o mesmo que já foi dito há muito: pois deve-se provar e convencê-los de que há uma natureza imóvel. Embora, aos que afirmam que ao mesmo tempo é e não é, suceda afirmar antes que tudo está em repouso, e não que tudo se encontra em movimento: pois não há nada para o que algo possa se mudar: pois tudo se encontra em tudo.

[1010b 1] A respeito da verdade, para provar que nem tudo o que aparece é verdadeiro, [sc. deve-se dizer] primeiramente que nem sequer a sensação é falsa, ao menos a do [objeto] próprio*, mas aquilo

γε ἰδίου ἐστίν, ἀλλ' ἡ φαντασία οὐ ταῦτόν τῃ αἰσθήσει. εἴτ'
 ἄξιον θαυμάσαι εἰ τοῦτ' ἀποροῦσι, πότερον τηλικαῦτά ἐστι
 τὰ μεγέθη καὶ τὰ χρώματα τοιαῦτα οἷα τοῖς ἄπωθεν φαί-
 νεται ἢ οἷα τοῖς ἐγγύθεν, καὶ πότερον οἷα τοῖς ὑγιαίνουσιν
 ἢ οἷα τοῖς κάμνουσιν, καὶ βαρύτερα πότερον ἢ τοῖς ἀσθε-
 νοῦσιν ἢ ἂ τοῖς ἰσχύουσιν, καὶ ἀληθεῖ πότερον ἢ τοῖς κα-
 θεύδουσιν ἢ ἂ τοῖς ἐγρηγορόσιν. ὅτι μὲν γὰρ οὐκ οἴονται
 10 γε, φανερόν· οὐθεὶς γοῦν, ἐὰν ὑπολάβῃ νύκτωρ Ἀθήνησιν
 εἶναι ὡν ἐν Λιβύῃ, πορεύεται εἰς τὸ ὠδεῖον. ἔτι δὲ περὶ
 τοῦ μέλλοντος, ὥσπερ καὶ Πλάτων λέγει, οὐ δήπου ὁμοίως
 κυρία ἢ τοῦ ἱατροῦ δόξα καὶ ἢ τοῦ ἀγνοοῦντος, οἷον περὶ τοῦ
 μέλλοντος ἔσεσθαι ὑγιоῦς ἢ μὴ μέλλοντος. ἔτι δὲ ἐπ' αὐ-
 τῶν τῶν αἰσθήσεων οὐχ ὁμοίως κυρία ἢ τοῦ ἀλλοτρίου καὶ
 ἰδίου ἢ τοῦ πλησίον καὶ τοῦ αὐτῆς, ἀλλὰ περὶ μὲν χρώ-
 ματος ὅψις, οὐ γεῦσις, περὶ δὲ χυμοῦ γεῦσις, οὐκ ὅψις·
 ὡν ἐκάστη ἐν τῷ αὐτῷ χρόνῳ περὶ τὸ αὐτὸ οὐδέποτε φη-
 σιν ἅμα οὕτω καὶ οὐχ οὕτως ἔχειν. ἀλλ' οὐδὲ ἐν ἐτέρῳ
 20 χρόνῳ περὶ γε τὸ πάθος ἡμφισβήτησεν, ἀλλὰ περὶ τὸ ᾧ

que aparece não é o mesmo que a sensação. Além disso, é justo admirar-se se porventura levantam tais dificuldades: se as grandezas são de tal porte e se as cores são tais quais aparecem aos que estão longe ou tais quais aparecem aos que estão perto, e se são tais quais aparecem aos saudáveis ou tais quais aparecem aos doentes, e se são pesadas as que assim aparecem aos fracos ou as que assim aparecem aos fortes, e se são verdadeiras as que aparecem aos que dormem ou as que aparecem aos despertos. Pois, que ninguém crê nisso, é manifesto: em todo caso, ao menos, ninguém, se à noite julga estar em Atenas, estando na Líbia, caminha até o Odeon.

[1010b 11] Além disso, a respeito do futuro, como inclusive disse Platão, certamente não são indiferentemente importantes a opinião do médico e a do ignorante, por exemplo, a respeito daquele que virá a estar saudável ou não virá.

[1010b 14] Além disso, entre as próprias sensações, não são semelhantemente decisivas a do [objeto] alheio e a do próprio, ou a do [objeto] vizinho e a do seu objeto; ora, a respeito de cor, é a visão que é decisiva, não a gustação e, a respeito do sabor, é a gustação, não a visão; cada uma das quais, num mesmo instante, a respeito de um mesmo [item], jamais diz ao mesmo tempo que é assim e não assim.

[1010b 19] Mas nem sequer em instantes distintos há divergência a respeito exatamente da afecção, mas antes a respeito do item ao qual

συμβέβηκε τὸ πάθος. λέγω δ' οἶον ὁ μὲν αὐτὸς οἶνος δό-
 ξειεν ἂν ἢ μεταβαλὼν ἢ τοῦ σώματος μεταβαλόντος ὅτε
 μὲν εἶναι γλυκὺς ὅτε δὲ οὐ γλυκὺς· ἀλλ' οὐ τό γε γλυκὺ,
 οἶον ἐστὶν ὅταν ἦ, οὐδεπώποτε μετέβαλεν, ἀλλ' αἰεὶ ἀλη-
 θεύει περὶ αὐτοῦ, καὶ ἔστιν ἐξ ἀνάγκης τὸ ἐσόμενον γλυκὺ
 τοιοῦτον. καίτοι τοῦτο ἀναιρουσιν οὔτοι οἱ λόγοι ἅπαντες,
 ὥσπερ καὶ οὐσίαν μὴ εἶναι μηθενός, οὕτω μὴδ' ἐξ ἀνάγκης
 μηθέν· τὸ γὰρ ἀναγκαῖον οὐκ ἐνδέχεται ἄλλως καὶ ἄλλως
 ἔχειν, ὥστ' εἴ τι ἔστιν ἐξ ἀνάγκης, οὐχ ἔξει οὕτω τε καὶ
 30 οὐχ οὕτως. – ὅλως τ' εἴπερ ἔστι τὸ αἰσθητὸν μόνον, οὐθὲν ἂν
 εἶη μὴ ὄντων τῶν ἐμψύχων· αἴσθησις γὰρ οὐκ ἂν εἴη. τὸ
 μὲν οὖν μήτε τὰ αἰσθητὰ εἶναι μήτε τὰ αἰσθήματα ἴσως
 ἀληθές (τοῦ γὰρ αἰσθανομένου πάθος τοῦτό ἐστι), τὸ δὲ τὰ
 ὑποκείμενα μὴ εἶναι, ἃ ποιεῖ τὴν αἴσθησιν, καὶ ἄνευ αἰ-
 σθήσεως, ἀδύνατον. οὐ γὰρ δὴ ἢ γ' αἴσθησις αὐτὴ ἐαυτῆς
 ἐστίν, ἀλλ' ἔστι τι καὶ ἕτερον παρὰ τὴν αἴσθησιν, ὃ ἀνάγκη
 πρότερον εἶναι τῆς αἰσθήσεως· τὸ γὰρ κινεῖν τοῦ κινουμένου
 1011α ι φύσει πρότερόν ἐστι, καὶ εἰ λέγεται πρὸς ἄλληλα ταῦτα,
 οὐθὲν ἥττον.

sucede concomitantemente a afecção. Quero dizer: o mesmo vinho poderia parecer – seja porque ele se modifica, seja porque se modifica o corpo – ser doce em tal instante, mas não doce em outro instante; no entanto, precisamente o doce, ao menos, tal como ele é quando ele é, jamais se modifica, mas, pelo contrário, sempre se acerta a verdade a respeito dele, e aquilo que há de ser doce é necessariamente de tal e tal tipo. Mas é isto que destroem todos esses argumentos: assim como não haveria essência de nada, do mesmo modo nada haveria por necessidade; pois o necessário não pode ser assim de diversos modos; conseqüentemente, se há algo por necessidade, não poderá se comportar assim e não assim*.

[1010b 30] Em geral, se houvesse apenas o sensível, nada haveria, não havendo os animados: pois, neste caso, não haveria sensação. No entanto, é certamente verdade que não haveria nem os sensíveis, nem as sensações (pois isso é uma afecção daquilo que sente); mas é impossível que, mesmo sem sensação, não existam também os subjacentes, que produzem a sensação. Pois certamente a sensação não é ela mesma de si mesma, mas há também algo distinto para além da sensação, o qual necessariamente é anterior à sensação; pois aquilo que move é por natureza anterior àquilo que é movido; e se eles enunciam-se um com relação ao outro, não menos.

6. Εἰσὶ δὲ τινες οἱ ἀποροῦσι καὶ τῶν ταῦτα πεπεισμένων
καὶ τῶν τοὺς λόγους τούτους μόνον λεγόντων· ζητοῦσι γὰρ
τίς ὁ κρίνων τὸν ὑγιαίνοντα καὶ ὅλως τὸν περὶ ἕκαστα κρι-
νοῦντα ὀρθῶς. τὰ δὲ τοιαῦτα ἀπορήματα ὁμοιά ἐστι τῷ
ἀπορεῖν πότερον καθεύδομεν νῦν ἢ ἐγρηγόραμεν, δύνανται
δ' αἱ ἀπορίαι αἱ τοιαῦται πᾶσαι τὸ αὐτό· πάντων γὰρ
λόγον ἀξιούσιν εἶναι οὔτοι· ἀρχὴν γὰρ ζητοῦσι, καὶ ταύτην
10 δι' ἀποδείξεως λαμβάνειν, ἐπεὶ ὅτι γε πεπεισμένοι οὐκ εἰσὶ,
φανεροί εἰσιν ἐν ταῖς πράξεσιν. ἀλλ' ὅπερ εἵπομεν, τοῦτο
αὐτῶν τὸ πάθος ἐστίν· λόγον γὰρ ζητοῦσιν ὧν οὐκ ἔστι λό-
γος· ἀποδείξεως γὰρ ἀρχὴ οὐκ ἀπόδειξις ἐστίν. οὔτοι μὲν
οὖν ῥαδίως ἂν τοῦτο πεισθεῖεν (ἔστι γὰρ οὐ χαλεπὸν λαβεῖν)·
οἱ δ' ἐν τῷ λόγῳ τὴν βίαν μόνον ζητοῦντες ἀδύνατον ζη-
τοῦσιν· ἐναντία γὰρ εἰπεῖν ἀξιούσιν, εὐθὺς ἐναντία λέγοντες.
εἰ δὲ μὴ ἔστι πάντα πρὸς τι, ἀλλ' ἑνία ἐστι καὶ αὐτὰ
καθ' αὐτά, οὐκ ἂν εἴη πᾶν τὸ φαινόμενον ἀληθές· τὸ γὰρ
φαινόμενον τινί ἐστι φαινόμενον· ὥστε ὁ λέγων ἅπαντα τὰ
20 φαινόμενα εἶναι ἀληθῆ ἅπαντα ποιεῖ τὰ ὄντα πρὸς τι.

Capítulo 6

[1011a 3] Há alguns que ficam no impasse – tanto entre os que estão persuadidos disso, como entre os que apenas pronunciam esses argumentos; pois querem saber quem discerne* [julga] o saudável e, em geral, quem discerne [julga] aquele que há de discernir [julgar] corretamente a respeito de cada coisa.

[1011a 6] Mas tais dificuldades são semelhantes a indagar se agora estamos dormindo ou acordados; e todas as dificuldades desse tipo equivalem ao mesmo; pois eles exigem fundamento para tudo; pois buscam princípio, e buscam apreendê-lo por demonstração – embora nas ações manifestem que não estão persuadidos. Mas, como dissemos, eis de que eles padecem: procuram fundamento daquilo de que não há fundamento: pois o princípio da demonstração não é demonstração. Mas estes facilmente poderiam ser persuadidos disso (pois não é difícil entender); no entanto, aqueles que buscam apenas a força no argumento buscam o impossível: pois proclamam afirmar coisas contrárias, afirmando imediatamente algo contrário [*sc.* a isso].

[1011a 17] Mas se não é tudo que é em relação a algo, mas algumas coisas são elas mesmas em si mesmas, nem tudo o que aparece é verdadeiro; pois aquilo que aparece, aparece para alguém; por conseguinte, quem diz que tudo o que aparece é verdadeiro faz todos os entes serem em relação a algo. Por isso, também aqueles que buscam

διὸ καὶ φυλακτέον τοῖς τὴν βίαν ἐν τῷ λόγῳ ζητοῦσιν,
 ἅμα δὲ καὶ ὑπέχειν λόγον ἀξιοῦσιν, ὅτι οὐ τὸ φαινόμενον
 ἔστιν ἀλλὰ τὸ φαινόμενον ᾧ φαίνεται καὶ ὅτε φαίνεται
 καὶ ἡ καὶ ὥς. ἂν δ' ὑπέχωσι μὲν λόγον, μὴ οὕτω δ'
 ὑπέχωσι, συμβήσεται αὐτοῖς τὰναντία ταχὺ λέγειν. ἐν-
 δέχεται γὰρ τὸ αὐτὸ κατὰ μὲν τὴν ὄψιν μέλι φαίνεσθαι
 τῇ δὲ γεύσει μῆ, καὶ τῶν ὀφθαλμῶν δυοῖν ὄντοιν μὴ
 ταῦτά ἐκατέρᾳ τῇ ὄψει, ἂν ὧσιν ἀνόμοιοι· ἐπεὶ πρὸς γε
 τοὺς διὰ τὰς πάλαι εἰρημένους αἰτίας τὸ φαινόμενον φά-
 30 σκοντας ἀληθὲς εἶναι, καὶ διὰ τοῦτο πάνθ' ὁμοίως εἶναι
 ψευδῇ καὶ ἀληθῇ· οὕτε γὰρ ἅπασι ταῦτά φαίνεσθαι οὕτε
 ταῦτῳ αἰεὶ ταῦτά, ἀλλὰ πολλάκις τὰναντία κατὰ τὸν αὐ-
 τὸν χρόνον (ἢ μὲν γὰρ ἀφῇ δύο λέγει ἐν τῇ ἐπαλλάξει
 τῶν δακτύλων ἢ δ' ὄψις ἓν)· – ἀλλ' οὐ τι τῇ αὐτῇ γε καὶ
 κατὰ τὸ αὐτὸ αἰσθήσει καὶ ὡσαύτως καὶ ἐν τῷ αὐτῷ
 1011β ι χρόνῳ, ὥστε τοῦτ' ἂν εἴη ἀληθές. ἀλλ' ἴσως διὰ τοῦτ'
 ἀνάγκη λέγειν τοῖς μὴ δι' ἀπορίαν ἀλλὰ λόγου χάριν
 λέγουσιν, ὅτι οὐκ ἔστιν ἀληθές τοῦτο ἀλλὰ τούτῳ ἀληθές.
 καὶ ὥσπερ δὴ πρότερον εἴρηται, ἀνάγκη πρὸς τι ποιεῖν
 ἅπαντα καὶ πρὸς δόξαν καὶ αἴσθησιν, ὥστ' οὕτε γέγονεν οὕτ'

a força no argumento e ao mesmo tempo pretendem se submeter ao argumento devem se resguardar e [dizer] que é verdadeiro não aquilo que aparece, mas sim aquilo que aparece para quem aparece, quando aparece, à sensação à qual aparece e do modo em que aparece. Se eles se submeterem ao argumento, mas não se submeterem assim, imediatamente lhes sucederá afirmar coisas contrárias. Pois é admissível que o mesmo se afigure mel à visão, mas não à gustação, e que, sendo dois os olhos, não se afigure a mesma coisa para cada vista, se elas forem dessemelhantes. Ao menos [era admissível]* para os que, devido às causas mencionadas há muito, afirmaram que é verdadeiro aquilo que aparece e, por isso, que tudo é indiferentemente falso e verdadeiro: pois nem para todos aparecem as mesmas coisas, nem para um mesmo sempre as mesmas, mas freqüentemente aparecem coisas contrárias num mesmo tempo (pois no cruzamento dos dedos o tato diz dois, mas a visão diz um), mas não precisamente para a mesma sensação, conforme o mesmo [aspecto], de um mesmo modo e no mesmo instante; por conseguinte, eis algo verdadeiro.

[1011b 1] Mas talvez por isso seja necessário, aos que afirmam não devido a dificuldades, mas em vista do palavreado, dizer que isso não é verdadeiro, mas sim verdadeiro para este. E como foi dito antes, será necessário fazer tudo em relação a algo, isto é, em relação a opinião e sensação, de modo que nada teria vindo a ser nem haveria de

- ἔσται οὐθὲν μνηθενὸς προδοξάσαντος. εἰ δὲ γέγονεν ἢ ἔσται,
 δηλὸν ὅτι οὐκ ἂν εἴη ἅπαντα πρὸς δόξαν. ἔτι εἰ ἓν, πρὸς
 ἓν ἢ πρὸς ὠρισμένον· καὶ εἰ τὸ αὐτὸ καὶ ἡμισυ καὶ ἴσον,
 ἀλλ' οὐ πρὸς τὸ διπλάσιόν γε τὸ ἴσον. πρὸς δὴ τὸ δοξά-
 10 ζον εἰ ταὐτὸ ἄνθρωπος καὶ τὸ δοξαζόμενον, οὐκ ἔσται ἄν-
 θρωπος τὸ δοξάζον ἀλλὰ τὸ δοξαζόμενον. εἰ δ' ἕκαστον
 ἔσται πρὸς τὸ δοξάζον, πρὸς ἅπειρα ἔσται τῷ εἶδει τὸ δοξάζον.
 Ὅτι μὲν οὖν βεβαιωτάτη δόξα πασῶν τὸ μὴ εἶναι ἀληθεῖς
 ἅμα τὰς ἀντικειμένους φάσεις, καὶ τί συμβαίνει τοῖς οὕτω
 λέγουσι, καὶ διὰ τί οὕτω λέγουσι, τοσαῦτα εἰρήσθω· ἐπεὶ
 δ' ἀδύνατον τὴν ἀντίφασιν ἅμα ἀληθεύεσθαι κατὰ τοῦ
 αὐτοῦ, φανερόν ὅτι οὐδὲ τὰναντία ἅμα ὑπάρχειν ἐνδέχεται
 τῷ αὐτῷ· τῶν μὲν γὰρ ἐναντίων θάτερον στέρησίς ἐστιν οὐχ
 ἡττον, οὐσίας δὲ στέρησις· ἢ δὲ στέρησις ἀπόφασίς ἐστιν ἀπό
 20 τινος ὠρισμένου γένους· εἰ οὖν ἀδύνατον ἅμα καταφάναι καὶ
 ἀποφάναι ἀληθῶς, ἀδύνατον καὶ τὰναντία ὑπάρχειν ἅμα, ἀλλ'
 ἢ πῇ ἄμφω ἢ θάτερον μὲν πῇ θάτερον δὲ ἀπλῶς.

ser, se ninguém tivesse antes opinado. Mas se veio a ser e há de ser, é evidente que não são todas as coisas que são relativas à opinião.

[1011b 8] Além disso, se algo é um, seria em relação a algo único ou em relação a um número determinado; e se o mesmo é metade e igual, não obstante, o igual não é em relação ao dobro. Em relação ao opinante, se são o mesmo o homem e o objeto da opinião, o homem não seria o opinante, mas sim o objeto da opinião. E se cada coisa fosse relativa ao opinante, o opinante seria relativo a coisas ilimitadas em espécie.

[1011b 13] Assim, que a mais firme de todas as opiniões é o não serem verdadeiras ao mesmo tempo as enunciações opostas, e o que decorre para os que assim afirmam, e por que assim afirmam, esteja dito neste tanto. Visto que é impossível que a contraditória diga a verdade ao mesmo tempo a respeito do mesmo, é manifesto que tampouco é possível que os contrários ao mesmo tempo pertençam ao mesmo. Pois, entre os contrários, o outro é privação, não menos que contrário, e privação de algo que é o caso; e a privação é negação a partir de um gênero determinado. Portanto, se é impossível ao mesmo tempo afirmar e negar verdadeiramente, também é impossível que os contrários sejam o caso ao mesmo tempo, a não ser ambos de certo modo, ou então, um, de um modo, o outro, simplesmente sem mais.

7. Ἄλλὰ μὴν οὐδὲ μεταξὺ ἀντιφάσεως ἐνδέχεται εἶναι
οὐθέν, ἀλλ' ἀνάγκη ἢ φάναι ἢ ἀποφάναι ἐν καθ' ἑνὸς ὅτιοῦν.
δηλον δὲ πρῶτον μὲν ὀρισμένοις τί τὸ ἀληθὲς καὶ ψεῦδος.
τὸ μὲν γὰρ λέγειν τὸ ὄν μὴ εἶναι ἢ τὸ μὴ ὄν εἶναι ψευ-
δος, τὸ δὲ τὸ ὄν εἶναι καὶ τὸ μὴ ὄν μὴ εἶναι ἀληθές, ὥστε
καὶ ὁ λέγων εἶναι ἢ μὴ ἀληθεύσει ἢ ψεύσεται· ἀλλ'
οὔτε τὸ ὄν λέγεται μὴ εἶναι ἢ εἶναι οὔτε τὸ μὴ ὄν. ἔτι
30 ἤτοι μεταξὺ ἔσται τῆς ἀντιφάσεως ὥσπερ τὸ φαιδόν
μέλανος καὶ λευκοῦ, ἢ ὡς τὸ μηδέτερον ἀνθρώπου καὶ ἵππου.
εἰ μὲν οὖν οὕτως, οὐκ ἂν μεταβάλλοι (ἐκ μὴ ἀγαθοῦ γὰρ
εἰς ἀγαθὸν μεταβάλλει ἢ ἐκ τούτου εἰς μὴ ἀγαθόν), νῦν
δ' αἰεὶ φαίνεται (οὐ γὰρ ἔστι μεταβολὴ ἀλλ' ἢ εἰς τὰ ἀντι-
κείμενα καὶ μεταξύ). εἰ δ' ἔστι μεταξύ, καὶ οὕτως εἴη ἂν
1012a 1 τις εἰς λευκὸν οὐκ ἐκ μὴ λευκοῦ γένεσις, νῦν δ' οὐχ ὁράται.
ἔτι πᾶν τὸ διανοητὸν καὶ νοητὸν ἢ διάνοια ἢ κατάφησιν ἢ
ἀπόφησιν—τοῦτο δ' ἐξ ὀρισμοῦ δηλον—ὅταν ἀληθεύῃ ἢ ψεύδῃ—

Capítulo 7

[1011b 23] Pois bem: tampouco é possível haver um intermediário na contradição, mas é necessário que uma coisa qualquer ou se afirme ou se negue a respeito de uma única coisa. Isso é evidente, em primeiro lugar, para quem define o que é o verdadeiro e o falso. Pois dizer que aquilo que é não é, ou que aquilo que não é é, é falso, ao passo que dizer que aquilo que é é, ou que aquilo que não é não é, é verdadeiro, de modo que quem pretende afirmar que é ou não é poderá estar dizendo o verdadeiro ou o falso. Mas nem aquilo que é pretende-se afirmar que seja ou que não seja, nem aquilo que não é.

[1011b 29] Além do mais, haveria intermediário na contradição ou como o cinza entre o preto e o branco, ou como aquilo que não é nenhum dos dois, entre homem e cavalo. Se fosse assim deste modo, não seria possível haver mudança (pois há mudança a partir do não bom em direção ao bom, ou a partir deste em direção ao não bom); presentemente, no entanto, sempre se manifesta [*sc.* mudança] (pois não há mudança a não ser em direção aos opostos e intermediários). Mas se houvesse intermediário, também assim haveria uma geração em direção ao branco, não, porém, a partir do não branco; presentemente, no entanto, não se vê [nenhuma].

[1012a 2] Além disso, o pensamento ou afirma ou nega todo e qualquer pensável ou inteligível (isso é evidente a partir da definição),

ται· ὅταν μὲν ὠδὶ συνθῇ φᾶσα ἢ ἀποφᾶσα, ἀληθεύει,
 ὅταν δὲ ὠδί, ψεύδεται. ἔτι παρὰ πάσας δεῖ εἶναι τὰς
 ἀντιφάσεις, εἰ μὴ λόγου ἔνεκα λέγεται· ὥστε καὶ οὔτε ἀλη-
 θεύσει τις οὔτ' οὐκ ἀληθεύσει, καὶ παρὰ τὸ ὄν καὶ τὸ μὴ ὄν
 ἔσται, ὥστε καὶ παρὰ γένεσιν καὶ φθορὰν μεταβολή τις
 ἔσται. ἔτι ἐν ὅσοις γένεσιν ἢ ἀπόφασιν τὸ ἐναντίον ἐπιφέ-
 10 ρει, καὶ ἐν τούτοις ἔσται, οἷον ἐν ἀριθμοῖς οὔτε περιττὸς οὔτε
 οὐ περιττὸς ἀριθμός· ἀλλ' ἀδύνατον· ἐκ τοῦ ὀρισμοῦ δὲ δῆ-
 λον. ἔτι εἰς ἄπειρον βαδιεῖται, καὶ οὐ μόνον ἡμιόλια τὰ
 ὄντα ἔσται ἀλλὰ πλείω. πάλιν γὰρ ἔσται ἀποφῆσαι τοῦτο
 πρὸς τὴν φάσιν καὶ τὴν ἀπόφασιν, καὶ τοῦτ' ἔσται τι· ἢ
 γὰρ οὐσία ἐστί τις αὐτοῦ ἄλλη. ἔτι ὅταν ἐρομένου εἰ λευκόν
 ἐστὶν εἶπῃ ὅτι οὐ, οὐθὲν ἄλλο ἀποπέφηκεν ἢ τὸ εἶναι· ἀπό-
 φασιν δὲ τὸ μὴ εἶναι. ἐλήλυθε δ' ἐνίοις αὕτη ἡ δόξα
 ὥσπερ καὶ ἄλλαι τῶν παραδόξων· ὅταν γὰρ λύειν μὴ

quando diz o verdadeiro ou o falso. Quando compõe assim deste modo, afirmando ou negando, diz o verdadeiro e, quando compõe assim deste outro modo, diz o falso.

[1012a 5] Além disso, seria preciso haver [*sc.* intermediário] para todas as contraditórias, se se argumenta não em vista do palavreado; por conseguinte, alguém nem diria a verdade, nem não diria a verdade, e haveria [algo] além daquilo que é e daquilo que não é, de modo que também haveria certa mudança além de geração e corrupção.

[1012a 9] Além disso, também haveria [*sc.* intermediário] em todos os gêneros em que a negação se refere ao contrário, por exemplo, entre os números, número nem ímpar nem não ímpar; mas isso é impossível: a partir de definição é evidente.

[1012a 12] Além do mais, caminhar-se-ia ao infinito e os entes seriam não apenas “inteiro-mais-a-metade”*, mas em maior número. Pois novamente seria possível negá-lo [*sc.* o intermediário] em relação à afirmação e à negação, e isso* seria algo determinado: pois a sua essência seria alguma outra.

[1012a 15] Além disso, quando alguém, ao ser indagado se é branco, afirma que não, nada mais nega senão o ser; pois é negação o não ser.

[1012a 17] A alguns, essa opinião proveio como inclusive outras entre os paradoxos; pois, quando não são capazes de refutar argu-

20 δύνωνται λόγους ἐριστικούς, ἐνδόντες τῷ λόγῳ σύμφασιν ἀλη-
 θές εἶναι τὸ συλλογισθέν. οἱ μὲν οὖν διὰ τοιαύτην αἰτίαν
 λέγουσιν, οἱ δὲ διὰ τὸ πάντων ζητεῖν λόγον. ἀρχὴ δὲ πρὸς
 ἅπαντας τούτους ἐξ ὁρισμοῦ. ὁρισμὸς δὲ γίγνεται ἐκ τοῦ ση-
 μαίνειν τι ἀναγκαῖον εἶναι αὐτούς· ὁ γὰρ λόγος οὐ τὸ
 ὄνομα σημεῖον ὁρισμὸς ἔσται. ἔοικε δ' ὁ μὲν Ἡρακλείτου
 λόγος, λέγων πάντα εἶναι καὶ μὴ εἶναι, ἅπαντα ἀληθῆ
 ποιεῖν, ὁ δ' Ἀναξαγόρου, εἶναί τι μεταξὺ τῆς ἀντιφάσεως,
 πάντα ψευδῆ· ὅταν γὰρ μιχθῇ, οὔτε ἀγαθὸν οὔτε οὐκ ἀγαθὸν
 τὸ μίγμα, ὥστ' οὐδὲν εἰπεῖν ἀληθές.

8. Διωρισμένων δὲ τούτων φανερόν ὅτι καὶ τὰ μοναχῶς
 30 λεγόμενα καὶ κατὰ πάντων ἀδύνατον ὑπάρχειν ὥσπερ
 τινὲς λέγουσιν, οἱ μὲν οὐθὲν φάσκοντες ἀληθές εἶναι (οὐθὲν
 γὰρ κωλύειν φασὶν οὕτως ἅπαντα εἶναι ὥσπερ τὸ τὴν
 διάμετρον σύμμετρον εἶναι), οἱ δὲ πάντ' ἀληθῆ. σχεδὸν
 γὰρ οὗτοι οἱ λόγοι οἱ αὐτοὶ τῷ Ἡρακλείτου· ὁ γὰρ λέγων
 ὅτι πάντ' ἀληθῆ καὶ πάντα ψευδῆ, καὶ χωρὶς λέγει τῶν

mentos erísticos, consentem, cedendo ao argumento, que é verdadeiro aquilo que foi concluído. Assim, uns se pronunciam devido a uma causa desse tipo, outros, por procurar fundamento para tudo. Mas o princípio contra todos eles é a partir de definição. E surge definição a partir do ser-lhes necessário significar algo; pois o enunciado [daqui-lo] de que o nome é sinal será definição*.

[1012a 24] O argumento de Heráclito, ao afirmar que tudo é e não é, parece fazer tudo verdadeiro, ao passo que o de Anaxágoras, afirmando que há um intermediário na contradição, parece fazer tudo falso; pois, quando está misturado, a mistura não é nem boa, nem não boa, de modo que não seria verdadeiro afirmar nada.

Capítulo 8

[1012a 29] Delimitadas essas coisas, é manifesto que também é impossível que sejam o caso os enunciados ditos de um só modo e a respeito de tudo, como alguns enunciam, uns afirmando que nada é verdadeiro (pois dizem que nada impede que tudo seja assim tal como o diâmetro ser comensurável), outros afirmando que tudo é verdadeiro.

[1012a 33] Pois esses enunciados são, por assim dizer, idênticos ao de Heráclito: pois quem afirma que “tudo é verdadeiro e tudo é falso” também afirma separadamente cada um desses enunciados, de modo

10112β 1 λόγων ἐκάτερον τούτων, ὥστ' εἴπερ ἀδύνατα ἐκεῖνα, καὶ
 ταῦτα ἀδύνατον εἶναι. ἔτι δὲ φανερώς ἀντιφάσεις εἰσὶν
 ἄς οὐχ οἷόν τε ἅμα ἀληθεῖς εἶναι—οὐδὲ δὴ ψευδεῖς πάσας·
 καίτοι δόξειέ γ' ἂν μᾶλλον ἐνδέχεσθαι ἐκ τῶν εἰρημένων.
 ἀλλὰ πρὸς πάντας τοὺς τοιούτους λόγους αἰτεῖσθαι δεῖ, κα-
 θάπερ ἐλέχθη καὶ ἐν τοῖς ἐπάνω λόγοις, οὐχὶ εἶναί τι ἢ μὴ
 εἶναι ἀλλὰ σημαίνειν τι, ὥστε ἐξ ὀρισμοῦ διαλεκτέον λα-
 βόντας τί σημαίνει τὸ ψεῦδος ἢ τὸ ἀληθές. εἰ δὲ μὴθὲν
 ἄλλο ἢ τὸ ἀληθές φάναι ἢ ἀποφάναι ψευδός ἐστιν, ἀδύ-
 10 νατον πάντα ψευδῇ εἶναι· ἀνάγκη γὰρ τῆς ἀντιφάσεως
 θάτερον εἶναι μόνιον ἀληθές. ἔτι εἰ πᾶν ἢ φάναι ἢ ἀπο-
 φάναι ἀναγκαῖον, ἀδύνατον ἀμφοτέρα ψευδῇ εἶναι· θά-
 τερον γὰρ μόνιον τῆς ἀντιφάσεως ψευδός ἐστιν. συμβαίνει
 δὴ καὶ τὸ θρυλούμενον πᾶσι τοῖς τοιούτοις λόγοις, αὐτοὺς
 ἑαυτοὺς ἀναιρεῖν. ὁ μὲν γὰρ πάντα ἀληθῇ λέγων καὶ τὸν
 ἐναντίον αὐτοῦ λόγον ἀληθῇ ποιεῖ, ὥστε τὸν ἑαυτοῦ οὐκ ἀληθῇ
 (ὁ γὰρ ἐναντίος οὐ φησιν αὐτὸν ἀληθῇ), ὁ δὲ πάντα ψευδῇ
 καὶ αὐτὸς αὐτόν. ἐὰν δ' ἐξαιρῶνται ὁ μὲν τὸν ἐναντίον ὡς

que, se aquele é impossível, também é impossível que estes sejam o caso.

[1012b 2] Além disso, manifestamente há contraditórias que não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, nem sequer falsas todas elas (embora isso plausivelmente possa parecer mais possível a partir do que foi dito).

[1012b 5] Mas contra todos os argumentos desse tipo é preciso pedir (conforme foi dito inclusive nas discussões acima) não que algo seja ou não seja, mas sim que [*sc.* o interlocutor] signifique algo*, de modo que se deve discutir assumindo, a partir da definição, o que significa o falso ou o verdadeiro. Se nada mais é possível senão afirmar o verdadeiro ou negar o falso*, é impossível que tudo seja falso. Pois é necessário que uma das partes da contradição seja verdadeira.

[1012b 11] Além disso, se com relação a tudo é necessário ou afirmar ou negar, é impossível que ambos sejam falsos. Pois é apenas uma das partes da contradição que é falsa.

[1012b 13] Ora, sucede a todos os enunciados desse tipo algo que se repete: eles mesmos destruírem-se a si mesmos. Pois quem afirma que tudo é verdadeiro faz verdadeiro inclusive o enunciado contrário ao seu, de modo que faz o seu próprio não verdadeiro (pois o enunciado contrário não o afirma como verdadeiro); por outro lado, quem diz que tudo é falso faz falso também a si mesmo. E se excetuam o enun-

- οὐκ ἀληθὴς μόνος ἐστίν, ὁ δὲ τὸν αὐτοῦ ὡς οὐ ψευδής,
20 οὐδὲν ἤττον ἀπείρους συμβαίνει αὐτοῖς αἰτεῖσθαι λόγους ἀλη-
θεῖς καὶ ψευδεῖς· ὁ γὰρ λέγων τὸν ἀληθῆ λόγον ἀληθῆ
ἀληθής, τοῦτο δ' εἰς ἄπειρον βαδιεῖται. – φανερόν δ' ὅτι οὐδ'
οἱ πάντα ἡρεμεῖν λέγοντες ἀληθῆ λέγουσιν οὐδ' οἱ πάντα
κινεῖσθαι. εἰ μὲν γὰρ ἡρεμεῖ πάντα, αἰεὶ ταῦτα ἀληθῆ καὶ
ψευδῆ ἔσται, φαίνεται δὲ τοῦτο μεταβάλλον (ὁ γὰρ λέγων
ποτὲ αὐτὸς οὐκ ἦν καὶ πάλιν οὐκ ἔσται)· εἰ δὲ πάντα κινεῖ-
ται, οὐθὲν ἔσται ἀληθές· πάντα ἄρα ψευδῆ· ἀλλὰ δέ-
δεικται ὅτι ἀδύνατον. ἔτι ἀνάγκη τὸ ὄν μεταβάλλειν· ἔκ-
τινος γὰρ εἷς τι ἢ μεταβολή. ἀλλὰ μὴν οὐδὲ πάντα ἡρε-
30 μεῖ ἢ κινεῖται ποτέ, αἰεὶ δ' οὐθέν· ἔστι γάρ τι ὃ αἰεὶ κινεῖ τὰ
κινούμενα, καὶ τὸ πρῶτον κινεῖ ἀκίνητον αὐτό.

ciado contrário, um deles, como se apenas o contrário não fosse verdadeiro, o outro, como se o seu próprio não fosse falso, não menos lhes sucede estipular infinitos enunciados verdadeiros e falsos. Pois o que diz que é verdadeiro o enunciado verdadeiro seria verdadeiro, e isso iria ao infinito.

[1012b 22] É manifesto que tampouco dizem a verdade os que afirmam que tudo está em repouso, nem os que afirmam que tudo se encontra em movimento. Pois se tudo estivesse em repouso, sempre as mesmas coisas seriam verdadeiras e falsas; no entanto, isso manifestamente muda (pois quem enuncia outrora não era e novamente não será); por outro lado, se tudo estivesse em movimento, nada seria verdadeiro; tudo seria então falso. Mas foi provado que isso é impossível.

[1012b 28] Além do mais, necessariamente, é aquilo que é que muda; pois a mudança é a partir de algo em direção a algo. Mas nem sequer é verdade que tudo esteja em repouso ou se mova em algum instante, mas nada sempre [se mova ou esteja em repouso]. Pois há algo que sempre move aquilo que é movido, e o primeiro que move é ele próprio imóvel.

ΤΩΝ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ
Ε

- 1025β 3 1. Αἱ ἀρχαὶ καὶ τὰ αἷτια ζητεῖται τῶν ὄντων, δῆλον δὲ ὅτι ἡ ὄντα. ἔστι γάρ τι αἷτιον ὑγιείας καὶ εὐεξίας, καὶ τῶν μαθηματικῶν εἰσὶν ἀρχαὶ καὶ στοιχεῖα καὶ αἷτια, καὶ ὅλως δὲ πᾶσα ἐπιστήμη διανοητικὴ ἢ μετέχουσά τι διανοίας περὶ αἷτίας καὶ ἀρχάς ἐστιν ἢ ἀκριβεστέρας ἢ ἀπλουστέρας. ἀλλὰ πᾶσαι αὗται περὶ ὄν τι καὶ γένος τι περιγραφάμεναι περὶ τούτου πραγματεύονται, ἀλλ' οὐχὶ περὶ ὄντος ἀπλῶς οὐδὲ ἡ
- 10 ὄν, οὐδὲ τοῦ τί ἐστὶν οὐθένα λόγον ποιοῦνται, ἀλλ' ἐκ τούτου, αἱ μὲν αἰσθήσει ποιήσασαι αὐτὸ δῆλον αἱ δ' ὑπόθεσιν λαβοῦσαι τὸ τί ἐστίν, οὕτω τὰ καθ' αὐτὰ ὑπάρχοντα τῷ γένει περὶ ὃ εἰσὶν ἀποδεικνύουσιν ἢ ἀναγκαιότερον ἢ μαλακώτερον.

METAFÍSICA

LIVRO VI

Capítulo 1

[1025b 3] Procuram-se os princípios e causas dos entes, evidentemente, enquanto são entes. Pois há uma causa da saúde e do bem-estar, e também dos itens matemáticos há princípios, elementos e causas, e em geral toda e qualquer ciência raciocinativa ou que compartilha do raciocínio é concernente a causas e princípios, sejam eles mais exatos ou mais simples. No entanto, todas elas, circunscrevendo-se a algum ente e algum gênero, a ele se dedicam, mas não se dedicam ao ente simplesmente sem mais nem ao ente enquanto ente, nem propõem nenhuma explicação a respeito do *quê é*, mas, a partir dele – umas, fazendo-o evidente pela sensação, outras, assumindo como hipótese o *quê é* – assim desse modo demonstram (ou de modo mais necessário, ou de modo mais maleável) os atributos que pertencem por si mesmos* ao gênero a respeito do qual são. Por isso, é manifesto que,

διόπερ φανερόν ὅτι οὐκ ἔστιν ἀπόδειξις οὐσίας οὐδὲ τοῦ τί ἐστιν
 ἐκ τῆς τοιαύτης ἐπαγωγῆς, ἀλλὰ τις ἄλλος τρόπος τῆς
 δηλώσεως. ὁμοίως δὲ οὐδ' εἰ ἔστιν ἢ μὴ ἔστι τὸ γένος περὶ ὃ
 πραγματεύονται οὐδὲν λέγουσι, διὰ τὸ τῆς αὐτῆς εἶναι δια-
 νοίας τό τε τί ἐστι δηλὸν ποιεῖν καὶ εἰ ἔστιν. — ἐπεὶ δὲ καὶ ἡ
 φυσικὴ ἐπιστήμη τυγχάνει οὔσα περὶ γένος τι τοῦ ὄντος (περὶ
 20 γὰρ τὴν τοιαύτην ἐστὶν οὐσίαν ἐν ἣ ἡ ἀρχὴ τῆς κινήσεως καὶ
 στάσεως ἐν αὐτῇ), δηλὸν ὅτι οὔτε πρακτικὴ ἐστὶν οὔτε ποιητικὴ
 (τῶν μὲν γὰρ ποιητῶν ἐν τῷ ποιοῦντι ἡ ἀρχή, ἡ νοῦς ἢ τέ-
 χνη ἢ δύναμις τις, τῶν δὲ πρακτῶν ἐν τῷ πράττοντι, ἡ
 προαίρεσις· τὸ αὐτὸ γὰρ τὸ πρακτὸν καὶ προαιρετόν),
 ὥστε εἰ πᾶσα διάνοια ἢ πρακτικὴ ἢ ποιητικὴ ἢ θεωρητικὴ,
 ἢ φυσικὴ θεωρητικὴ τις ἂν εἴη, ἀλλὰ θεωρητικὴ περὶ τοιοῦ-
 τον ὃν ὃ ἐστὶ δυνατόν κινεῖσθαι, καὶ περὶ οὐσίαν τὴν κατὰ
 τὸν λόγον ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ὡς οὐ χωριστὴν μόνον. δεῖ δὲ τὸ τί
 ἦν εἶναι καὶ τὸν λόγον πῶς ἐστὶ μὴ λανθάνειν, ὡς ἄνευ γε
 30 τούτου τὸ ζητεῖν μηδὲν ἐστι ποιεῖν. ἐστὶ δὲ τῶν ὀριζομένων
 καὶ τῶν τί ἐστὶ τὰ μὲν ὡς τὸ σιμὸν τὰ δ' ὡς τὸ κοί-
 λον. διαφέρει δὲ ταῦτα ὅτι τὸ μὲν σιμὸν συνειλημμένον ἐστὶ
 μετὰ τῆς ὕλης (ἐστὶ γὰρ τὸ σιμὸν κοίλη ρίς), ἡ δὲ κοιλό-

a partir de um tal procedimento, não há demonstração da essência, nem do *quê é*, mas é outro o modo de elucidação. Semelhantemente, nada dizem com respeito a *se é* ou *não é* (existe) o gênero ao qual se dedicam – porque pertence a um mesmo pensamento tornar evidente o *quê é* e *se é*.

[1025b 18] E visto que também a ciência da natureza se encontra circunscrita a um gênero do ente (pois se circunscreve ao tipo de essência em que o princípio de movimento e repouso está nela mesma), é evidente que ela não é nem ciência prática, nem ciência produtiva (pois o princípio daquilo que é produzível está no produtor – ou inteligência, ou técnica, ou alguma capacidade –, e o princípio daquilo que é praticável está no agente – a escolha: pois o mesmo item é praticável e escolhível) – conseqüentemente, se todo conhecimento racional é ou prático ou produtivo ou teórico, a ciência da natureza será teórica, mas teórica a respeito de um ente tal que é capaz de mover-se, e apenas a respeito da essência conforme a definição no mais das vezes, que não é separada.

[1025b 28] É preciso que não passe despercebido de que modo é o *quê era ser* e o enunciado definitório, pois investigar sem isto é não fazer nada. Entre os itens suscetíveis de definição e os *quê é*, uns são como o achatado, outros são como o côncavo. E eles diferem entre si porque o achatado é concebido com a matéria (pois o achatado é nariz

- της ἄνευ ὕλης αἰσθητῆς. εἰ δὴ πάντα τὰ φυσικὰ ὁμοίως τῷ
 1026a 1 σιμῶ λέγονται, οἷον ῥῖς ὀφθαλμὸς πρόσωπον σὰρξ ὀστούν,
 ὅλως ζῶον, φύλλον ῥίζα φλοιός, ὅλως φυτόν (οὐθενὸς
 γὰρ ἄνευ κινήσεως ὁ λόγος αὐτῶν, ἀλλ' αἰεὶ ἔχει ὕλην),
 δῆλον πῶς δεῖ ἐν τοῖς φυσικοῖς τὸ τί ἐστὶ ζητεῖν καὶ ὀρίζε-
 σθαι, καὶ διότι καὶ περὶ ψυχῆς ἐνίας θεωρῆσαι τοῦ φυσικοῦ,
 ὅση μὴ ἄνευ τῆς ὕλης ἐστίν. ὅτι μὲν οὖν ἡ φυσικὴ θεωρη-
 τικὴ ἐστὶ, φανερόν ἐκ τούτων· ἀλλ' ἐστὶ καὶ ἡ μαθημα-
 τικὴ θεωρητικὴ· ἀλλ' εἰ ἀκινήτων καὶ χωριστῶν ἐστὶ, νῦν
 ἄδηλον, ὅτι μέντοι ἔνια μαθήματα ἢ ἀκίνητα καὶ ἢ χωρι-
 10 στα θεωρεῖ, δῆλον. εἰ δέ τί ἐστὶν αἰῶδιον καὶ ἀκίνητον καὶ
 χωριστόν, φανερόν ὅτι θεωρητικῆς τὸ γινῶναι, οὐ μέντοι φυ-
 σικῆς γε (περὶ κινήτων γὰρ τινων ἡ φυσικὴ) οὐδὲ μαθημα-
 τικῆς, ἀλλὰ προτέρας ἀμφοῖν. ἡ μὲν γὰρ φυσικὴ περὶ
 ἀχώριστα μὲν ἀλλ' οὐκ ἀκίνητα, τῆς δὲ μαθηματικῆς ἔνια
 περὶ ἀκίνητα μὲν οὐ χωριστὰ δὲ ἴσως ἀλλ' ὡς ἐν ὕλῃ· ἡ
 δὲ πρώτη καὶ περὶ χωριστὰ καὶ ἀκίνητα. ἀνάγκη δὲ πάντα

côncavo), ao passo que a concavidade, por sua vez, é sem matéria sensível. Ora, visto que todos os entes naturais se definem de maneira semelhante ao achatado – por exemplo, nariz, olho, rosto, carne, osso e, em geral, animal, e folha, raiz, casca e, em geral, planta (pois de nenhum deles o enunciado definitório é sem o movimento, mas sempre comporta matéria) –, é evidente de que modo é preciso procurar e definir o *quê é* nos entes naturais, e por que cabe ao estudioso da natureza estudar inclusive certo tipo de alma – aquela que não é sem matéria.

[1026a 6] Assim, portanto, a partir disso, é manifesto que a ciência da natureza é teórica: mas também a matemática é uma ciência teórica. Mas agora não é evidente se ela é a respeito de [entes] imóveis e separados. Entretanto, é evidente que algumas matemáticas estudam itens enquanto imóveis e enquanto separados.

[1026a 10] E se há algo eterno, imóvel e separado, é manifesto que pertence a uma ciência teórica conhecê-lo, não, porém, à ciência da natureza (pois a ciência da natureza é a respeito de certos itens que se movem), nem à matemática, mas sim a alguma anterior a ambas. Pois a ciência da natureza é a respeito de itens não-separados*, mas não imóveis, ao passo que, na matemática, algumas são a respeito de itens imóveis, porém igualmente não separados, mas sim [existentes] na matéria. Mas a [sc. ciência] primeira, por sua vez, é a respeito de itens

μὲν τὰ αἷτια αἰδία εἶναι, μάλιστα δὲ ταῦτα· ταῦτα γὰρ
αἷτια τοῖς φανεροῖς τῶν θεῶν. ὥστε τρεῖς ἂν εἶεν φιλοσο-
φίαι θεωρητικάι, μαθηματική, φυσική, θεολογική (οὐ γὰρ
20 ἄδηλον ὅτι εἴ που τὸ θεῖον ὑπάρχει, ἐν τῇ τοιαύτῃ φύσει
ὑπάρχει), καὶ τὴν τιμιωτάτην δεῖ περὶ τὸ τιμιώτατον γένος
εἶναι. αἱ μὲν οὖν θεωρητικάι τῶν ἄλλων ἐπιστημῶν αἰρετώ-
ταται, αὕτη δὲ τῶν θεωρητικῶν. ἀπορήσειε γὰρ ἂν τις πό-
τερόν ποθ' ἢ πρώτη φιλοσοφία καθόλου ἐστὶν ἢ περὶ τι γέ-
νος καὶ φύσιν τινὰ μίαν (οὐ γὰρ ὁ αὐτὸς τρόπος οὐδ' ἐν
ταῖς μαθηματικαῖς, ἀλλ' ἢ μὲν γεωμετρία καὶ ἀστρολογία
περὶ τινὰ φύσιν εἰσίν, ἢ δὲ καθόλου πασῶν κοινή). εἰ μὲν
οὖν μὴ ἔστι τις ἑτέρα οὐσία παρὰ τὰς φύσει συνεστηκυίας, ἢ
φυσική ἂν εἴη πρώτη ἐπιστήμη· εἰ δ' ἔστι τις οὐσία ἀκίνητος,
30 αὕτη προτέρα καὶ φιλοσοφία πρώτη, καὶ καθόλου οὕτως
ὅτι πρώτη· καὶ περὶ τοῦ ὄντος ἢ ὃν ταύτης ἂν εἴη θεωρῆσαι,
καὶ τί ἐστὶ καὶ τὰ ὑπάρχοντα ἢ ὄν.

separados e imóveis. Ora, é necessário que todas as causas sejam eternas, mas sobretudo estas: pois elas são causas dos entes divinos manifestos.

[1026a 18] Conseqüentemente, seriam três as filosofias teóricas: a matemática, a ciência da natureza e a teologia (pois não é desprovido de evidência que, se o divino se encontra em alguma parte, se encontra nessa natureza de tal tipo), e é preciso que a mais valiosa seja a respeito do gênero mais valioso. Assim, as ciências teóricas são mais dignas de escolha do que as outras e, entre as teóricas, é esta que é a mais digna de escolha.

[1026a 23] É plausível que alguém levante a seguinte dificuldade: a filosofia primeira porventura é universal ou é a respeito de algum gênero e alguma natureza única? (Pois nem nas matemáticas há um mesmo modo, pelo contrário: a geometria é a respeito de certa natureza, bem como a astronomia, mas a universal é comum a todas). Ora, se não houver nenhuma outra essência além das que se constituem por natureza, a ciência da natureza será ciência primeira; mas se há uma essência imóvel, esta ciência [*sc.* que dela trata] seria anterior e filosofia primeira, e universal assim deste modo porque primeira. E a ela caberia estudar a respeito do ente enquanto ente – tanto o que ele é, como aquilo que lhe pertence enquanto ente.

2. Ἄλλ' ἐπεὶ τὸ ὄν τὸ ἀπλῶς λεγόμενον λέγεται πολλαχῶς, ὧν ἓν μὲν ἦν τὸ κατὰ συμβεβηκός, ἕτερον δὲ τὸ ὡς ἀληθές, καὶ τὸ μὴ ὄν ὡς τὸ ψεῦδος, παρὰ ταῦτα δ' ἐστὶ τὰ σχήματα τῆς κατηγορίας (οἷον τὸ μὲν τί, τὸ δὲ ποῖον, τὸ δὲ ποσόν, τὸ δὲ πού, τὸ δὲ ποτέ, καὶ εἴ τι ἄλλο
 1026β Ι σημαίνει τὸν τρόπον τοῦτον), ἔτι παρὰ ταῦτα πάντα τὸ δυνάμει καὶ ἐνεργείᾳ· –ἐπεὶ δὴ πολλαχῶς λέγεται τὸ ὄν, πρῶτον περὶ τοῦ κατὰ συμβεβηκός λεκτέον, ὅτι οὐδεμία ἐστὶ περὶ αὐτὸ θεωρία. σημεῖον δέ· οὐδεμιᾶ γὰρ ἐπιστήμη ἐπιμελὲς περὶ αὐτοῦ οὔτε πρακτικῇ οὔτε ποιητικῇ οὔτε θεωρητικῇ. οὔτε γὰρ ὁ ποιῶν οἰκίαν ποιεῖ ὅσα συμβαίνει ἅμα τῇ οἰκίᾳ γιγνομένη (ἄπειρα γάρ ἐστιν· τοῖς μὲν γὰρ ἡδεῖαν τοῖς δὲ βλαβερὰν τοῖς δ' ὠφέλιμον οὐθὲν εἶναι κωλύει τὴν ποιηθεῖσαν, καὶ ἑτέραν ὡς εἰπεῖν πάντων τῶν ὄντων· ὧν οὐθενός
 10 ἐστὶν ἢ οἰκοδομικῇ ποιητικῇ), τὸν αὐτὸν δὲ τρόπον οὐδ' ὁ γεωμέτρης θεωρεῖ τὰ οὕτω συμβεβηκότα τοῖς σχήμασιν, οὐδ' εἰ ἕτερόν ἐστι τρίγωνον καὶ τρίγωνον δύο ὀρθὰς ἔχον. καὶ τοῦτ' εὐλόγως συμπίπτει· ὥσπερ γὰρ ὄνομά τι μόνον τὸ συμβεβηκός ἐστιν. διὸ Πλάτων τρόπον τινὰ οὐ κακῶς τὴν σοφιστικὴν περὶ τὸ μὴ ὄν ἔταξεν. εἰσὶ γὰρ οἱ τῶν σοφιστῶν λόγοι

Capítulo 2

[1026a 33] Mas visto que o ente, o que se enuncia simplesmente sem mais, se diz de vários modos, dos quais um era o segundo concomitância, outro o ente como verdadeiro (e o não ente como falso) e, além desses, as figuras da predicação (por exemplo, *o que, de tal qualidade, de tal quantidade, onde, quando*, e se algum outro designar assim desse modo) e, além de todos esses, o ente em potência e em efetividade; com efeito, visto que o ente se diz de muitos modos, deve-se afirmar primeiramente, a respeito do ente *segundo concomitância*, que não é possível nenhum estudo a respeito dele*. Eis um sinal disso: nenhuma ciência cuida dele, nem prática, nem produtiva, nem teórica. Pois quem produz casa não produz tudo quanto sucede concomitantemente junto com a casa que surge (pois isso é ilimitado; pois nada impede que a casa produzida seja agradável a uns, prejudicial a outros, proveitosa a outros, e diversa, por assim dizer, de todos os entes; mas não é a arte de edificar casa que produz cada um desses [atributos]); do mesmo modo, nem o geômetra estuda aquilo que assim sucede concomitantemente às figuras, nem se são distintos o triângulo e o triângulo que possui dois ângulos retos.

[1026b 12] E isso sucede razoavelmente: pois o concomitante é como que apenas uma denominação*. Por isso, Platão de certo modo não atribuiu mal a sofística ao não ente. Pois os argumentos dos so-

περὶ τὸ συμβεβηκὸς ὡς εἰπεῖν μάλιστα πάντων, πότερον
 ἕτερον ἢ ταῦτόν μουσικὸν καὶ γραμματικόν, καὶ μουσικὸς
 Κορίσκος καὶ Κορίσκος, καὶ εἰ πᾶν ὃ ἂν ᾗ, μὴ αἰεὶ δέ, γέ-
 γονεν, ὥστ' εἰ μουσικὸς ὢν γραμματικὸς γέγονε, καὶ γραμ-
 20 ματικὸς ὢν μουσικός, καὶ ὅσοι δὴ ἄλλοι τοιοῦτοι τῶν λόγων
 εἰσὶν· φαίνεται γὰρ τὸ συμβεβηκὸς ἐγγύς τι τοῦ μὴ ὄντος.
 δῆλον δὲ καὶ ἐκ τῶν τοιούτων λόγων· τῶν μὲν γὰρ ἄλλον
 τρόπον ὄντων ἔστι γενεαίς καὶ φθορά, τῶν δὲ κατὰ συμβε-
 βηκὸς οὐκ ἔστιν. ἀλλ' ὅμως λεκτέον ἔτι περὶ τοῦ συμβεβη-
 κóτος ἐφ' ὅσον ἐνδέχεται, τίς ἢ φύσις αὐτοῦ καὶ διὰ τί
 αἰτίαν ἔστιν· ἅμα γὰρ δῆλον ἴσως ἔσται καὶ διὰ τί ἐπιστήμη
 οὐκ ἔστιν αὐτοῦ. — ἐπεὶ οὖν ἐστὶν ἐν τοῖς οὖσι τὰ μὲν αἰεὶ ὡσαύ-
 τως ἔχοντα καὶ ἐξ ἀνάγκης, οὐ τῆς κατὰ τὸ βίαιον λεγο-
 μένης ἀλλ' ἣν λέγομεν τῷ μὴ ἐνδέχεσθαι ἄλλως, τὰ δ'
 30 ἐξ ἀνάγκης μὲν οὐκ ἔστιν οὐδ' αἰεὶ, ὡς δ' ἐπὶ τὸ πολὺ, αὕτη
 ἀρχὴ καὶ αὕτη αἰτία ἐστὶ τοῦ εἶναι τὸ συμβεβηκός· ὃ γὰρ
 ἂν ᾗ μὴτ' αἰεὶ μὴθ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, τοῦτό φαμεν συμβε-
 βηκὸς εἶναι. οἷον ἐπὶ κυνὶ ἂν χειμῶν γένηται καὶ ψυχρός,
 τοῦτο συμβηναί φαμεν, ἀλλ' οὐκ ἂν πνίγος καὶ ἀλέα, ὅτι

fistas, por assim dizer, são a respeito do concomitante, mais do que tudo: “será que são distintos ou idênticos o culto e o letrado?”, e “Corisco culto e Corisco”, e “se tudo o que é, mas não é sempre, veio a ser”, de modo que, “se, sendo culto, veio a ser letrado, também sendo letrado veio a ser culto”, e todos os demais argumentos que há desse tipo; pois o concomitante se manifesta de certo modo próximo ao não ente. Isso é evidente também a partir de tais argumentos: pois dos entes que são do outro modo, há geração e corrupção, mas dos entes segundo concomitância, não há.

[1026b 24] Entretanto, mesmo assim deve-se afirmar a respeito do concomitante, na medida em que é possível, qual é a sua natureza e por que causa ele é; pois por certo será evidente, ao mesmo tempo, também por que não há ciência dele.

[1026b 27] Visto que, entre os entes, uns se comportam sempre do mesmo modo e por necessidade (não a necessidade que se diz conforme o forçado, mas sim a que definimos por “não ser possível de outro modo”), outros não são por necessidade nem sempre, mas são no mais das vezes, este é o princípio e esta é a causa de que exista o concomitante; pois dizemos ser concomitante aquilo que não é nem sempre, nem no mais das vezes. Por exemplo: se na canícula ocorre tempestade e frio, dizemos que isso sucede segundo concomitância; mas não o dizemos se ocorre calor abrasante, porque

- τὸ μὲν αἰεὶ ἢ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ τὸ δ' οὐ. καὶ τὸν ἄνθρωπον
 λευκὸν εἶναι συμβέβηκεν (οὔτε γὰρ αἰεὶ οὔθ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ),
 ζῶον δ' οὐ κατὰ συμβεβηκός. καὶ τὸ ὑγιάζειν δὲ τὸν οἶκο-
 1027a 1 δόμον συμβεβηκός, ὅτι οὐ πέφυκε τοῦτο ποιεῖν οἰκοδό-
 μος ἀλλὰ ἰατρός, ἀλλὰ συνέβη ἰατρὸν εἶναι τὸν οἰκοδόμον.
 καὶ ὀψοποιὸς ἡδονῆς στοχαζόμενος ποιήσειεν ἂν τι ὑγιεινόν,
 ἀλλ' οὐ κατὰ τὴν ὀψοποιητικὴν διὸ συνέβη, φαμέν, καὶ
 ἔστιν ὡς ποιεῖ, ἀπλῶς δ' οὐ. τῶν μὲν γὰρ ἄλλων (ἐνίοτε) δυ-
 νάμεις εἰσὶν αἱ ποιητικαί, τῶν δ' οὐδεμία τέχνη οὐδὲ δύναμις
 ὠρισμένη· τῶν γὰρ κατὰ συμβεβηκὸς ὄντων ἢ γιγνομένων
 καὶ τὸ αἰτίον ἐστὶ κατὰ συμβεβηκός. ὥστ' ἐπεὶ οὐ πάντα
 ἐστὶν ἐξ ἀνάγκης καὶ αἰεὶ ἢ ὄντα ἢ γιγνόμενα, ἀλλὰ τὰ
 10 πλείιστα ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, ἀνάγκη εἶναι τὸ κατὰ συμβεβη-
 κὸς ὄν· οἶον οὔτ' αἰεὶ οὔθ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ὁ λευκὸς μουσικός
 ἐστὶν, ἐπεὶ δὲ γίγνεται ποτε, κατὰ συμβεβηκὸς ἔσται (εἰ δὲ
 μή, πάντ' ἔσται ἐξ ἀνάγκης)· ὥστε ἡ ὕλη ἔσται αἰτία ἢ ἐν-
 δεχομένη παρὰ τὸ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ἄλλως τοῦ συμβεβηκό-

um é sempre ou no mais das vezes, mas o outro não. E também sucede segundo concomitância o homem ser branco (pois não é nem sempre, nem no mais das vezes); no entanto, não é segundo concomitância que o homem é animal. E é concomitante o [fato do] edificador curar*, porque não é o edificador, mas sim o médico, que naturalmente faz isso, mas sucede concomitantemente ser médico o edificador. Também um cozinheiro, visando o prazer, poderia produzir algo saudável, mas não conforme a arte culinária. Por isso, “sucedeu concomitantemente”, dizemos, e de certo modo ele o produz, mas não simplesmente sem mais. Pois, dos demais, há capacidades produtivas; mas deles [*sc.* dos concomitantes], não há nenhuma técnica, nem capacidade determinada; pois daquilo que é ou vem a ser segundo concomitância também a causa é segundo concomitância.

[1027a 8] Por conseguinte, visto que nem tudo que é ou vem a ser é por necessidade e sempre, mas a maior parte é no mais das vezes, é necessário haver o ente [aquilo que é] segundo concomitância. Por exemplo: nem sempre nem no mais das vezes o branco é culto, mas, visto que às vezes vem a sê-lo, há de ser segundo concomitância (caso contrário, tudo seria por necessidade). Por conseguinte, há de ser causa do concomitante a matéria que admite ser de outro modo, além do *no mais das vezes*.

τος, ἀρχὴν δὲ τῇ ἐνδὶ ληπτέον, πότερον οὐδέν ἐστιν οὐτ' αἰεὶ
οὕθ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ. ἢ τοῦτο ἀδύνατον; ἔστιν ἄρα τι παρὰ
ταῦτα τὸ ὁπότερ' ἔτυχε καὶ κατὰ συμβεβηκός. ἀλλὰ πό-
τερον τὸ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, τὸ δ' αἰεὶ οὐθενὶ ὑπάρχει, ἢ ἔστιν
ἅττα αἰδία; περὶ μὲν οὖν τούτων ὕστερον σκεπτέον, ὅτι δ'
20 ἐπιστήμη οὐκ ἔστι τοῦ συμβεβηκότος φανερόν· ἐπιστήμη μὲν
γὰρ πᾶσα ἢ τοῦ αἰεὶ ἢ τοῦ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ—πῶς γὰρ ἢ
μαθήσεται ἢ διδάξει ἄλλον; δεῖ γὰρ ὠρίσθαι ἢ τῷ αἰεὶ ἢ
τῷ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, οἷον ὅτι ὠφέλιμον τὸ μελίκρατον τῷ
πυρέττοντι ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ—τὸ δὲ παρὰ τοῦτο οὐχ ἔξει λέ-
γειν, πότε οὐ, οἷον νομηνία· ἢ γὰρ αἰεὶ ἢ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ καὶ
τὸ τῇ νομηνία· τὸ δὲ συμβεβηκός ἐστι παρὰ ταῦτα. τί μὲν
οὖν ἐστὶ τὸ συμβεβηκός καὶ διὰ τίν' αἰτίαν καὶ ὅτι ἐπιστήμη
οὐκ ἔστιν αὐτοῦ, εἴρηται.

3. Ὅτι δ' εἰσὶν ἀρχαὶ καὶ αἰτίαι γενητὰ καὶ φθαρτὰ
30 ἄνευ τοῦ γίγνεσθαι καὶ φθείρεσθαι, φανερόν. εἰ γὰρ μὴ
τοῦτ', ἐξ ἀνάγκης πάντ' ἔσται, εἰ τοῦ γιγνομένου καὶ φθειρο-

[1027a 15] Deve-se assumir um tal princípio: será que não há nada que não seja nem sempre nem no mais das vezes? Ou isso é impossível? Assim, para além destes, há o *de qualquer um dos dois modos que calhar* e segundo concomitância. Mas será que o *no mais das vezes* se atribui, mas o *sempre* não se atribui a nada? Ou há algumas coisas eternas?

[1027a 19] A respeito disso, deve-se examinar posteriormente; mas que não há ciência do concomitante, é manifesto. Pois toda ciência é ou do *sempre*, ou do *no mais das vezes* – pois, caso contrário, como poderia aprender, ou ensinar outro? Pois é preciso que ela esteja definida ou pelo *sempre*, ou pelo *no mais das vezes*, por exemplo, que no mais das vezes a hidromel é benéfica para os febris – mas não poderá enunciar o que está para além disso: “quando não [seria benéfica]”, por exemplo, na lua nova. Pois também o “na lua nova” deve ser sempre ou no mais das vezes. Mas o concomitante está à parte deles.

[1027a 26] Está dito, portanto, o que é o concomitante, e por que causa ele é, e que não há ciência dele.

Capítulo 3

[1027a 29] Que há princípios e causas que podem surgir sem processo de vir a ser e que são corruptíveis sem processo de se corromper, é manifesto. Pois, se isso não fosse assim, tudo seria por necessi-

μένου μὴ κατὰ συμβεβηκὸς αἰτιὸν τι ἀνάγκη εἶναι. πότερον
 γὰρ ἔσται τοδὶ ἢ οὐ; εἰάν γε τοδὶ γένηται· εἰ δὲ μὴ, οὐ.
 τοῦτο δὲ εἰάν ἄλλο. καὶ οὕτω δῆλον ὅτι αἰὲ χρόνου ἀφαιρουμέ-
 1027β I νου ἀπὸ πεπερασμένου χρόνου ἥξει ἐπὶ τὸ νῦν, ὥστε ὁδὶ ἀπο-
 θανεῖται (νόσφ ἢ) βία, εἰάν γε ἐξέλθῃ· τοῦτο δὲ εἰάν διψήσῃ·
 τοῦτο δὲ εἰάν ἄλλο· καὶ οὕτως ἥξει εἰς ὃ νῦν ὑπάρχει, ἢ εἰς
 τῶν γεγονότων τι. οἶον εἰάν διψήσῃ· τοῦτο δὲ εἰ ἐσθίει δρι-
 μέα· τοῦτο δ' ἦτοι ὑπάρχει ἢ οὐ· ὥστ' ἐξ ἀνάγκης ἀποθα-
 νεῖται ἢ οὐκ ἀποθανεῖται. ὁμοίως δὲ καὶν ὑπερπηδήσῃ τις εἰς
 τὰ γενόμενα, ὁ αὐτὸς λόγος· ἥδη γὰρ ὑπάρχει τοῦτο ἔν-
 τινι, λέγω δὲ τὸ γεγονός· ἐξ ἀνάγκης ἄρα πάντα ἔσται τὰ
 ἐσόμενα, οἶον τὸ ἀποθανεῖν τὸν ζῶντα· ἥδη γάρ τι γέγονεν,
 10 οἶον τὰ ἐναντία ἐν τῷ αὐτῷ. ἀλλ' εἰ νόσφ ἢ βία,
 οὕπω, ἀλλ' εἰάν τοδὶ γένηται. δῆλον ἄρα ὅτι μέχρι τινὸς
 βαδίζει ἀρχῆς, αὕτη δ' οὐκέτι εἰς ἄλλο. ἔσται οὖν ἢ τοῦ

dade, visto que é necessário haver alguma causa daquilo que vem a ser ou se corrompe não segundo concomitância*.

[1027a 32] Será que *isto aqui* há de ser o caso, ou não? Sim, se precisamente *isto aqui* vier a ser; caso contrário, não. E isso há de ser o caso, se outra coisa for. E assim desse modo, se sempre se subtrai tempo a partir de um tempo limitado, é evidente que se chegará no agora, de modo que *este aqui* há de morrer <por doença ou> por violência, ao menos, precisamente, se sair. E isso, se tiver sede; e isso, se alguma outra coisa; e assim desse modo há de chegar àquilo que presentemente é o caso, ou a algo que já sucedeu.

[1027b 4] Por exemplo, se tiver sede; isso, se comer [coisas] picantes; e isso ou é o caso, ou não; por conseguinte, necessariamente há de morrer ou não há de morrer. Semelhantemente, mesmo se alguém pulasse para algo que sucedeu*, seria o mesmo argumento; pois isso já é o caso em algum [instante], quero dizer, aquilo que sucedeu. Portanto, tudo o que há de ser haveria de ser necessariamente, por exemplo, morrer aquele que vive; pois algo já sucedeu, por exemplo, os contrários no mesmo. Mas se é por doença ou violência, ainda não [sc. está determinado], mas [sc. há de suceder] se isto aqui suceder.

[1027b 11] Portanto, é evidente que se procede até algum princípio, e que este não mais procede em direção a outro; assim sendo, este há de ser o princípio do “qualquer um dos dois que venha a calhar”, e

ὁπότ' ἔτυχεν αὕτη, καὶ αἴτιον τῆς γενέσεως αὐτῆς ἄλλο οὐθέν. ἀλλ' εἰς ἀρχὴν ποίαν καὶ αἴτιον ποῖον ἢ ἀναγωγὴ ἢ τοιαύτη, πότερον ὡς εἰς ὕλην ἢ ὡς εἰς τὸ οὐ ἔνεκα ἢ ὡς εἰς τὸ κινῆσαν, μάλιστα σκεπτέον.

4. Περὶ μὲν οὖν τοῦ κατὰ συμβεβηκὸς ὄντος ἀφείσθω (διώρισται γὰρ ἱκανῶς)· τὸ δὲ ὡς ἀληθὲς ὄν, καὶ μὴ ὄν ὡς ψεῦδος, ἐπειδὴ παρὰ σύνθεσιν ἐστὶ καὶ διαίρεσιν, τὸ δὲ σύν-
 20 ολον περὶ μερισμὸν ἀντιφάσεως (τὸ μὲν γὰρ ἀληθὲς τὴν κατάφασιν ἐπὶ τῷ συγκειμένῳ ἔχει τὴν δ' ἀπόφασιν ἐπὶ τῷ διηρημένῳ, τὸ δὲ ψεῦδος τούτου τοῦ μερισμοῦ τὴν ἀντίφασιν· πῶς δὲ τὸ ἅμα ἢ τὸ χωρὶς νοεῖν συμβαίνει, ἄλλος λόγος, λέγω δὲ τὸ ἅμα καὶ τὸ χωρὶς ὥστε μὴ τὸ ἐφεξῆς ἀλλ' ἐν τι γίγνεσθαι)· οὐ γάρ ἐστὶ τὸ ψεῦδος καὶ τὸ ἀληθὲς ἐν τοῖς πράγμασιν, οἷον τὸ μὲν ἀγαθὸν ἀληθὲς τὸ δὲ κακὸν εὐθὺς ψεῦδος, ἀλλ' ἐν διανοίᾳ, περὶ δὲ τὰ ἀπλᾶ καὶ τὰ τί ἐστὶν οὐδ' ἐν διανοίᾳ· – ὅσα μὲν οὖν δεῖ θεωρῆσαι περὶ τὸ οὕτως ὄν καὶ μὴ ὄν, ὕστερον ἐπισκεπτέον· ἐπεὶ δὲ ἡ συμ-

não haverá nenhuma outra causa responsável pela geração dele. No entanto, eis o que se deve investigar, sobretudo: tal tipo de redução é em direção à qual tipo de princípio e qual tipo de causa? À matéria, ou ao *em vista de que*, ou ao que moveu?

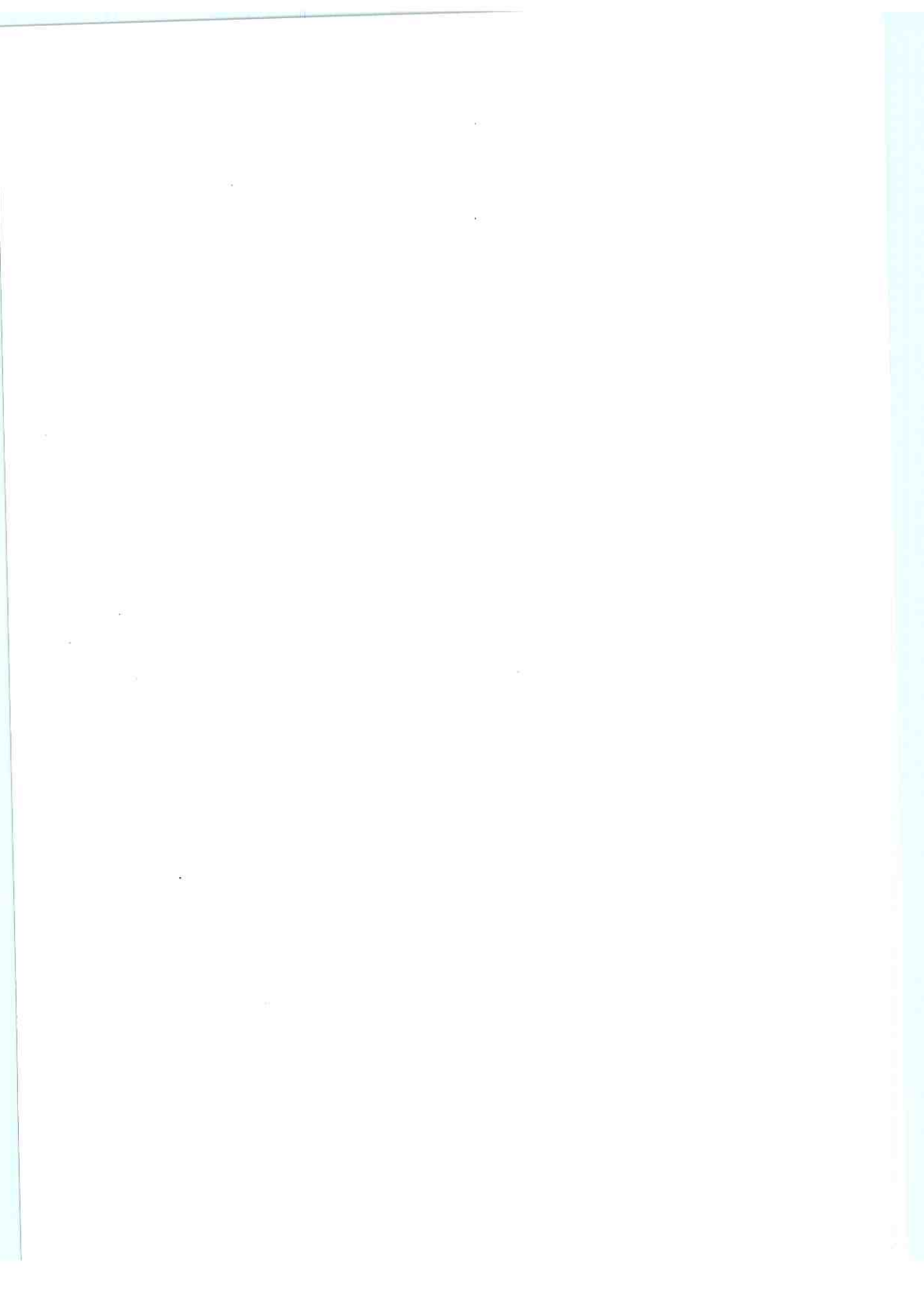
Capítulo 4

[1027b 17] Assim, deixe-se de lado o ente segundo concomitância (pois está suficientemente delimitado); mas o ente como verdadeiro e o não ente como falso, visto que são junto a composição e separação e, em conjunto, a respeito da partição da contradição (pois o verdadeiro comporta a afirmação sobre aquilo que está composto e a negação sobre aquilo que está separado, ao passo que o falso comporta a contraditória dessa partição; mas de que modo sucede entender o “juntamente” e o “à parte”, é outra discussão, quero dizer: o “juntamente” e o “à parte” de modo a vir a ser não por seqüência, mas sim algo uno); – pois o falso e o verdadeiro não estão nas coisas (por exemplo, como se o bom fosse diretamente verdadeiro, e o mau, falso), mas estão no pensamento discursivo e, a respeito dos simples e dos “*quê é*”, nem sequer no pensamento discursivo –

[1027b 28] Tudo o que é preciso estudar a respeito desse ente (e desse não ente), deve-se examinar posteriormente; visto que a complexão e a separa-

30 πλοκή ἐστὶν καὶ ἡ διαίρεσις ἐν διανοίᾳ ἀλλ' οὐκ ἐν τοῖς
 πράγμασι, τὸ δ' οὕτως ὃν ἕτερον ὃν τῶν κυρίως (ἡ γὰρ τὸ
 τί ἐστὶν ἢ ὅτι ποῖον ἢ ὅτι ποσὸν ἢ τι ἄλλο συνάπτει ἢ
 ἀφαιρεῖ ἢ διάνοια), τὸ μὲν ὡς συμβεβηκὸς καὶ τὸ ὡς ἀλη-
 θὲς ὃν ἀφετέον—τὸ γὰρ αἴτιον τοῦ μὲν ἀόριστον τοῦ δὲ τῆς
 1028a I διανοίας τι πάθος, καὶ ἀμφοτέρω περὶ τὸ λοιπὸν γένος τοῦ
 ὄντος, καὶ οὐκ ἔξω δηλοῦσιν οὐσάν τινα φύσιν τοῦ ὄντος—διὸ
 ταῦτα μὲν ἀφείσθω, σκεπτέον δὲ τοῦ ὄντος αὐτοῦ τὰ αἴτια
 καὶ τὰς ἀρχὰς ἢ ὄν. (φανερὸν δ' ἐν οἷς διωρισάμεθα περὶ
 τοῦ ποσαχῶς λέγεται ἕκαστον, ὅτι πολλαχῶς λέγεται
 τὸ ὄν.)

ção residem no pensamento discursivo, mas não nas coisas, e que este ente é distinto dos entes preponderantes (pois o pensamento discursivo conecta ou subtrai ou o *quê é*, ou que é *de tal qualidade*, ou que é *de tal quantidade*, ou algo diverso), deve-se deixar de lado o ente como concomitante e o ente como verdadeiro. Pois a causa de um é indefinida, do outro, é alguma afecção do pensamento discursivo, e ambos respeitam ao gênero restante do ente, e não mostram que haja alguma natureza fora do ente – por isso, deve-se deixá-los de lado e investigar as causas e princípios do próprio ente enquanto é ente. < É manifesto, nas [discussões] em que delimitamos a respeito do “de quantos modos cada um se diz”, que o ente se diz de muitos modos >.



NOTAS

1003b 20: “Gramática” (*grammatike*), à época de Aristóteles, designa apenas a ciência dos letrados, isto é, a arte de saber ler e escrever.

1003b 33, 1004a 17: Anacoluto no texto original.

1004a 1: lendo *tetheoretai*, com EJG e Cassin-Narcy. Para o significado das siglas das fontes manuscritas, remeto a Ross, (1924), página que antecede o texto grego (não consta a paginação convencional) e/ou Jaeger (1957), p. xxii.

1004a 29: “modo de designação” traduz “*kategoria*”. Cada uso da palavra “idêntico” (por exemplo), ao designar um item que satisfaz os critérios dados por alguma das múltiplas definições desse termo, é uma “*kategoria*”: uma “predicação”, uma “designação” ou “modo de designação”, mas não uma “categoria”. Seria absurdo, portanto, traduzir literalmente.

1004a 32: “Aporias” é um título pelo qual Aristóteles usualmente denomina o livro III (Beta) da *Metafísica*.

1004b 24: essa ocorrência da palavra “*dynamis*”, que traduzi por “capacidade”, poderia ter sido traduzida igualmente por “habilitação” (ver, num sentido muito semelhante, “*hexis*” em *Partes dos Animais*, 639a 2).

1004b 30: essa ocorrência da palavra “ousia”, que traduzi por “essência”, talvez pudesse ser traduzida adequadamente por “realidade”.

1007b 33: lendo o texto com Cassin-Narcy e a maior parte das fontes manuscritas, contrariamente a Ross e Jaeger, que preferiram a lição de Ab.

1008a 19: “afirmar separando” quer dizer *afirmar cada uma das contradições separadamente*, isto é, afirmar “x é P”, e depois afirmar “x não é P”, mas não dizer que “x é P e não é P”. Ver o uso de “*diairesis*” em *Ref. Sofisticas* 169a 25 ss.

1008b 4-5: Aristóteles quer dizer: o enunciado “a natureza dos entes é de tal tipo (de modo que eles ao mesmo tempo são e não são)” é verdadeiro ou falso?

1009b 2-3: uma tradução mais literal exigiria saídas pouco aceitáveis: “por multitude e pouquidade”.

1009b 12-13: a sintaxe do “*men/de*” pode ser enganosa aqui. O segundo membro da correlação, “ταύτην δ’ εἶναι ἀλλοίωσιν”, depende da preposição “*διὰ*” em 1009a 12 e está coordenado com “*ὑπολαμβάνειν*”. A reconstituição da gramática implícita seria a seguinte: “*διὰ τὸ ὑπολαμβάνειν φρόνησιν μὲν [εἶναι] τὴν αἴσθησιν, καὶ διὰ τὸ ταύτην εἶναι ἀλλοίωσιν*”.

1009b 30-31: é intraduzível em português o jogo de palavras utilizado pelos sofistas, ao qual Aristóteles alude: “*allophroneo*” e “*paraphroneo*” são os verbos traduzidos por “delirar”, os quais se formam com prefixos aplicados sobre o verbo “*phroneo*”, que significa “pensar”; “*allophroneo*” quer dizer “pensar outras coisas”, “pensar diversamente”, no sentido de “variar, delirar”.

1010a 31-32: tradução alternativa: “... absolver a estes [*sc.* os sensíveis] devido àqueles [*sc.* os astros eternos] do que acusar aqueles [*sc.* os astros eternos] devido a estes [*sc.* os sensíveis]”. Os pronomes “estes” e “aqueles”, neste caso, não se determinam pela referência anafórica a elementos já mencionados no texto. Trata-se de um uso técnico dos pronomes, presente também em Platão: o pronome “estes” se refere às coisas sensíveis deste mundo, ao passo que “aqueles” se refere às coisas inteligíveis e eternas.

1010b 2: lendo o texto conforme Cassin-Narcy e a tradição dos manuscritos, sem a adição de Ross, que me parece desnecessária para a compreensão da sintaxe e do argumento.

1010b 29-30: variante de tradução: “não é verdade que será assim e não assim”.

1011a 5: lendo o texto dos códices, sem a emenda de Richards, aceita por Ross. O particípio futuro (“κρινῶν”), proposto por Richards, daria mais ênfase ao argumento; no entanto, o mesmo argumento pode ser desenvolvido com o particípio presente (“κρίνων”), que consta na tradição manuscrita.

1011a 28-29 ss. : julgo que esta frase, iniciada pela conjunção “ἐπεὶ”, introduz uma *explicação* para aquilo que foi dito antes, sob o tom de uma *concessão parcial* ao argumento adversário, e subentende o mesmo “ἐνδέχεται” de 1011a 25-26. Para uso semelhante da conjunção “ἐπεὶ”, ver 1011a 10. Todos os tradutores julgam que tal frase expressaria a *prótase* para uma nova apódoxe, que viria em 1011a 34. No entanto, precisam fazer mais rodeios do que eu fiz, para suplementar aquilo que julgam estar subentendido na letra do texto.

1012a 12: isto é, os entes aumentariam em metade e resultariam em 150% do montante inicial.

1012a 14: “*isso*” (“τοῦτο”), a saber, essa nova negação, que nega o intermediário em relação à afirmação e à negação (cf. Kirwan).

1012a 23-24: há duas possibilidades de compreensão sintática: (i) “οὐ τὸ ὄνομα σημειῖον” seria uma oração relativa adjetivando diretamente “λόγος”, que seria o antecedente do pronome relativo “οὗ”; (ii) o antecedente do pronome relativo “οὗ” seria um “τούτου” oculto, mas (ii.a) este antecedente seria complemento do sujeito “λόγος”, (ii.b) ou seria complemento do predicativo “ὁρισμός”. Inclino-me mais para a leitura (i). Em favor dela, ver 1045a 27. No entanto, julgo que (ii.a) é a menos adequada. Para (ii.b), a tradução seria “o enunciado será definição daquilo de que o nome é sinal”.

1012b 5-6: “conforme foi dito nas discussões acima”: ver 1006a 18-21.

1012b 9: lendo o texto dos manuscritos EJ, com Cassin & Narcy. O texto é difícil e, nesta primeira versão, ainda não decidi em última instância qual é a melhor lição a ser adotada. Entendo a frase como Kirwan: “se afirmar o verdadeiro nada mais é senão negar o falso”.

1025b 12: “τὰ καθ’ αὐτὰ ὑπάρχοντα” foi traduzido por “os atributos que pertencem por si mesmos”. Note-se que a expressão “καθ’ αὐτό”, a rigor, refere-se ao *modo* pelo qual o *sujeito* é considerado ao se lhe atribuir o predicado: ele pode ser considerado *em si mesmo*, ou *segundo um concomitante* que lhe acompanha. No entanto, a expressão passa a funcionar como se fosse um *adjetivo* modificando a expressão “ὑπάρχον” (ou “ὑπάρχοντα”), que tra-

duzimos por “atributo”. A tradução mais correta seria “atributos que pertencem ao subjacente em si mesmo”. Mas como é a própria prosa de Aristóteles que se encarrega de transformar a expressão “καθ’ αὐτό” num adjetivo destinado a classificar tipos de predicado, adotamos a tradução acima mencionada.

1026a 14: lendo “ἄχωριστα” (códices), e não a correção “χωριστά”, proposta por Schwegler e adotada por Ross e Jaeger. Décarie (1954/85) oferece boas razões para manter a lição dos códices. A sintaxe é plenamente inteligível com a lição dos códices, e está dentro dos padrões de expressão do grego: a primeira sentença introduz a caracterização do objeto da ciência da natureza, afirmando *com ênfase* que ele não é separado (“ἄχωριστα μὲν”), mas *antecipando* que, ao contrário do objeto da matemática, que *também* não é separado, ele não é imóvel (“ἀλλ’ οὐκ ἀκίνητα”); a segunda sentença reforça a idéia, numa espécie de construção em “quiasmo”: sobre o objeto da matemática, afirma-se *com ênfase* que ele, contrariamente ao objeto da ciência da natureza, é imóvel (“ἀκίνητα μὲν”), e acrescenta-se que, igualmente ao objeto da ciência da natureza (e, por antecipação, diversamente do objeto da filosofia primeira) ele não é separado (“οὐ χωριστὰ δὲ ἴσως”). É óbvio que o sentido de “χωριστόν” neste contexto não contempla o modo de existência das *ousiai naturais*: trata-se de uma *separação* atribuída apenas às *ousiai* supra-sensíveis; mas isso ocorre em diversos outros textos (por exemplo, 1069a 34) e não é nenhuma aberração.

1026b 4: o termo “*symbebekos*” está aqui sendo usado, mas não mencionado.

1026b 13: segui a lição de Ross (“ὄνομα τι”), mas é preciso ressaltar que a lição “ὀνόματι” seria igualmente boa.

1027a 2: variante de tradução: “sucede concomitantemente que o construtor de casa cure”.

1027a 31-32: a expressão adverbial “μὴ κατὰ συμβεβηκός” modifica os participios (“γίγνομένου καὶ φθειρομένου”), mas não o infinitivo “εἶναι”. A esse respeito, concordo com Williams (1986), 181-2, e discordo de todas as traduções que consultei (Ross, Kirwan, Yebra).

1027b 6-7: a tradução de “τὸ γεγινός” por “aquilo que sucedeu” justifica-se porque o termo grego está sendo *usado*, mas não *mencionado*.

1027b 29: alternativa de tradução: “a respeito do que é (e não é) assim desse modo”.

1027b 31: alternativa de tradução: “o ente assim deste modo é um ente diverso dos entes preponderantes”.

GLOSSÁRIO

aitia, aition. Traduzi “*aitia*” e a maior parte das ocorrências de “*aition*” por “causa”. Talvez essa tradução seja insatisfatória. No entanto, não vejo razão suficiente para adotar a alternativa “*explanação*” ou “*explicação*”, preferida por quase todas as traduções inglesas mais recentes (“*explanation*”). Não devemos pensar em “causa” apenas conforme o “modelo bola-de-bilhar”, nem apenas como fator antecedente capaz de produzir suficientemente o seu efeito. Os dois termos *podem* designar essa noção de causa, mas contemplam um leque maior de acepções, abrangendo de maneira bastante clara toda e qualquer condição que se verifique necessária ou relevante para a produção de um efeito qualquer. Por outro lado, “*aition*” tem alguns usos peculiares. Em 1006a 18, 25, “*aition*” é usado conforme uma acepção trivial, comum na linguagem jurídica: “responsável”, “que se pode acusar de”, “a que se pode imputar”. No capítulo E-3, esse uso trivial parece-me estar na raiz de um uso peculiar, filosoficamente relevante, que a tradução por “causa” corre o risco de obscurecer: em 1027a 8, 29, 32 e b 13, trata-se daquilo que é suficientemente responsável pela produção de um efeito, isto é, aquilo que, longe de ser mera condição necessária, responde plenamente pelo *por que*. Assim, em 1027b 13, traduzi “*aition tou*” por “causa responsável por”.

choriston. Traduzi por “separado”, embora com grande descontentamento (ver *Metafísica - Livros VII-VIII*, Textos Didáticos n. 42, p. 139). Devo observar que, em quase todas as ocorrências nos livros IV e VI (1005a 10, 1026a 8, 9, 11, 14, 15, 16), “*choriston*” reporta-se ao modo de existência da

ousia supra-sensível. No contexto da “semântica ontológica” envolvida na teoria da predicação, “*choriston*” tem outro significado (ver Angioni [2000], p. 124, e Angioni [1998], p. 89-93). Ainda não atinei perfeitamente com as relações exatas entre essas duas esferas de sentido do “*choriston*”: trata-se de um tema difícil, que merece árdua e paciente pesquisa. Apenas após etapas mais satisfatórias dessa pesquisa poderia arriscar-me a propor uma tradução alternativa, que substitua os termos tradicionais “separado” e “separável”.

dianoia. Uma solução protocolar para a tradução desse termo seria “pensamento”. Mas “pensamento” em que sentido? “Pensamento” como “ato ou evento mental, pelo qual pensamos algo”: talvez em 1025b 17 seja esse o sentido; ou então “pensamento” enquanto “concepção de mundo”, etc., tal como dizemos em frases como “o pensamento de Aristóteles, o pensamento de Platão”: esse parece-me ser o sentido em 1009a 16 (ver abaixo); ou ainda, pensamento como “faculdade ou capacidade de pensar”: esse parece-me ser o sentido em 1009a 4, 1012a 2, e em todas as ocorrências no capítulo E-4 (1027b 27, 28, 30, 33, 1028a 1). Nestas últimas, porém, considereei oportuno acrescentar um adjetivo para dar conta da relevância do prefixo “*dia-*”, pois este sugere que a capacidade de pensar procede por meio do discurso, compondo e separando os termos em sentenças predicativas. Assim, traduzi essas ocorrências por “pensamento discursivo”. Há, no entanto, três ocorrências mais difíceis: em 1009a 16, traduzi por “modo de pensar” (o sentido seria o de “pensamento” como “concepção de mundo”, mas considereei insatisfatório, no contexto, traduzir apenas por “pensamento”). Em 1025b 6, traduzi por “raciocínio”. Talvez “racionalidade” ou apenas “pensamento discursivo” fossem soluções igualmente satisfatórias. A ocorrência mais difícil, contudo, sucede em 1025b 25: traduzi por “conhecimento racional”, em atenção a exigências do contexto.

to tini einai. No volume *Ontologia e Predicação em Aristóteles* (Angioni [2000]), com o único objetivo de minimizar cacofonias e evitar o estranhamento do leitor, eu havia traduzido essa expressão sem atender ao dativo. Assim, por exemplo, “*to einai anthropoi*” foi traduzido como “ser homem”, e não como “o ser para homem”. Em alguns casos, essa tradução pode ser mantida. No entanto, é necessário considerar que, do ponto de vista da teoria da predicação, há uma grande diferença entre “*to einai anthropoi*” (com dativo) e “*to einai anthropon*” (com acusativo): a primeira expressão consiste num jargão que equivale ao enunciado *definiens*, que fornece o sentido essencial de “homem” (“*anthropon*”) e estabelece o critério para o uso atributivo desse mesmo termo (“homem é – se define como – o ser para homem”); a segunda expressão, por sua vez, consiste já numa expressão predicativa, na qual o termo “homem” é atribuído a algum item particular que satisfaz o critério estipulado pelo enunciado *definiens* (“__ é homem”). Por isso, em alguns casos procurei manter na tradução a diferença entre essas duas expressões, vertendo o dativo através da preposição “para”.

episteme. Traduzi por “ciência” ou “conhecimento”, de acordo com o contexto. Por um lado, a palavra situa-se numa região difusa, entre duas noções: a noção de conjunto de proposições explanatórias a respeito de um gênero de coisas e a noção de estado cognitivo daquele que sabe algo a respeito de um gênero de coisas. Por outro lado, a palavra pode designar, de acordo com o contexto, uma acepção mais estrita e rigorosa de ciência (a ciência conforme os padrões expostos nos *Segundos Analíticos*: uma disciplina limitada a um gênero, do qual demonstra os atributos, a partir de princípios apropriados, etc.), ou uma acepção mais ampla, na qual se incluiria qualquer disciplina que se pronuncia racionalmente sobre um gênero de coisas (incluindo aí as “técnicas” e a “filosofia primeira”).

pros hen, kath' hen. A primeira expressão foi traduzida por “com relação a algo uno” (ou “em relação a algo uno”), a segunda, por “segundo algo uno”. Estou longe de estar satisfeito com essa solução. Afastei três outras possibilidades: (i) “em relação a um”, “segundo um”: parece-me duríssimo e quase ininteligível em português, visto que “um” é usado sobretudo como artigo indefinido; (ii) “em relação a uma só coisa”, “segundo uma só coisa”: a introdução da palavra “coisa” parece-me sobrecarregar o texto. O centro de convergência designado como “um” não precisa ser necessariamente uma “coisa”; no caso da relação entre os diversos sentidos do “ente”, esse centro é a *ousia*, mas, no caso da relação entre os diversos sentidos do “primeiro”, do “mesmo”, do “semelhante”, esse centro é o significado primitivo de cada um desses termos, e não imediatamente a *ousia* (ver 1004a 24 ss.); (iii) “em relação a algo único”, “segundo algo único”: “uno”, no entanto, parece não ser incompatível com a noção de *unicidade*, expressa por “único”, e tem ainda a vantagem de envolver a noção de *unidade* como *coesão interna*.

hypokeimenon, kath' hypokeimenou. Para a justificativa da tradução de “*hypokeimenon*” por “subjacente”, remeto para Angioni [2000], p. 23 e Angioni [2001], p. 141. Com relação à frase “*kath' hypokeimenou*”, no entanto, cumpre observar que, ao invés de manter a tradução que adotei em *Ontologia e Predicação em Aristóteles* (Angioni [2000]), a saber, “de algum subjacente”, fiz uma ligeira alteração: “a respeito de algum subjacente”.

hypothesis. Esta palavra ocorre poucas vezes nos livros IV e VI: em 1005a 13, 1005b 16 e 1025b 11. Traduza por “hipótese”, e reservo explicações mais detalhadas para a ocasião em que vier a editar uma tradução dos *Segundos Analíticos*. É preciso deixar claro, no entanto, que tal termo não pode ser entendido como se designasse uma mera *conjectura*. Antes, ele designa uma

proposição assumida *sem discussão* como *ponto de partida* para o raciocínio e, em alguns contextos mais particulares (como talvez 1005b 16) designa uma *suposição* transitória, assumida epistemologicamente para fins de averiguação e teste.

kath' hauta. Traduza por “em si mesmo”, e não “por si mesmo”. A expressão quer dizer, no seu sentido mais imediato, “sozinho, isolado”, isto é, sem relação com nenhum pressuposto externo, com nenhuma condição ulterior. Para a tradução de “*ta kath' hauta hyparchonta*” em 1025b 12, ver as notas.

logos. Este termo comporta uma pluralidade de sentidos, da qual Aristóteles se utiliza com tanta desenvoltura que, em alguns trechos de poucas linhas, três delas aparecem quase lado a lado (ver 1012a 19, 21, 23).

- (i) Em primeiro lugar, há uma acepção que corresponde mais ou menos à noção de “*horismos*”, e que traduza por “definição” (1004a 25; 1006b 1, 3, 5; 1006b 26; 1007a 30; 1025b 28) ou “enunciado definitório” (1003b 24; 1025b 29; 1026a 3). Para justificativa mais detalhada dessa tradução, remeto a Angioni [2001], p. 142-3.
- (ii) Em segundo lugar, no confronto com os adversários do princípio da não-contradição, “*logos*” comporta o sentido mais preciso de “argumentação” (1006a 14, 23) ou “argumento” (1006a 2, 14, 26; 1007b 23; 1008a 3, b 13; 1009a 3, 6, 16, 22; 1010a 15; 1012a 19, 25; 1026b 15, 20, 22; 1027b 7) – “argumento” não apenas no sentido de *raciocínio* (ou *silogismo*) *completo*, constituído por proposições encadeadas logicamente entre si, mas também no sentido de *premissa* ou *proposição fundamental* a partir da qual se determina um raciocínio ou silogismo completo; esse uso é corrente em português, em frases como “o argumento de fulano é __”, em que a lacuna, ao invés de ser preenchida pelo silogismo inteiro, preenche-se com a proposição decisiva para o mesmo.

- (iii) Algumas outras ocorrências de “*logos*” talvez pudessem ter sido igualmente traduzidas por “argumento”, mas, em vista de certas peculiaridades do contexto, traduzi todas elas por “enunciado”: 1012a 34, b 1, 14, 16, 20, 21. Não estou absolutamente seguro quanto à maior adequação dessa alternativa. Por isso, convém repetir que esta tradução aqui publicada não almeja ser mais que uma primeira versão provisória.

Enfim, há uma série de ocorrências peculiares:

- (iv) Em 1012a 23, “*logos*” tem um sentido muito próximo àquele apresentado em *De Interpretatione* 16b 26 e 17a 11-15 (remeto a Angioni [2000], p. 105-7); traduzi por “enunciado”.
- (v) Em 1004a 33 e 1025b 10, “*logos*” comporta o sentido de “explicação”: uma explicação equivalente a *prestação de contas* (em inglês: “account”; em francês: “rendre compte”).
- (vi) Em 1012b 6, “*logos*” parece designar o discurso proferido por Aristóteles nas aulas (conforme expressões como “*en tois physikois logois*”); traduzi por “discussão” ou “discussões” (pois este uso freqüentemente vem no plural); não considero conveniente traduzir por expressões solenes como “tratado”, “obras”. Em 1027b 24, também traduzi por “discussão”, embora pudesse talvez ter traduzido por “argumento”.
- (vii) Em 1006b 7, quase mantive minha opção original: “argumentação”. No entanto, parece-me que, nesse contexto, “*logos*” pode vir a designar a própria racionalidade pela qual somos capazes de nos comunicar e formular argumentos através da linguagem articulada. Poderia ter traduzido por “razão”, no sentido de *faculdade da razão*; mas tenho minhas dúvidas; traduzir por “linguagem” também não se me afigurou plenamente satisfatório; considerei a opção “racionalidade”, mas decidi traduzir por “discurso”, no sentido de *faculdade discursiva e racional*.

- (viii) Em 1010a 17, “*logos*” tem o sentido de *razão* ou *razoabilidade*, tal como dizemos em frases triviais como “sua mãe tem razão!”.
- (ix) No contexto de discussão contra argumentos erísticos, “*logos*” aparece como *tagarelice*, *palavrório vazio* (no sentido hamletiano: “words, words, words”); traduzi por “palavras” (1009a 20) e “palavreado” (1009a 21, 1012a 6).
- (x) Em 1011a 12 e 1012a 21, temos as ocorrências mais difíceis. Traduções por “explicação”, “argumento”, “razão”, “discussão” incorreriam em graves riscos. Em 1011a 12, Aristóteles censura os mesmos adversários que, conforme nos diz em 1006a 5-11, exigiam demonstração para tudo. Assim, “*logos*” aqui faz as vezes de “*apodeixis*” (cf. 1011a 13 e 1006a 7-10). Levando em conta que tampouco a demonstração refutativa é uma demonstração positiva do PNC (1006a 11-18), não traduzi por “demonstração”, mas por “fundamento”. As outras opções acima listadas falsificariam, a meu ver, o pensamento de Aristóteles: pois ele admite que o PNC possa ser *discutido*, assim como admite que ele possa ser de algum modo *explicado*, que possamos dele *dar razão* no sentido de *prestar contas*, e que em seu socorro possa vir uma *argumentação* – não apenas a refutação elênica, mas toda a argumentação subsequente empreendida no livro IV. Mas parece-me mais difícil dizer que o PNC possa encontrar um *fundamento* que lhe sirva de princípio anterior, do qual seria dedutível.

on, on hei on. Não temos em português um particípio presente morfológica-mente equivalente ao grego “*on*”. Ao invés do infinitivo “ser” – que não adotei para nenhuma ocorrência de “*on*” –, preferi o termo “ente”, ou então, dependendo do contexto, uma oração relativa, “que é”. Em Aristóteles, o particípio “*on*” não se restringe a designar itens individuais, aos quais costumamos dar o nome de “coisas” e que percebemos como unidades separa-

das no espaço e no tempo, etc.; “on” também pode designar isso, mas designa primordial e preferencialmente um *fato complexo*, constituído pela presença de uma propriedade num subjacente, e expresso através de uma sentença predicativa. Na medida em que *participa* da natureza do nome e do verbo, o particípio “on” abre-se para duas articulações: de um lado, ele pode ser atribuído como predicado e, assim, apresenta uma lacuna para o sujeito e, de outro lado, enquanto verbo, comporta um complemento e, por isso, apresenta uma lacuna para o predicado. Assim, “on” equivale a “*algo que é isto*”. Mas, no seu uso filosófico, o particípio “on” participa também da natureza do substantivo: ele consiste na nominalização dessa relação entre um subjacente e sua propriedade, designada pelo predicado. “Ente”, assim, é *o fato de que tal ou tal subjacente apresenta tais e tais propriedades*.

onoma. Em 1009a 22, o dativo plural “*onomasin*” aparece num sentido mais trivial, que pôde ser traduzido por “palavras”. Em 1012a 24, razões contextuais me convidaram a traduzir por “nome”. No entanto, nos demais contextos (principalmente em 1006a 30 e 1006b 22), a tradução por “nome” seria precária. Pois “*onoma*” não se reporta simplesmente ao sinal lingüístico que usamos para designar uma coisa; pelo contrário, reporta-se ao inteiro fato lógico-lingüístico, pelo qual denominamos uma coisa através de um *termo qualquer*, por pretender que a coisa apresente as propriedades requisitadas para ser assim designada. Mesmo que, em alguns contextos, seja admissível entender que “*onoma*” se reporta precisamente ao sinal lingüístico, não podemos conceber que se reporta apenas ao “nome próprio” da coisa, isto é, à denominação da coisa pelo seu “nome apropriado”, que designa sua essência. Trata-se antes de qualquer denominação, que atribua à coisa uma propriedade qualquer, seja ela concomitante ou essencial (para detalhes, ver os comentários em Angioni [2000], pp. 69-72, 76). Com relação às ocorrências de “*onoma*” em 1006b 2, 5, 8, 11 e 12, abandono a tradução por “nome”,

adotada anteriormente em Angioni [2000], pp. 30-31. Traduzo agora todas essas ocorrências de “*onoma*” por “denominação”.

pragma. Este termo grego designa, inicialmente, aquilo em que está interessado quem fala ou se pronuncia (para detalhes, ver Hadot [1980]). Foi em atenção a isso que o traduzi, em 1005b 10, por “assunto”. Em outras ocorrências (1006b 11, 1009a 26, 1027b 26), traduzi por “coisa”, inclusive em 1006b 22, trecho no qual há uma oposição relevante entre “*onoma*” e “*pragma*”. Essa opção pareceu-me simplesmente um mal menor, diante da falta de alternativas disponíveis. É oportuno lembrar que, com “*pragma*”, às vezes Aristóteles se reporta às coisas em si mesmas, em oposição aos sinais lingüísticos usados para designá-las; no entanto, nem por isso ele acredita que pudéssemos ter acesso cognitivo às coisas em si mesmas numa esfera afásica situada aquém da linguagem articulada e denominativa.

semainein. Estou convencido de que a *filosofia primeira* de Aristóteles apresenta-se como uma “semântica ontológica”, na qual Aristóteles procura discriminar as regras pelas quais as formas da linguagem funcionam consistentemente e remetem objetivamente ao mundo (ver Angioni [1999a] e Angioni [2000]). No entanto, o empreendimento aristotélico não passa por nenhuma padronização normativa em sua terminologia. Com isso, quero dizer que é vão tentar encontrar um único significado para o verbo “*semainein*”, que é decisivo nesse empreendimento. Aristóteles utiliza-se desse mesmo verbo (e eventualmente de outros) para designar operações que, em termos fregeanos, situaríamos respectivamente no terreno do *sentido* e no da *referência*. Mas isso tampouco significa que Aristóteles, por não dispor de uma terminologia padronizada para *marcar* essa distinção conceitual, simplesmente não a tenha concebido, isto é, tenha “confundido”, como metafísico simplório, as diversas facetas do problema da significação. Mas como isso nos levaria

longe demais, paro de provocar o leitor e declaro sem mais delongas que me pareceu oportuno traduzir todas as ocorrências de “*semainein*” nos livros IV e VI por “significar”. O termo “significar” em português é tão vago e tão amplo como o grego “*semainein*”. A única exceção fica por conta de 1026b 1: traduzi por “designar” (tal como em *Met.* V 7, 1017a 23-27 e *Tópicos* I 9, 103b 27). Cumpre ainda esclarecer que modifiquei aqui a tradução de “*semainein kath’ henos*” (1006b 14): ao invés de “significar de algo uno”, como traduzi em Angioni [2000], traduzo agora por “significar a respeito de algo uno”. Por que não “a respeito de algo *único*”, ou “a respeito de *uma só coisa*”? Pelas mesmas razões que me levaram a traduzir a expressão “*pros hen*” por “em relação a algo uno” e não “em relação a uma única coisa” ou “em relação a algo *único*” (ver acima). Além do mais, dado o contraste entre “*semainein hen*” e “*semainein kath’ henos*” (1006b 12-18), pareceu-me oportuno manter uma mesma expressão para traduzir “*hen*” e “*henos*”. E no caso de “*semainein hen*”, há fortes razões para traduzir “*hen*” por “algo uno” e não “algo *único*”: pois, neste jargão aristotélico, a noção de *unidade e coesão interna* talvez seja mais relevante que a noção de *unicidade*.

symbebekos, kata symbebekos. Para justificativa detalhada da tradução de “*kata symbebekos*” por “segundo concomitância”, remeto a Angioni [2000], p. 22 (introdução) e pp. 130-131, 155-157 (comentários). Para justificativa da tradução de “*symbebekos*” por concomitante, remeto ao mesmo volume, p. 21 (introdução) e pp. 122-125 (comentários). Remeto também a estas últimas páginas para a elucidação dos diversos sentidos que “*symbebekos*” preserva enquanto *predicado* ou mesmo *propriedade* qualquer que pertence a subjacentes. Além disso, é preciso ressaltar um ponto importante: em 1003a 25 e 1004b 7 (assim como em *Física* II 2, 193b 32-33), “*symbebekos*” (no singular ou no plural) designa as propriedades que se seguem necessariamente da essência de um subjacente e que, se não contribuem para a

constituição dessa essência, ao menos contribuem para a sua cognoscibilidade científica (ver *De Anima* I, 402b 16- 403a 2, 402a 8, 15). Não tenho certeza, ainda, sobre a melhor alternativa para lidar com essa diversidade de usos: traduzir uniformemente o termo “*symbebekos*”, para deixar claro ao leitor moderno o quão pouco Aristóteles se preocupava com a padronização normativa de uma terminologia; ou traduzir conforme o sentido em cada contexto, mesmo que isso corra o risco de oferecer ao leitor moderno um texto já muito mastigado pela interpretação, e sem as dificuldades que talvez sejam sentidas até mesmo por quem lê o grego fluentemente. Em todo caso, adotei soluções diversas para contextos respectivamente diversos, em 1003a 25, desenvolvi o particípio numa oração relativa: “o que decorre” (tal como fiz também em 1026b 11, mas com relação ao sentido mais usual de “*symbebekos*”: “aquilo que sucede concomitantemente a”); no entanto, em 1004b 7, traduzi o plural “*symbebekota*” por “concomitantes”. A uniformização da tradução, na verdade, parece-me indesejável, sobretudo porque “*symbebekos*” é um particípio, que ora poderia ser melhor traduzido por um substantivo, ora por uma expressão com oração relativa.

techne. Traduza por “técnica”. Uma alternativa plausível seria “arte”. No entanto, embora este último termo, em seu uso clássico, possa ser conveniente, preferi o primeiro, devido aos sentidos mais restritos que “arte” veio a adquirir. Tal como o grego “*techne*”, o termo “técnica” pode designar em geral um saber-fazer, pelo qual o ser humano “imita ou aperfeiçoa” a natureza – isto é, mais do que uma “ciência”, uma habilidade produtiva que envolve um certo conhecimento.

theorein. A tradução por “contemplar” não me parece conveniente. “Contemplar” pode ter o sentido mais geral de “observar”, “considerar”, etc.; no entanto, num contexto filosófico, esse termo não consegue evitar a sugestão

de uma epistemologia neo-platônica, que me parece estranha a Aristóteles. “Contemplar” pode sugerir uma recepção estática e passiva de um objeto dotado de uma transparência intrínseca e imediata. Mas, na maioria das ocorrências nos livros IV e VI, “*theorein*” quer dizer apenas “considerar como objeto de estudo, de exame, de averiguação”. Daí, traduzi por “estudar”.

theoretikos, theoretike. Pelas razões expostas acima, a respeito de “*theorein*”, seria desastroso traduzir “*theoretikos*” por “contemplativo”, sobretudo no contexto de *Metafísica* VI 1, em que Aristóteles denomina a filosofia primeira como “*theologike*” (“teologia”). Traduza por “que estuda” ou por “teórico/a” (em VI 1).

Para outros termos e expressões cuja tradução mereceria comentário, ver Angioni [2000], p. 17-25 (“*hyparchein*”, “*heteron ti on*”) e Angioni [2001], p. 139-146 (“*energeia*”, “*entelecheia*”, “*katholou*”, “*kath’ hekaston*”, “*tode ti*”, “*to ti en einai, to ti esti*”).

BIBLIOGRAFIA

1. Edições críticas e traduções:

- BEKKER, E. (1961). *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter.
- CASSIN, B. & NARCY, M. (1989). *La décision du sens* (Le livre *Gamma* de la *Métaphysique* d'Aristote, introduction, texte, traduction et commentaire), Paris: Vrin.
- JAEGER, Werner. (1957). *Metaphysica*, Oxford: Clarendon Press.
- KIRWAN, Christopher. (1993). *Metaphysics - Books Γ , Δ and E*. Tradução e comentário, Oxford: Clarendon Press, 2ª edição.
- ROSS, D. (1924). *Aristotle's Metaphysics*, a revised text with introduction and commentary, 2 vols., Oxford: Clarendon Press.
- ROSS, David. (1984). *Metaphysics*, in Barnes, J. (ed.), *The Oxford Revised Translation*, Princeton: Princeton Univ. Press.
- SANTORO, Fernando (coord.). (s/data). *Metafísica, Livro IV*, disponível no endereço eletrônico <http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia>.
- YEBRA, Valentín G. (1982). *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.

2. Bibliografia secundária:

- ANGIONI, L. (1998). “‘Não ser dito de um subjacente’, ‘um isto’ e ‘separado’: o conceito de essência como subjacente e forma (Z-3)”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série 3, vol. 8, nº. especial, p. 69-126.
- ANGIONI, L. (1999a). “Princípio da não-contradição e Semântica da Predicação em Aristóteles”, *Analytica* vol. 4, nº. 2, p. 121-158.
- ANGIONI, L. (1999b). *Física de Aristóteles, Livros I-II*, (tradução), Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, col. Textos Didáticos, nº. 34.
- ANGIONI, L. (1999c). *De Anima, Livros I-III (trechos)*, (tradução), Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, col. Textos Didáticos, nº. 38.
- ANGIONI, L. (1999d). *Aristóteles – As Partes dos Animais, Livro I*, (tradução e comentários), *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série 3, v. 9, nº. especial.
- ANGIONI, L. (1999e). Resenha de Charles Kahn, *Sobre o Verbo Grego Ser e o Conceito de Ser* (trad. Maura Iglésias et alli, *Cadernos de Tradução* 1, Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Deptº de Filosofia da PUC- RJ), *Analytica*, vol. 4, nº. 1, p. 148-156.
- ANGIONI, L. (2000). *Ontologia e Predicação em Aristóteles*, (seleção, tradução e comentários), Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, col. Textos Didáticos, nº. 41.
- ANGIONI, L. (2001). *Metafísica de Aristóteles, Livros I-II*, (tradução), Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, col. Textos Didáticos, nº. 42.
- AUBENQUE, P. (1962). *Le problème de l'être chez Aristote*, Paris: Presses Universitaires de France.

- BÄCK, Allan T. (2000). *Aristotle's Theory of Predication*, Leiden: Brill.
- BERTI, Enrico. (1997a). "Philosophie, dialectique et sophistique dans *Metaphysique* Γ 2", *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 51, n°. 201, pp. 379-396.
- BERTI, Enrico. (1997b). *Aristóteles no século XX*, trad. Dion Davi Macedo, São Paulo: edições Loyola.
- BERTI, Enrico. (1998). *As Razões de Aristóteles*, trad. Dion Davi Macedo, São Paulo: edições Loyola.
- BOLTON, Robert. (1976). "Essentialism and Semantic Theory in Aristotle: *Posterior Analytics*, II, 7-10", *Philosophical Review*, LXXXV, n°. 4, p. 514-544.
- BOLTON, Robert. (1993). "Aristotle's Account of the Socratic Elenchus", *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, vol. 11, p. 121-152.
- BOLTON, Robert. (1994). "Aristotle's Conception of Metaphysics as a Science", in Scaltsas, T., Charles, D. & Gill, M. L. (edd.), *Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 321-354.
- BRUNSCHWIG, J. (1963/1985). "Dialectique et ontologie chez Aristote", in Aubenque, P. (ed.), *Études Aristotéliennes – Métaphysique et Théologie*, Paris: Vrin, 1985, p. 207-228.
- CELLUPRICA, Vicenza. (1987). "Logica e semantica nella teoria aristotelica della predicazione", *Phronesis*, vol. 32, n°. 2, p. 166-187.
- CODE, Alan. (1986). "Aristotle's Investigation of a Basic Logical Principle: Which Science Investigates the Principle of Non-Contradiction?", *Canadian Journal of Philosophy*, vol. 16, n° 3, p. 341-358.

- COHEN, S. Marc. (1986). "Aristotle on the Principle of Non-Contradiction", *Canadian Journal of Philosophy*, vol. 16, n° 3, p. 359-370.
- DÉCARIE, V. (1954/85). "La Physique porte-t-elle sur des non-séparés?", in P. Aubenque, (ed.), *Études Aristotéliennes – Métaphysique et Théologie*, Paris: Vrin, 1985, p. 7-9.
- EBERT, Theodor. (1998). "Aristotelian Accidents", *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, vol. 16, p. 133-159.
- FREDE, Dorothea. (1985). "Aristotle on the Limits of Determinism: Accidental Causes in *Metaphysics E 3*", in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/ Bristol: Mathesis Publ./ Bristol Classical Press, p. 207-225.
- FURTH, Montgomery. (1986). "A Note on Aristotle's Principle of Non-Contradiction", *Canadian Journal of Philosophy*, vol. 16, n° 3, p. 371-381.
- GOTTLIEB, Paula. (1993). "Aristotle versus Protagoras on Relatives and the Objects of Perception", *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, vol. 11, p. 101-119.
- HADGOPOULOS, Demetrius. (1976). "The Definition of 'Predicables' in Aristotle", *Phronesis*, vol. 21, n° 1, p. 59-63.
- HADOT, P. (1980). "Sur divers sens du mot 'pragma' dans la tradition philosophique grecque", in P. Aubenque (ed.), *Concepts et Catégories dans la pensée antique*, Paris: Vrin, p. 309-319.
- HAMLYN, D. W. (1961). "Aristotle on Predication", *Phronesis*, vol. 6, p. 110-126.
- HAMLYN, D. W. (1990). "Aristotle on Dialectic", *Philosophy*, vol. 60, p. 465-476.
- HINTIKKA, Jaakko. (1973). "Aristotle and the ambiguity of ambiguity", in *Time and Necessity*, Oxford: Clarendon Press, p. 1-26.

- INCIARTE, Fernando. (1994). "Aristotle's Defence of the Principle of Non-Contradiction", *Archiv für Geschichte der Philosophie*, vol. 76, p. 129-150.
- IRWIN, Terence. (1981). "Homonymy in Aristotle", *Review of Metaphysics*, vol. 34, p. 523-544.
- IRWIN, Terence. (1988). *Aristotle's First Principles*, Oxford: Clarendon Press.
- KAHN, Charles. (1997). *Sobre o Verbo Grego Ser e o Conceito de Ser*, trad. Maura Iglésias et alli, Cadernos de Tradução 1, Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Deptº de Filosofia da PUC- RJ.
- KAHN, Charles. (1966). "O Verbo Grego 'Ser' e o Conceito de Ser", in Kahn, C. (1997), p. 1-32.
- KAHN, Charles. (1972). "Sobre a Terminologia para *Cópula* e *Existência*", in Kahn, C. (1997), p. 63-90.
- KAHN, Charles. (1973). "Sobre a Teoria do verbo *Ser*", in Kahn, C. (1997), p. 33-62.
- KAHN, Charles. (1976). "Por que a Existência não emerge como um Conceito distinto na Filosofia Grega?", in Kahn, C. (1997), p. 91-106.
- KAHN, Charles. (1981). "Alguns Usos Filosóficos do Verbo 'Ser' em Platão", in Kahn, C. (1997), p. 107-153.
- KAHN, Charles. (1986). "Retrospectiva do Verbo *Ser* e do Conceito de Ser", in Kahn, C. (1997), p. 155-195.
- KAHN, Charles. (1988). "Ser em Parmênides e em Platão", in Kahn, C. (1997), p. 197-227.

- LEWIS, Frank A. (1991). *Substance and Predication in Aristotle*, Cambridge: Cambridge University Press.
- LUKASIEWICZ, J. (1910/79). "Aristotle on the Law of Contradiction", in Barnes, Schofield, Sorabji, (edd.), *Articles on Aristotle*, vol. 3, Londres: Duckworth, 1979, p. 50-62.
- MADIGAN, Arthur. (1984). "Metaphysics E 3: A Modest Proposal", *Phronesis* vol. 29, p. 123-136.
- MANSION, A. (1956/85). "L'objet de la science philosophique sùpreme d'après Aristote, (*Métaphysique*, E, 1)" in Aubenque, P. (ed.), *Études Aristotéliennes – Métaphysique et Théologie*, Paris: Vrin, 1985, p. 35-52.
- MANSION, A. (1958/85). "Philosophie première, philosophie seconde et métaphysique d'après Aristote", in Aubenque, P. (ed.), *Études Aristotéliennes – Métaphysique et Théologie*, Paris: Vrin, 1985, p. 53-109.
- MATTHEN, Mohan. (1983). "Greek Ontology and the 'Is' of Truth", *Phronesis*, vol. 28, n° 2, p. 113-135.
- OWEN, G. E. L. (1957/86). "Logic and Metaphysics in some Earlier Works of Aristotle", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London, Duckworth, 1986, p. 180-199.
- OWEN, G. E. L. (1965/86). "Aristotle on the Snares of Ontology", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London, Duckworth, 1986, p. 259-278.
- OWEN, G. E. L. (1966/86). "The Platonism of Aristotle", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London, Duckworth, 1986, p. 200-220.
- PORCHAT, Oswaldo. (2001). *Ciência e Dialética em Aristóteles*, São Paulo: Edunesp.

- SHIELDS, Christopher. (1999). *Order in Multiplicity: Homonymy in the Philosophy of Aristotle*, Oxford: Clarendon Press.
- STORCK, Alfredo C. (1999). Resenha de A. Bäck, *Aristotle's Theory of Predication*. *Analytica*, vol. 4, n. 2, p. 179-187.
- WEIDEMANN, Hermann. (1980). "In Defence of Aristotle's Theory of Predication", *Phronesis*, vol. 25, nº. 1, p. 76-87.
- WILLIAMS, C. J. F. (1985). "Aristotle's Theory of Descriptions", *Philosophical Review*, vol. 94, nº. 1, p. 63-80.
- WILLIAMS, C. J. F. (1986). "Some Comments on Metaphysics E, 2-3", *Illinois Classical Studies*, vol. XI, p. 181-192.
- WOLFF, Francis. (1997). "Le principe de la *Métaphysique* d'Aristote et le principe de la métaphysique de Descartes", *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 51, nº. 201, p. 417-443.
- ZINGANO, Marco. (1997). "L'homonymie de l'être et le projet métaphysique d'Aristote", *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 51, nº. 201, pp. 333-356.
- ZINGANO, Marco. (1998). "Auto-Predicação, Não-Identidade, Separação: Platão, Aristóteles e o Terceiro Homem", *Analytica*, vol. 3, nº. 2, p. 241-259.

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA
REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not
wanted.

À

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES

Textos Didáticos

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

Caixa Postal 6.110

13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

morewa@unicamp.br

Tel.: (0XX 19)3788.1604 / 3788.1603

Telefax (0XX 19) 3788.1589